



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA**

DÍAN BRANDON SOUSA DE OLIVEIRA

**FICÇÕES ESPECULATIVAS E MÚLTIPLOS FINS DO MUNDO: um ensaio
antropológico**

**SANTARÉM-PA
2022**

DÍAN BRANDON SOUSA DE OLIVEIRA

**FICÇÕES ESPECULATIVAS E MÚLTIPLOS FINS DO MUNDO: um ensaio
antropológico.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à
Universidade Federal do Oeste do Pará, como parte das
exigências do Programa de Antropologia e Arqueologia,
para a obtenção do grau de Bacharel em Antropologia.

Orientador: Miguel Aparício Suárez

**SANTARÉM-PA
2022**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA

O48f Oliveira, Dían Brandon Sousa de
 Ficções especulativas e múltiplos fins do mundo: um ensaio antropológico / Dían
 Brandon Sousa de Oliveira. – Santarém, 2022.
 104 p. : il.
 Inclui bibliografias.

 Orientador: Miguel Aparício Suárez
 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do
 Pará, Instituto de Ciências da Sociedade, Programa de Antropologia e Arqueologia.

 1. Raízes - plantas. 2. Raízes - memória. 3. Ailton Krenak. 4. Antropocenos. 5. Ficções
 especulativas. I. Suárez, Miguel Aparício, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 301.0981

Bibliotecária - Documentalista: Mary Caroline Santos Ribeiro – CRB/2 566

DÍAN BRANDON SOUSA DE OLIVEIRA

**FICÇÕES ESPECULATIVAS E MÚLTIPLOS FINS DO MUNDO: um ensaio
antropológico.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à
Universidade Federal do Oeste do Pará, como parte das
exigências do Programa de Antropologia e Arqueologia,
para a obtenção do grau de Bacharel em Antropologia.

Orientador: Miguel Aparício Suárez

Conceito: 10

Data de Aprovação 06 / 07 / 2022

Prof. Dr. Miguel Aparício Suárez – Orientador
Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)

Profa. Dra. Carla Ramos Munzanzu
Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)

Profa. Ma. Roberta Paredes Valin
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Às parentas, parentes, ancestrais, manas, manos, monas, manes e aos demais seres que vivem
a Terra comigo e em mim. *Surara!*

AGRADECIMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação Tecnológica da UFOPA (PROPIT) – código de financiamento 012019. Além do apoio da Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas (FAPESPA) – código de financiamento 022020.

Às e aos meus ancestrais, que sempre estiveram comigo.

À minha avó Benvinda, que também já ancestralizou; por ter me ensinado a cantar, dançar, atuar, ouvir e contar histórias, entre inúmeras coisas, por ter me ensinado a sonhar. Obrigado, vó.

À minha mãe Waldilene, que mesmo sem saber como ou que fazer, esteve comigo nos piores momentos.

Ao meu pai Rosivaldo, que me ensinou a insistir só mais um pouquinho, quando achasse estar no meu limite.

Às minhas irmãs Bia e Taís e ao meu irmão Guilherme, sei que ando sendo um irmão ausente, mas amo vocês e suas existências me nutrem, me fortalecem, mesmo quando pareço não ter mais forças para empurrar, um pouquinho mais, o meu céu desabando.

Ao professor Miguel por me lembrar que posso voar.

À professora Carla por nunca me deixar esquecer que tenho raízes e para onde voltar.

Às pessoas maravilhosas que conheci ao longo dos anos na UFOPA, em especial à Thaís Costa, que foi minha amiga e companheira em momentos amenos e em tempestuosos. Quando penso em você – e em vocês - sempre lembro que existem, ainda, belezas no mundo, que ainda é possível, apesar de todos os pesares.

À Rabbya Fráia que chegou no finalzinho, mas com uma alegria e energia tão gostosa e contagiante, que animou minhas últimas foças para esta empreitada.

“Uma andorinha não faz verão”. Obrigado por serem maravilhosos e gentis, vocês são, parafrazeando Conceição Evaristo, estrelas iluminando a noite escura do meu peito, ainda que estejam, de certa forma, distantes.

“Eles combinaram de nos matar, mas a gente combinamos de não morrer.”

Conceição Evaristo

“Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. [...] O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim.”

Ailton Krenak

RESUMO

O presente trabalho, teve por objetivo refletir acerca de relações-interespecíficas, vínculos entre sociedades e seu entorno "natural", a partir do debate da denominada “virada multiespécies” e no campo interdisciplinar das humanidades ambientais; em diálogo com os saberes indígenas, em especial com Ailton Krenak, intelectual, ambientalista e líder indígena. Acionando como metodologia, devido à pandemia, leituras bibliográficas, pesquisas web, vídeos aula e entrevista. Resultando num mosaico de fronteiras borradas, de saberes e reflexões sobre Antropocenos, em vez de Antropoceno, haja vista que, por conta da imposição da “cultura” ocidental, sobre os demais corpos e seres, quanto mais distantes desse padrão, mais atravessamentos, violentos, incidem sobre esses corpos e seres. Portanto, se faz necessário descentralizar e pluralizar. Essa imposição cartesiana, maniqueísta, se mostra um projeto de extermínio contra a diversidade, às múltiplas maneiras de ser e estar; de vida. A partir disso, uma vez inserido nas discussões contemporâneas, se parte para uma discussão junto da literatura de Ficção Especulativa (SF), com o intuito de encontrar traduções multinaturalistas entre corpos e seres, uma vez que a ficção pode ir além da etnografia clássica, historicamente paralisada por essas barreiras. Para tal, se fez necessária leitura de três autoras-chave cujas obras literárias foram retomadas na cena contemporânea para-além-do-humano, das etnografias multiespécies e do pensamento sobre o Antropoceno e Capitaloceno. Resulta que, embora a retirada do “humano” do “centro do universo” seja imprescindível, não se pode esquecer as questões sobre qual humano falamos, além de ser de igual importância que se busque reparar os danos causados, uma vez que não poderão ser apagados, tampouco devem ser esquecidos. É imprescindível uma postura de contra-monocultura e pró-diversidade para além das pessoas, mas isso não pode significar esquecer as consequências desse mesmo humano no centro do universo, naquilo que diz respeito às vivências de pessoas contra-hegemônicas.

Palavras-Chave: Raízes-plantas. Raízes-memória. Ailton Krenak. Antropocenos. Ficção Especulativa.

ABSTRACT

The present work aimed to reflect on interspecific relations, links between societies and their "natural" surroundings, based on the debate of the so-called "multispecies turn" and in the interdisciplinary field of environmental humanities; in dialogue with indigenous knowledge, especially with Ailton Krenak, intellectual, environmentalist and indigenous leader. Acting as a methodology, due to the pandemic, bibliographic readings, web searches, videos, class and interview. Resulting in a mosaic of blurred borders, of knowledge and reflections about Anthropocenes, instead of Anthropocene, given that, due to the imposition of Western "culture", on other bodies and beings, the further away from this pattern, the more crossings, violent, focus on these bodies and beings. Therefore, it is necessary to decentralize and pluralize. This Cartesian, Manichean imposition proves to be a project of extermination against diversity, the multiple ways of being and being; of life. From this, once inserted in contemporary discussions, it starts with a discussion with the literature of Speculative Fiction (SF), in order to find multinaturalist translations between bodies and beings, since fiction can go beyond classical ethnography, historically paralyzed by these barriers. For this, it was necessary to read three key authors whose literary works were taken up in the contemporary scene beyond the human, the multispecies ethnographies and the thinking about the Anthropocene and Capitalocene. The result is that, although the removal of the "human" from the "center of the universe" is essential, one cannot forget the questions about which human we are talking about, in addition to being of equal importance that we seek to repair the damage caused, since they cannot be repaired. erased, nor should they be forgotten. A stance of counter-monoculture and pro-diversity beyond people is essential, but this cannot mean forgetting the consequences of that same human being at the center of the universe, in what concerns the experiences of counter-hegemonic people.

Key Words: Roots-plants. Roots-memories. Ailton Krenak. Anthropocenes. Speculative Fiction.

LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

PIBIC - Projetos de Iniciação Científica

SF - Ficção Especulativa

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

RESEX - Reservas extrativistas

T.I - Terras Indígenas

Apib - Articulação dos Povos Indígenas do Brasil

Sci-fi - ficção científica

UTI's - Unidade de Terapia Intensiva

PENSSAN - Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional

TTV - Tratamento Terapêutico Voluntário

TTO - Tratamento Terapêutico Obrigatório

EEG - eletroencefalograma

UHPD - Utilidade Humana: Pesquisa e Desenvolvimento

FAPESP - Fundação de Amparo à pesquisa do Estado de São Paulo

STF - Supremo Tribunal Federal

CPI - Comissão Parlamentar de Inquérito

ANTRA - Associação Nacional de Travestis e Transexuais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 - RAÍZES VIVENCIAIS: ARTES DE VIVER E MORRER OS ANTROPOCENOS	12
1.1 “Os povos indígenas não vivem na floresta, vivem <i>a</i> floresta”	14
1.2 Sujeitos coletivos, e o pretense indivíduo Universal	15
1.3 Mito da Sustentabilidade	16
1.4 O ódio a Natureza e o além da perda utilitária da biodiversidade	17
1.5 Vidas, mortes e Necropolítica	18
1.6 Pequena reflexão sobre o “pós-humanismo”	20
1.7 Ciência branca, Virada Ontológica, Virada Pragmática e Discursos falaciosos	21
1.8 Voltando às Raízes	22
1.9 Artes de viver e morrer os Antropocenos.....	24
1.10 Conclusão.....	25
INTERVALO	26
I parte: Antropologia e Literatura de Ficção Especulativa	27
II parte: Relação humano-planta nos Antropocenos.....	39
CAPÍTULO 2 - ANTROPOLOGIA E LITERATURA DE FICÇÃO ESPECULATIVA – ENSAIOS	46
2.1 A Curva do Sonho – Ursula K. Le Guin	46
2.2 A Parábola do Semeador – Octavia E. Butler	60
2.3 O Conto da Aia – Margaret Atwood	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS	98

INTRODUÇÃO

Até o Holoceno, não houve interferência humana, significativa, nas mudanças ocorridas no planeta Terra. A partir de então, processos antrópicos, inegavelmente, surtiram efeitos catastróficos em nível planetário. Logo, se julgou necessário a nomeação de uma nova época. Ao período de colapsos de sistemas, extermínios em larga escala, intoxicação da vida, com “dedos humanos”, chamou-se Antropoceno. O sufixo “ceno” denota era/épocas geológicas. Antropo, por sua vez: “humano”. No entanto, há discussões sobre o termo, uma vez que não há acordos sobre o momento exato em que tal época geológica começou, além de que a questão humana entrou em discussão, uma vez que nem todas as pessoas e “culturas” tiveram o mesmo impacto nessas transformações em curso. Para além disso, opto pelo plural. Utilizo então “antropocenos”, haja vista que, por conta da imposição da cultura ocidental - (cis)tema homem-branco-hétero-euro-americano-cristão-burguês sobre os demais corpos e seres -, quanto mais distante desse padrão, mais atravessamentos, violentos, incidem sobre esses corpos e seres. Portanto, se faz necessário descentralizar e pluralizar. A partir desse padrão, às subjetividades, declara-se guerra. E é nesse ponto em que a ficção especulativa e as artes no geral, se encontram-borram as fronteiras com antropocenos, corpos, seres, vivências. Afinal, a justificativa para que estas sejam pouco valorizadas, ou mesmo desprezadas, é a subjetividade nelas investida, como veremos.

Esse trabalho foi elaborado a partir de dois “Projetos de Iniciação Científica (Pibic)”. No primeiro capítulo trago os resultados obtidos a partir do primeiro projeto, realizado entre agosto de 2019 e julho de 2020, que teve como tema os engajamentos humano-vegetais indígenas. Surgido a partir do crescente debate sobre o “excepcionalismo humano”, antropocentrismo, concepções ontológicas modernas acerca das ideias – conceituais e práticas – sobre domesticação, no seu sentido clássico, plantas semidomesticadas, práticas agroflorestais, processos de familiarização, dependência mútua. Buscou-se ir além, através de leituras bibliográficas, vídeos-aulas, entrevistas em plataformas digitais; promovendo um maior encontro entre as temáticas, possibilitando conhecimentos, reflexões e transbordamentos das pautas antes mencionadas, somadas às questões indígenas de vivenciarem a natureza – pondo em cheque o excepcionalismo humano; sua presença como uma, dentre as múltiplas no fluxo terraformador -; tendo como centro desta última questão, os conhecimentos do intelectual e ambientalista indígena Ailton Krenak; visto que não fora possível um trabalho etnográfico mais ativo, por conta da pandemia do novo corona vírus.

Dentro das temáticas já mencionadas, fora desenrolado reflexões - sem pretensão à uma resposta pronta e acabada para as questões pautadas no plano deste trabalho – sobre raízes-como-plantas, raízes-como-memória-ancestral; antropocenos como experiências profundamente marcadas pelas subjetividades dos sujeitos; onde inúmeros fatores devem ser levados em consideração, portando se fazendo necessário o plural; a sustentabilidade como mito, dentro das lógicas e práticas capitalistas; a importância crucial da biodiversidade, consequências e responsabilidades por e na sua perda; Necropolítica: base da modernidade; pequena reflexão sobre pós-humanismo e “sub-humanos”; virada ontológica, multirrealismo e discursos falaciosos; a importância de apreender a morte como parte da vida, sem diminuir ou aliviar as responsabilidades por práticas de necropolíticas.

Entre o primeiro e segundo capítulo, se encontra o que chamamos de “Intervalo”, uma tentativa de tecer uma dobradiça entre as duas partes deste trabalho, na busca de amarrá-las e tornar mais perceptível a imprecisão de suas fronteiras, ainda que soe paradoxal. Imaginemos os micélios, os filamentos fúngicos que conectam raízes de árvores, entre-atraves de si. Os mesmos ajudam tais vegetais no processo de nutrição e recebem ajuda no mesmo processo, além de possibilitar formas de comunicação entre os vegetais conectados por meio destes. Embora possam haver simbioses mal sucedidas e precárias, fungos patológicos são uma realidade; esperamos que não seja esse o caso deste trabalho. No entanto, uma vez que começamos este com a abordagem da relações humano-planta nos antropocenos, neste intervalo inverteremos a ordem dos assuntos, de modo a abordar primeiro antropologia e literatura de ficção especulativa. Como árvores vizinhas, cujos galhos e raízes ao se sobreporem e se emaranharem, podem confundir e, quem sabe, mesmo? *Se confundirem.*

O segundo capítulo, traz os resultados do trabalho realizado entre janeiro e setembro de 2021, como parte do projeto de pesquisa: “Relações interespecíficas na Amazônia: domesticação, mutualismo e contradomesticação”. Com o objetivo de uma inserção na discussão contemporânea que questiona a unilateralidade humana antropocêntrica e o excepcionalismo humano com outros vivos. Sendo assim, do ponto de vista antropológico, o desafio de uma antropologia que não excessivamente humanista, nos leva a novas formas de etnografia, na busca de traduções multinaturalistas entre os vivos. A partir de tal projeto de pesquisa, foi realizado o plano de trabalho “Antropologia e ficção Especulativa”, onde uma vez inserido nas discussões contemporâneas da denominada “Virada Multiespécies” e no campo interdisciplinar das humanidades ambientais, se parte para uma discussão junto da literatura de “Ficção Especulativa (SF)”, justamente com o intuito de encontrar aquelas traduções

multinaturalistas entre os viventes, citada acima, uma vez que a ficção pode ir além da etnografia clássica, historicamente paralisada por essas barreiras. Para tal, se fez necessária leitura de autoras-chave cujas obras literárias foram retomadas na cena contemporânea para além-do-humano, das etnografias multiespécies e do pensamento sobre o Antropoceno e Capitaloceno, cujas autoras e obras são respectivamente: Ursula K. Le Guin, com *A Curva do Sonho*, Octavia E. Butler, com *A Parábola do Semeador* e Margaret Atwood, com *O conto da Aia*. Uma leitura incisiva e inspiradora de tais obra de Ficção Especulativa, não poderia deixar de ser feita, uma vez que as contribuições inovadoras de Donna Haraway, Isabelle Stengers e Anna L. Tsing, nos seus trânsitos entre antropologia, filosofia, biologia e arte, nos propõem. A partir de cada obra lida, foi feito um ensaio, que articula uma discussão entre a obra em si, outras autoras e autores, de maneira interdisciplinar – também fontes outras que não as, estritamente, acadêmicas -, além de recortes de eventos históricos e atuais, amplos e específicos, de maneira a borrar as fronteiras, especulando, misturando.

CAPÍTULO 1 - RAÍZES VIVENCIAIS: ARTES DE VIVER E MORRER OS ANTROPOCENOS

Outro dia estava no quintal, plantando umas mudas, de repente me dei conta de que raízes são comumente associadas, por povos coletivos, em diáspora africana, populações indígenas; a memórias, ou melhor, “memória ancestral” (KRENAK, 2019). Os sistemas radiculares das plantas são sua parte mais importante, são redes que possuem inúmeros centros de comando e cujas extremidades se aventuram, averiguando o solo e buscando nutrientes necessários, e/ou seres com os quais associarem-se, como fungos, por exemplo; crescendo em direções várias, guiando-se pelas informações coletadas por todos os centros de comando, que compartilham entre si; “como uma espécie de cérebro coletivo, ou melhor, de inteligência distribuída em uma superfície que pode ser enorme” (MANCUSO, 2017, p. 88). Ainda, segundo Mancuso (2017), o último ancestral comum entre as plantas e os animais, remontam a 600 milhões de anos; e estima-se que pelo menos 80% da biomassa na Terra, seja vegetal. No dicionário online de português (Dicio), temos que vegetais são seres orgânico, porém quase sempre privados de sensibilidade e de movimento. Não é de se surpreender que a “cultura ocidental”, perceba as plantas como seres tão pouco interessantes, ou simples ornamentos; como descartáveis, e até mesmo, como temos visto no cenário brasileiro de descaso e até incentivo ao desmatamento – extermínio simultâneo de populações humanas e vegetais e seus

arranjos -, como desnecessárias, cuja relevância pode ser suprida por pequenos lotes verdes, no campo de futebol que querem transformar o planeta, como diria Ailton Krenak. Por outro lado, entre os sinônimos da palavra vegetar estão: medrar, crescer, viver. Por acaso descobri que o ser humano é o único animal que se vicia em pimenta, segundo Mancuso (2017), elas se especializaram ao longo do tempo em “escravizar” humanos. A *boquila trifoliata* é conhecida como uma planta bastante habilidosa na arte de se camuflar, mudando a cor e formato das folhas a depender da situação que está envolvida. Ainda no começo do ano, vi o vídeo da cientista Monica Gagliano, da *University of Western Australia*, onde ela grava a canção dos girassóis. Segundo a revista eletrônica *Jornal Tribuna Livre*, para a cientista, isso é o resultado de uma poderosa “vibração de Gaia”, o efeito da vibração dos mantras na matéria; um estudo científico que possibilita ir além da ciência.

Formulado por Paul Crutzen, Nobel de química em 1995, Antropoceno é um termo cujo prefixo “Antropo”, significa Humano; e o sufixo “Ceno”, denota eras/épocas geológicas. Portanto, a época que estamos vivenciando é a em que o humano¹ passou a ter um papel atuante tão significativo – impactante – que se fez necessário tal nomeação.

Até o Holoceno, as mudanças ocorridas no planeta advinham de transformações “naturais”, sem a interferência humana, e ocorriam de forma lenta, se contrapostas ao tempo de vida humana, e sua presença na Terra; no entanto, segundo Donna Haraway (2016), em algum momento – ainda não se chegou à um consenso -, as ações humanas começaram a afetar as condições do planeta, causando transformações tão drástica, que se tornou plausível pensar uma nova época, chamando então de Antropoceno. Também fora pensado em termos de Capitaloceno, que por sua vez, aponta que a nova época, não é um legado de todas as humanidades, e sim, mais precisamente, das capitalistas, por conta da corrida devoradora do capital. Porém, outros pensadores defendem que começou antes do capitalismo em si; no período da gênese das *plantations*, da monocultura extensiva, que começou há alguns milhares de anos, no Oriente próximo, antiga Mesopotâmia; sugerindo o termo Plantationoceno. Haraway (2016), no entanto, propõem o termo Chthuluceno, argumentando que essas transformações ocorridas e que seguem em curso, não são apenas das atividades humanas – capitalistas ou não -, e não afetam também, somente elas; são transformações que envolvem arranjos de espécies orgânicas e atores abióticos, pois nenhuma espécie age sozinha. Ainda,

¹ Humano, no singular, uma figura que merece reflexão, pois enfatiza uma ideia universal de humano, destacando o imaginário e atuação colonial; uma vez que as atuações de algumas humanidades se sobressaem às outras, no desenrolar de tal época. Bem como coloca em evidência a arrogância antropocêntrica que fecha os olhos a demais atores terraformadores (e reformadores) da Terra, como diria Donna Haraway; que apresentarei a seguir.

citando Anna Tsing, Haraway (2016) fala do Antropoceno como o estado de extermínio de espaço-tempo de refúgios – e seres. Sendo assim, este deve ser como a fronteira K-Pg entre o Cretáceo e o Paleogeno; que seja o mais curto possível, se fazendo necessário trabalhar, levando em consideração os arranjos, para a reconstrução de potenciais refúgios.

Segundo Ailton Krenak (2019), o Antropoceno pode ser pensado como o desastre do nosso tempo. Na época das invasões, fora deixado um rastro gritante de mortandade por onde os invasores passavam, ou onde suas presenças bacteriológicas, chegavam; aquele foi o fim do mundo para muitas pessoas, para muitos arranjos. A ideia do Antropoceno está centrada na figura humana como o sal da Terra. Em vez de buscar fugir da queda, ou excluí-la, devemos nos atentar para a construção de paraquedas coloridos, alternativas onde múltiplos mundos possam existir juntos. O “uno” não fortalece.

O Antropoceno, ou demais conceitos que podem ser acionados para falar do período do colapso da biodiversidade, extermínio de refúgios, do rastro de mortandade sendo derramado, no tempo-espaço da Terra, com muitos dedos dessa humanidade que pensamos ser – como diria Krenak -, varia. No que diz respeito às humanidades, varia a depender de inúmeros fatores, por exemplo: lugar geográfico, posição na estrutura social - se pobre ou rica e o quanto -, cor da pele, etnia, traços fenotípicos, genotípicos, gênero, sexualidade, idade, credo, PCD etc. No que diz respeito às outras espécies e seres, também varia, a depender também de inúmeros fatores². As vivências e sobrevivências, são transpassadas, atravessadas de diversas maneiras, graus e temporalidades; os seres vivenciam e contribuem para o vivenciar de variados antropocenos.

1.1 “Os povos indígenas não vivem na floresta, vivem a floresta” (KRENAK, 2020 - youtube)

A ideia de separação entre natureza e cultura, ou seja, humanidade e natureza, está na base das aspirações modernistas, como fim e meio para inúmeras “conquistas” de uma parcela da “Humanidade”, que se beneficia do extermínio, tanto quanto se consiga, das populações de seres que não integram essa Humanidade. Uma abstração que atuou de maneira significativa para esse momento em que estamos - referindo-me, inclusive, a pandemia –, bem como o que ficou conhecido por algumas pessoas, como Antropoceno. E como muitas e muitos intelectuais vêm apontando, a modernidade é uma máquina de extermínio de corpos, de subjetividades, de memórias, de sentidos; é uma política de morte. A razão, do imaginário

² Falarei um pouco mais sobre tal mais a frente, ao falar sobre perda da biodiversidade.

Ocidental, essa coisa abstrata, como a “verdade do sujeito”, o marcador de superioridade, é um dos fatores cruciais para a produção de corpos descartáveis, para esse extermínio (MBEMBE, 2018), bem como para o epistemicídio³. O Antropocentrismo, fator importantíssimo para os eventos que estamos vivenciando, fez – e faz - um esforço descomunal para separar-se dos demais terranos, nessa lógica capitalista onde tudo se torna coisas a serem consumidas, inclusive pessoas. Ao criar e criar-se nessa abstração de civilidade, permitiu-se esquecer-se como parte de um emaranhado – emaranhando, pois em constante movimento -, da vida como um devir, de que ser é tornar-se com as demais, através e em. O indivíduo, fazendo jus a categoria. “Ou você ouve a voz de todos os outros seres que habitam o planeta com você, ou faz guerra contra a vida na Terra” (KRENAK, 2020, p. 37).

1.2 Sujeitos coletivos, e o pretense indivíduo universal

Em algumas entrevistas, facilmente acessáveis, Ailton Krenak se posiciona como um sujeito-coletivo, um sujeito que carrega consigo e em si, memórias ancestrais; que entende a Terra como sua mãe; que montanhas, rios, matas, todos os mais variados seres possuem subjetividades, importam. Segundo o censo realizado pelo “Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)” em 2010, existem pelo menos 305 povos indígenas no Brasil, 274 línguas indígenas. Entre esses povos, alguns que já tinham sido dados como extintos, incluindo o povo Krenak; vale lembrar do período da “História”⁴, em que estudiosos estavam correndo por todo o globo, nas terras saqueadas, saqueando um pouco mais, levando utensílios, objetos, materiais para os museus – e mesmo pessoas para serem expostas em circo como seres exóticos⁵, no sentido totalmente pejorativo do termo; e/ou para reis e rainhas em suas cortes. Acreditavam – desejavam -, que não tardaria para que esses povos fossem extintos, e/ou engolidos pela máquina monocultural integracionista da dita civilização; ainda em curso. Pensando nesses 305 povos e entre eles 274 línguas, abre um leque de possibilidades, de multiversos, de pluralidades que são fatores justamente negados pelo discurso integracionista, sufocados pela imposição da monocultura, da civilização capitalista. Um ponto interessante para refletir, é de que um dos

³ Sugiuro Carneiro (2005), sobre a temática.

⁴ Por quem a História é contada? A História contada pelo ponto de vista do colonizador recebe o H; o ponto de vista de povos de territórios invadidos, recebe o título de história, estória, lenda, mito, num sentido deslegitimador. A pré-História se encerra no período em que se é inventada a escrita, reza a lenda; muitos dos povos de territórios invadidos e saqueados, no período das invasões, repassavam seus conhecimentos, mais precisamente, pela oralidade. Não possuíam escrita tal qual os colonizadores.

⁵ Para mais informações sobre esta situação, acessar: <https://www.geledes.org.br/sarah-baartman-a-chocante-historia-da-africana-que-virou-atracao-de-circo/>

principais requisitos para qualquer currículo, na atualidade, seja o inglês; a “língua universal”. Ora, se pensarmos em como a linguagem, o meio em que vivemos trocam informações com nossos organismos, numa construção coletiva daquilo que viremos a chamar de eu; se não somos biologicamente anteriores à cultura, tampouco culturalmente anteriores à biologia (INGOLD, 2000); se trata, então, de outra tática colonialista, na tentativa incansável e altamente adaptável de uniformizar tudo, de assassinar mundos; tudo cheira muito mal nessa razão iluminada. O “viver a natureza” em vez de “viver na natureza”, não pode ser compreendido como uma simples mudança na frase, ou como uma metáfora poética enfeitada, as próprias existências, e resistências de povos originários, mostram que é bem além. Viver a natureza também consiste em aprender a morrer. Não aprender a morrer é “uma espécie de alienação de si” (KRENAK, 2020).⁶

1.3 Mito da Sustentabilidade (KRENAK, 2019)

Ao nos pensarmos como exteriores à Natureza, essa ideia de Natureza na qual há muito nos embalamos, nos deixamos levar pela suposição de que podemos assaltar a Terra de maneira voraz, e nos convencer de que não é tão fatal assim, de que há uma abundância eterna, uma fonte inesgotável, e que tudo que precisamos fazer, é deixar pequenos espaços para que ela – a suposta Natureza -, possa se refazer, se reinventar e continuar sendo tal fonte (KRENAK, 2019). O que há de sustentável, tal como se supõem o termo, na grande aposta na civilização-progresso-desenvolvimento? Enquanto o Pantanal está em chamas, populações inteiras sendo massacradas pelo fogo, verbas para as brigadas sendo cortadas, populações indígenas e não indígenas a se locomoverem para ficarem a salvo dos incêndios, assim, expondo-se ao novo corona vírus; ambientalistas e líderes sendo assassinados, áreas indígenas invadidas por garimpos, por grileiros; cemitérios de abelhas causado pelo avanço do agronegócio⁷, o abismo crescente entre “pobres” e “ricos”, que aliás é base do capitalismo; Brasil como um dos maiores exportadores de alimentos, e milhares de pessoas nas filas da Caixa para receber R\$ 600,00 ou R\$ 1200,00 mensal – com inúmeros casos de parcelas atrasadas e dificuldades de inscrições no programa de Auxílio Emergencial -, reduzidos pela metade após a sexta parcela; e o preço da cesta básica em contínua subida. Apesar das vacinas de combate ao novo corona vírus ainda em processo de testes e seus desdobramentos, 51% delas foram compradas pelos países mais

⁶ Em entrevista concedida a Lili Schwarcz, disponível em seu canal, no *YouTube*.

⁷ Ver mais em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52776670>

ricos do mundo, que possuem apenas 13% da população mundial; então talvez devêssemos mudar a pergunta inicial para: sustentável para quem e até quando?

O desenvolvimento – com bandeira sustentável ou não -, parte daquele princípio, equivocado – um incidente, não um acidente; evocando Ailton Krenak -, de que estamos dentro de uma corrida linear, sempre em frente, para um futuro mais pleno e realizado. O custo de tal progresso, são inúmeros e devastadores. A grande aposta do “Brasil”, nesse sentido, é o Agronegócio, negócio que movimenta bilhões todos os anos, como se pode perceber assistindo a Globo por no máximo vinte minutos seguidos, o “agro é pop”⁸. Hectares e Hectares de terra desmatados para produção em massa de grãos e criação de animais para a indústria alimentícia. O quanto isso custou e custa às populações de animais, insetos, plantas, fungos, encantados, e mesmo de humanidades, ou parafraseando Krenak (2019), “sub-humanidades”? Na perda das biodiversidades, existe muito mais em jogo do que supõe, boa parte, dessa vã racionalidade.

1.4 O ódio a Natureza e o além da perda utilitária da biodiversidade

A aversão ao mundo animal – à Natureza -, que nenhum outro povo levou tão à ferro e fogo como o Ocidente, serve de meio e fim para essa incisão compulsória, com efeitos tangíveis, palpáveis. Nesse esforço de separação, a morte ao inimigo não é exceção, mas a regra. No correr dos séculos, as populações outrora camponesas, locomoveram-se para as cidades, promovendo maior distância entre estas e os emaranhados diversos das vidas, de ecossistemas – no sentido mais profundo do termo, não apenas relegado à cadeia alimentar e reprodução -; o que possibilitou ainda mais distanciamento sobre a dimensão de diversidades de seres vivendo juntos, suas importâncias em si, e para si (LESTEL, 2013); sendo estas últimas, ofuscadas, dramaticamente, pela luz do ego inflado, que relega as demais formas de vida a uma importância utilitária para as indústrias e seus clientes. Daí a diminuição de possibilidades de um mais saudável possível, desenrolar da vida humana em seus arranjos. Segundo Lestel (2013), daí a confusão em suas imaginações – ocidentais - no que se refere a formas de vidas de outros seres – no que se refere à própria vida, incluindo populações, cujas humanidades são negociações constantes, que não se veem em separado do que possa ser a Natureza, veem a Natureza como vida, como fluxo do qual e no qual fazem parte. Se o afastamento geográfico, tanto quanto se pôde, de variadas formas de vida, causou um enfraquecimento na capacidade

⁸ Ver: <https://g1.globo.com/economia/agronegocios/agro-a-industria-riqueza-do-brasil/playlist/videos-agro-a-industria-riqueza-do-brasil.ghtml>

imaginativa; o atual colapso da biodiversidade tem um peso enorme no que tange as multiplicidades de formas vivenciais que podemos inventar e reinventar. Multiversos se fazem tão necessários quanto urgentes em tempos tão sombrios e incertos. O espaço da semiosfera, espaço de significados (LESTEL, 2013) do desenrolar de vidas e da própria imaginação desses seres que vivem(os) juntos e buscam(os) independente de especismo, ou apesar do especismo, significados nos desdobramentos das existências; ao ser reduzido cada vez mais, abre várias fraturas e cortes profundos, que sangram e fazem sangrar. É uma roda assassina-suicida, que como tal sugere, é agredida ao agredir e vice-versa. Quando encaramos o fato dos povos originários, tal como diz Ailton Krenak, viverem a natureza e não nela, como seres-devires, em que o mundo é criado e recriado o tempo todo, podemos ter um vislumbre do poder que esse modo de ser-estar, relacionar-se, carrega; bem como, da tolice – usando de eufemismo -, que é imaginar-se senhores da Terra, imaginar-se como seres domesticando, ou mesmo domesticando e sendo domesticado a e por, uma vez que se trata tão simples e complexamente de viver o/no fluxo, observando-o em si, além de si, através, até onde se for capaz de ir ao seguir o emanhado- emaranhando de existências que se me misturam, se afetam, embolam, enrolam, e desenrolam. Aprender com, estar atento, fazer ao ser feito e vice-versa. O pretensão distanciamento embola os sentidos e aqui chegamos à um ponto culminante da história onde junto ao colapso da biodiversidade, podemos vislumbrar a extinção das pessoas a caminho. Mas ao que tudo indica, tal fato ainda pode ser ignorado, enquanto tiver mais um pedaço da Terra para exaurir, enquanto se pode viver bem, mantendo à distância qualquer coisa que possa denunciar de forma grotesca, que o bem-estar de alguns, é a miséria da maioria, é a sobrevivência como se possa, da maioria.

1.5 Vidas, mortes e Necropolítica

Quando Ailton Krenak, se atrevendo a “aborrecer alguém”, nos diz que os povos originários são povos que aprenderam a morrer, contrapondo ao Ocidente que não aprendeu a morrer, nem parece querer aprender; nos chama mais uma vez a atenção para a fluidez da vida, para essa natureza sendo criada e recriada o tempo todo. “Nunca vai ocorrer a um peixinho que o oceano tem que ser útil, o oceano é a vida” (KRENAK, 2020, p. 59). Este usa constantemente natureza e vida como sinônimos, e a morte como uma experiência que é influenciada, profundamente, pela própria experiência de estar vivo. A morte não é temida porque a experiência da vida é coletiva, e a morte como parte da vida também o é; existem com seus ancestrais, neles próprios e em seus arredores, e ao morrerem não se perderão num

“esquecimento eterno”, tampouco se sentirão inferiores, e assim à parte da vida, pois estarão aqui e em seus parentes, serão ancestrais de alguém. “Os povos ameríndios e todos os povos que têm memória ancestral carregam lembranças de antes de serem configurados como humanos” (KRENAK, 2020, p. 29).

Esse não aprender a morrer, ocidental, não é nem de longe apenas um detalhe, muito menos irrelevante. Na base do projeto da modernidade, esse conhecimento de ignorar a morte, se desdobra em outras facetas, em que a morte se faz tão importante quanto a vida, ou melhor, tão importante para a vida que detém o poder de matar e/ou deixar morrer. Nas formas de soberania, cujo projeto central é “a instrumentalização generalizada da existência humana e a destruição material de corpos e populações” (MBEMBE, 2018, p. 10 - 11); a própria soberania demanda a morte, e essa morte vai além dos corpos biológicos; a morte biológica do corpo em si – na ideia estrita da Biologia -, é por vezes o último estágio de um longo e brutal processo do fazer ou deixar morrer. Observando por exemplo, nestes contextos pandêmicos, como a covid-19 não afeta de forma democrática as populações, uma série de fatores se somam para facilitar ou dificultar a disseminação viral e suas consequências (TORRES e LINKE, 2020). Para além dos corpos biológicos existe a questão do integracionismo, além da banalização e extermínio das vidas cujas formas físicas não se assemelham, com aquelas humanas e sub-humanas, e/ou estão distantes do convívio e/ou afeto. O sujeito encontra sua verdade, ao enfrentar a morte, negando-a sobre si e a infligindo sobre o “Outro”. Onde, citando Bataille, “a vida [bem como a soberania] é falha apenas quando a morte a toma como refém” (MBEMBE, 2018, p. 13). Longe de ser um acidente, a atual situação de uns 500 anos para cá – o tempo linear não dá conta -, é um incidente, como diria Ailton Krenak. É um projeto cujos meios e fins se embaralham, enrolam, se autoalimentam, numa fome insaciável, incapaz de uma “simbiose benéfica”. Atuam para que todes se curvem a esse modo de vida e morte, que se permitam embotar de seus sentidos e encherem-se com o vazio de uma ganancia infinda; e articulam previsões, como quando saíram na busca de artefatos de povos colonizados, teorizando suas extinções, durante o período das invasões. Não é uma coisa enterrada no passado, uma vez que segue acontecendo⁹; coisa antiga, como citei anteriormente, coisa antiga-atual. Ainda assim, como plantas brotando e rompendo concreto, artes de encontrar caminhos, ou mesmos ramais, alternativos, brotam; para além das sobrevivências, inventando vivências. Abrir espaço, e abrir mesmo, não “dar voz”, mais aprender com, fazer com, se permitir afetar e ser afetado (DESPRET, 2011), por ontologias das mais variadas, sem pretensão à uma simetria de falácia,

⁹ A título de exemplo, acessar o site: https://www.mzunguexpeditions.com/home_en

mas engajades com as múltiplas maneiras de ser-devir com e no mundo, não somente pela pretensão de frearmos uma extinção em curso, mas pela tentativa do reparo de falhas, que devemos a toda e “qualquer” população acertada em cheio, por esse projeto de extermínio, pelo endurecimento da sensibilidade como a capacidade de respeito mínimo por esta Terra e todas as criaturas e seres com as e os quais terraformamos, criamos e recriamos a vida, e nesse fluxo constante que ela é, que somos; é o mínimo.

Há mais de quinhentos anos existe esse projeto necropolítico de arrancar essas raízes. Seja pelo genocídio, seja por epistemicídio, assassinatos, invasões de terras, usinas hidrelétricas, predação, doenças virais, políticas de embranquecimento, imposição monocultural, assassinatos de línguas, proibições, racismo; há mais de quinhentos anos tentam arrancar essas raízes de qualquer jeito, esperam por isso, agem para isso. E, no entanto, ao mesmo tempo, esses corpos biológicos, coletivos e memoriais, vêm sendo continuamente saqueados, desde a invasão europeia. Seus conhecimentos, seus corpos, seus territórios. O racismo no Brasil é tão escancarado que foi naturalizado. Quando em 2019 o atual Presidente do Brasil, assumiu o cargo; os discursos que o levaram até lá, foram de ódio, suas falas violentas, racistas, homofóbicas e machistas, dissimuladas a um “não foi bem o que ele quis dizer”; ultraconservador – no que há um ar tragicômico, dentro de um país construído em cima de genocídio, epistemicídio, massacre e estupro -, neoliberal, onde o Brasil que está acima de todos, em seu slogan, é um Brasil que pretende desenvolver há qualquer custo; há qualquer custo não, a custo de populações que não estão inclusas nos banquetes lucrais, mas sim nos estragos imediatos e em devir, das grandes jogadas capitalistas. E me pergunto se na lógica individualista, faria sentido afirmar que os estragos chegarão para todes. Não há nenhuma novidade no que está sendo apresentado aqui, tudo está sendo dito, vivido, feito, há muito tempo. Ailton Krenak suspeita que a própria maneira linear de encarar o tempo, é substancial para a curta memória branca, que se pensa como o sal da terra, esquecendo-se de seus próprios dogmas milenares cujas ações são embasadas e justificadas, cujas razões e existências são embasadas e justificadas.

1.6 Pequena reflexão sobre o “pós-humanismo”

Existe uma ironia mórbida no fato de que enquanto a ciência ocidental – ou pelo menos, parte dela - vem lutando para tirar o ser humano do centro do universo, como alternativa desesperada e até então via única, para frear ou amenizar os estragos que vêm se desenrolando;

algumas populações seguem com a necessidade de lutar pelo direito a serem percebidas e tratadas como humanas. Não necessariamente, por desejarem essa ideia de humanidade, mas por soar, também, via única de terem o direito a suas dignidades respeitadas, de viver e ser, sem serem assassinadas, discriminadas, violentadas, sufocadas. E não apenas como sujeitos, ou indivíduos, mas também como sujeitos coletivos, como seres coletivos em seus arranjos.

1.7 Ciência branca, Virada Ontológica, Virada Pragmática, e Discursos falaciosos

Qual o papel das ciências nesses tempos em que, mais do que nunca, diversidade, multiversos, se fazem tão necessário? No mundo do realismo científico se acredita que seu papel é a produção de conhecimento sobre o mundo, ou seja, sobre um mundo dado como existente, ali a ser desvendado, pensado e repensado. Para o empirismo científico, seu papel é fazer experimentos nas possibilidades do mundo e seus desdobramentos, seguindo protocolos sérios de embasamento e validação, bem como de falsificação; impossibilitado, no entanto, de eleger uma ontologia verdadeira. Sendo assim, ao trabalhar com base em efeitos pragmáticos, abre espaço para se pensar em outras ontologias como também passíveis de serem dadas como verdadeiras. A antropologia, no entanto, apresenta uma terceira opção, a saber que a multiplicidade ontológica não precisa ser encaixada, ou assimilada rigidamente pelas ciências brancas, uma vez que embora por meios diferentes, são compatíveis com a experiência, têm assim consequências pragmáticas, dedutivas, que não fogem aos critérios de verdade e racionalidade (ALMEIDA, 2021).

Um dos problemas que vem sendo enfrentado pela antropologia – mais precisamente pela Virada Ontológica da Antropologia -, é a dificuldade de coalizão entre as multiplicidades de ontologias, com critérios de racionalidade e verdade, uma vez que o Relativismo antropológico passou a ser utilizado para justificar, como “igualmente verídico”, *Fake News* e falácias. “E a alternativa a isso já foi indicada, a saber em vez de imposição de ontologias, ressaltar a convergência pragmática e racional de múltiplas visões de mundo” (ALMEIDA, 2021, p. 23). Para o autor, essa alternativa exige uma virada pragmática na antropologia.

Podemos trazer o contexto pandêmico no Brasil, para a discussão. Desde o início da pandemia temos acompanhado as aparições e falas do Presidente; aparições em público, sem máscara, bem como discursos, abraços e fotos; assim como sua afirmação de que é só uma gripezinha. Se o presidente da república aparece sem máscara, defende o uso da cloroquina, e

passeia em aglomerações; por que “o cidadão comum”, se privaria de tal? É bom saber que muitos se “privaram”. Eis a problemática do uso do relativismo antropológico como justificava para o negacionismo, se tudo é relativo, logo tudo é incerto, logo tudo pode ser verdadeiro e falso ao mesmo tempo, logo cada um pode fazer e falar o que bem entender, porque afinal “acredita se quiser”. No entanto, o multirrealismo reivindicado pela Antropologia, é compatível com critério de verdade e razão (ALMEIDA, 2021). As afirmações de que a pandemia é um estado sério que estamos vivendo, de que as mudanças climáticas são reais, de que existe racismo escancarado no Brasil, do colapso da biodiversidade, de que o capitalismo, o projeto modernista é um projeto de morte; não são afirmações verdadeiras e falsas ao mesmo tempo. Inúmeros estudos foram realizados para chegarem a tal afirmação, há embasamentos práticos quanto a isso, não pode ser posto em dúvida por um “simples achismo”. Diversas ontologias, por meios diversos, constatam, afirmam, vivenciam a veracidade de tais.

1.8 Voltando às raízes

Quando perguntado a Ailton Krenak¹⁰ sobre o que ele pensava acerca das palavras da presidência, contra povos originários, como uma ameaça às populações coletivas e seus modos de vida, este respondeu que há quinhentos anos estão resistindo, que se preocupava mais em como os brancos resistirão, ou, se resistirão. Como já fora dito acima, a história desse país foi construída em cima de sangue, construída com genocídio. Ailton Krenak é da região do médio Rio Doce, a história deste lugar, como ele nos conta, é a história do extermínio do povo Botocudo, do qual a família Krenak é parte. Até seus 17 anos esteve fugindo, assim se descobriu indígena, fugindo; um dia fincou os pés no chão, se perguntando onde estavam as outras pessoas indígenas, e começou a se articular com demais parentes, observando o que lideranças indígenas estavam fazendo. Personalidades indígenas falando sobre suas questões no âmbito social brasileiro, eram ainda mais escassas na época; mas estavam surgindo. Em meio a isso surge a Aliança dos Povos da Floresta – povos indígenas, ribeirinhos, seringueiros -, juntando-se numa conversa com o campo indigenista para que não fosse dado continuidade à política de invasão da vida e territórios de povos em isolamento voluntário, a pretexto de protegê-los. Dentro da floresta estavam protegidos, a floresta é sua maior proteção. Fizeram campanha dentro e fora do Brasil para mudar tal política interna da “frente de atração e contato”,

¹⁰ Se trata de uma entrevista com Ailton Krenak, concedida ao canal, no *YouTube*, *Le Monde Diplomatique Brasil*, levada ao ar em 2020. Todas as citações diretas e indiretas, desse tópico, foram retiradas dessa entrevista.

que fora interrompida na década de 90. Bem como estiveram na luta contra a ditadura; além de Ailton Krenak ter ajudado na construção da constituinte de 1988, como liderança indígena.

No modo de gestão indígena de território, não há propriedade de terras, há o direito originário de se viver nelas. As decisões são formadas em coletivo, em conselhões, tais como os encontros da União dos Povos Indígenas, onde lideranças e seus povos se encontram para discutir pautas e se conhecerem. No diálogo surgido da Aliança dos Povos da Floresta, surge a luta e conquista das “Reservas extrativistas (Resex)”. Quando seringueiros se sentaram para demandar territórios, fora oferecido a eles glebas de terra, lotes; cem hectares por família, estes recusaram; não queriam lotes de terras, queriam territórios. Como conversado nas reuniões com povos indígenas, demandavam territórios onde pudessem viver de geração em geração; cabeceiras de rios, nascentes; lugares que são as nascentes de vidas, de onde flui. “A floresta é uma coisa dinâmica”, nos informa Krenak, “é uma coisa produzida por pássaros, primatas, gente, vento, chuva; são produtores de floresta”. Longe da ideia de que florestas são apenas árvores, percebemos que nunca uma única árvore é apenas uma única árvore. Existe toda uma dinâmica nas florestas, e que muitas vezes são deixados tão subentendidas que passam despercebidas. Quando se fala em desmatamento, frequentemente se permite esquecer que se está destruindo a vida de milhares, até bilhões de seres que vivem naquele espaço, que fazem aquele espaço e dele fazem parte, que estão direta, ou indiretamente, relacionados àquele espaço. O ato de renegar lotes de terra e demandar territórios, traz à tona uma ideia muito interessante de se pensar, a saber que para a cabeça branca, ou, embranquecida, terra, vida, as coisas, não passam de números. A única coisa que interessa, é a possibilidade lucrativa, cujas consequências, pouco importam.

Os povos indígenas estão na vanguarda dos movimentos sociais no Brasil, e, no entanto, suas extinções estavam a ser dadas como fatos, inclusive continuam. Então chegam os questionamentos acerca do resgate de uma cultura, dita perdida ou se perdendo, aos quais Ailton Krenak responde dizendo que não gosta da palavra resgate. Resgatar sugere que fora deixado, ou perdido em algum lugar, e que agora se está buscando de volta; há nisso uma romantização da colonização e seus desdobramentos brutais, na história de vários povos. “Não se trata de resgatar nada, se trata de continuar vivos, esse discurso de resgate é um discurso que acomoda injustiças”. A sobrevivência dos povos originários, e não resgate de qualquer coisa, é uma resistência contínua. Os modos de vidas dessas populações, estão intrinsicamente ligados às suas memórias – memória ancestral -. “Nós somos o continuum da memória que recebemos dos nossos antepassados [...] nós não inventamos nada, mas testamos e vimos que é bom, a gente

não quer trocar”. A memória ancestral, o ser sujeito-coletivo, não resgata nada, sobrevive as dificuldades, confrontando uma realidade que declara guerra ao seu povo. O povo Krenak é um povo que foi dado como extinto. “A memória tem a capacidade de nos por de pé diante das afrontas, de maneira crítica; a memória é a consciência crítica”.

1.9 Artes de viver e morrer os Antropocenos

Os Antropocenos estão sendo vivenciados de maneiras, lugares, e temporalidades diversas. Dentro das vivências estão também as mortes, os lutos, e a continuação das e nas vidas. Sendo assim, pontuarei algumas das experiências no que tange vidas indígenas, no cenário pandêmico brasileiro.

Em 22 de abril de 2020, fora publicado a instrução normativa nº 9/2020, que possibilita a legalização do crime de grilagem dentro de áreas indígenas. No dia 27 de outubro, a justiça federal de Santarém – PA, anulou os efeitos dessa instrução, alegando que esta marca um retrocesso gritante na proteção socioambiental, incentivando a grilagem de terras e conflitos fundiários¹¹ – o que neste contexto, acentua o caráter urgente de vida e morte, pois com as invasões, além de mortes por conflitos, que é uma realidade brasileira; facilitaria também o contágio pelo novo corona vírus, como vem ocorrendo com povos indígenas, como os Yanomami¹², por exemplo.

O Julgamento que decidirá o futuro de povos indígenas, que estava previsto para 28 de outubro de 2020, fora retirado da pauta por tempo indefinido até a presente escrita desse projeto. Se trata das questões referentes às demarcações de terras indígenas, bem como a validação de seus direitos originários sobre terras já demarcadas; versus a tese do marco temporal. O direito dos povos indígenas está previsto na constituição de 1988 – “os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam” – pautando-se no fato indiscutível de que estes povos estão nestas terras desde antes da invasão europeia, bem como antes mesmo do próprio Estado. Por outro lado, o marco temporal, busca restringir esses direitos constitucionais, propondo que a demarcação de “Terras Indígenas (T.I)”, deve ser feita conforme a ocupação de territórios a partir de 5 de outubro de 1988, ou que nesse período estivesse já, em disputa física ou judicial comprovada¹³.

¹¹ Para mais informações, acessar o site da “Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib)”: <https://apiboficial.org/2020/10/28/justica-federal-anula-efeitos-da-normativa-da-funai-que-incentiva-invasao-de-terras-indigenas/>

¹² Mais informações sobre essa situação em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-5225713>

¹³ Informações retiradas do site Apib.

No panorama geral da covid-19, temos no dia 2 de novembro de 2020, somando-se já, confirmados 38.343 casos de indígenas infectados, 867 óbitos e 161 povos afetados¹⁴.

Em 2020, fora registrado um aumento de 27% de candidaturas indígenas em relação às eleições de 2016. A artista Thaline Karajá, do povo Karajá, tornou-se a nova integrante do time Brown, no The voice Brasil; cantando “Banzeiro”, de dona Onete¹⁵. A edição de 2020, do circuito de arte urbana de Belo Horizonte, fora marcada pela arte contemporânea indígena, com artistas como: Arissana Pataxó, obras inéditas de Daiara Tukano, Jaider Esbell, Denilson Baniwa e Célia Xakriabá¹⁶. Na edição da *Vogue Brasil* de setembro, artistas indígenas são destaque¹⁷. Sônia Guajajara fora reconhecida, pelo grupo *Latinos pela Tierra*, como uma entre as 100 personalidades mais influentes da América Latina, por conta de suas lutas em defesa dos povos indígenas e do meio ambiente.

1.10 Conclusão

Raízes-plantas, raízes-memória ancestral, consciência crítica, vivências; seres que se lembram, que se entendem como parte da Terra, em inter/intra ação com e através; que vivem a diversidade biológica, existencial; acolhendo em si artes de vidas – e assim sendo, de mortes -, num continuum, devir. A Natureza é vida, e a vida inclui a morte - não há aqui uma pretensão a romantizar genocídio, práticas de Necropolítica -; sendo a vida esse fluxo constante, essa coisa dinâmica, se apegar à uma visão linear, excludente e assassina-suicida, orquestrada, não pode mais ser continuada, nessa imposição brutal, diante de sentidos entorpecidos, numa luta silenciosa e gritante, para uniformização de tudo. Graças a esse distanciamento compulsório e voluntário, da convivência biodiversa, que traz em si e para si, significados; muito da capacidade imaginativa humana “perdeu-se” pelo caminho possibilitando uma maior guerra por sobrevivência, declarada a um inimigo “fictício” e nem por isso a salvo das consequências, a Natureza - e seus povos, que se sabem seus povos, incluindo seu “filho pródigo”, ainda esforçando-se para fechar os olhos diante das circunstâncias dos eventos que se desenrolam. Mas afinal, “só os mais bem adaptados sobrevivem” – contém ironia mórbida. O colapso da biodiversidade representa uma amputação ainda maior à imaginação e, portanto, às próprias vidas terranas. A Natureza é a vida, as naturezas são as vidas; a floresta é uma construção

¹⁴ Dados retirados também, do site da Apib.

¹⁵ Eis o link da postagem feita sobre Thaline, no perfil Visibilidade Indígena, no *instagram*: <https://www.instagram.com/p/CG-3u9H0Gv/?igshid=18es97c8p3nas>

¹⁶ Acessar também: <https://www.instagram.com/p/CF-uuimnVba/?igshid=138cater5m19v>

¹⁷ Ver ainda: <https://www.instagram.com/p/CFLE9HZHzV0/?igshid=194d9bi7wip6u>

coletiva interespecífica e possui equilíbrio. Observar o fluxo, fazer parte do fluxo, aprender-se fluxo, diverso, biodiverso, multiversais, onde cada agente é de suma importância, e merece devido respeito. Assim, talvez, e só talvez, sejamos capazes de repensar, reorganizar, construir coletivamente, sem pretensão à *status auctoritatis individual*; práticas, pensamentos, imaginações, podendo então abrir mão desse tolo, inútil e abusivo, ego inflado, e assim tendo aprendido algo, reaprender velhas-novas artes de vidas e mortes, transformando – ao mesmo tempo em que nos transformando – Antropoceno (s) em épocas de florescimento de mundos por vir, que já e sempre, e um dia; devir. E se assim não for, há de ser o que houver; que haverá de ser?

INTERVALO

Este intervalo, se propõe como a dobradiça, ou ainda, como uma espécie de ponte-rede-tentacular¹⁸, como micélios conectando árvores, minerais, solos, até mesmo uma floresta inteira e seus “produtores de floresta” (KRENAK, 2020), com suas inter/trans-ligações entre a primeira parte deste TCC, que se debruça sobre relação humano-planta nos antropocenos, e a segunda parte que aborda questões de Antropologia e Literatura de Ficção Especulativa, mas aqui, faremos o caminho inverso, começaremos pela última e terminaremos com a primeira. Nesse sentido, busco traçar rabiscos no chão com intuito de contar histórias, onde o chão, os dedos e caracteres se conectam a milhões de outros seres e histórias a serem – e que devem ser - contadas, ouvidas, inventadas, reinventadas e encaradas com todas as seriedades, prazeres e dores possíveis, e aquelas – seriedades, prazeres e dores - que voltarão ou ainda serão possibilitadas. A SF se debruça sobre outros mundos possíveis, que de uma ou outra(s) forma(s) se entrelaçam ao mundo de quem narra e de quem lê. Dentre as ficções especulativas, ou em subgêneros desta categoria, encontramos as distopias que serão abordadas mais a frente, neste trabalho. Tais narrativas não são apenas sobre o que pode ou poderia vir a ser, mas também sobre o que já foi e sobre o aqui e agora. É nesse ponto em que ficção especulativa e antropocenos borram as fronteiras tanto entre um e outro, quanto fronteiras geográficas,

¹⁸ tomado de empréstimo de Haraway (2016), se referindo a “poderes e forças tentaculares de toda a terra e das coisas recolhidas com nomes como Naga, Gaia, Tangaroa (emerge da plenitude aquática de Papa), Terra, Haniyasu-hime, Mulher-Aranha, Pachamama, Oya, Gorgo, Raven, A’akuluujjusi e muitas mais” (HARAWAY, 2016, p. 140). Ctônica – *chthonic*. Após afirmar que “seu” Chthuluceno nada tem a ver com o monstro racista e misógino de H. P. Lovecraft, continua: “emaranha-se com uma miríade de temporalidades e espacialidades e uma miríade de entidades em arranjos intra-ativos, incluindo mais-que-humanos, outros-que-não-humanos, desumanos e humano-como-húmus (*human-ashumus*)” (HARAWAY, 2016, p. 140).

políticas, ou ainda geopolíticas, temporalidades, espacialidades, o eu e o outro, ou ainda outro(s) e eu(s).

I. Antropologia e Literatura de Ficção Especulativa

Talvez, a conversa entre antropologia e ficção especulativa, possa nos dar alguma ou algumas pistas sobre possíveis saídas, ramais¹⁹, aberturas a tentativas tão consequentes quanto possamos. Se a literatura, e as artes no geral, são diminuídas em função da subjetividade investida; comecemos por nos ater a tal discussão de teor objetivista e excludente, e então finalmente, depois de nos justificarmos diante desse júri, nos atermos à outras possibilidades. Blasfemar como instiga Donna Haraway²⁰, ou ainda “blasfêmear” estilo Linn da Quebrada²¹.

Segundo Naiara Araújo e Lívia Gomes (2021), tentar definir ficção especulativa é, de fato, um empreendimento especulativo. Muitas pessoas interessadas na literatura, críticas, estudiosas, propuseram diferentes definições e categorias que podem ser compreendidas como parte dela. Um ponto em que a maioria concorda, entretanto, é que:

é um gênero amplo que lida com eventos que extrapolam os do mundo cotidiano. Ao ir além da realidade como a conhecemos, torna-se a ficção do “e se?”, do que poderia ter sido, ou poderia ter sido se o universo e as regras que o regem fossem de alguma forma discrepantes do que são e como funcionam atualmente (ARAÚJO; GOMES, 2021, p. 26).

Uma simples maneira de caracterizar o gênero de ficção especulativa, ainda segundo as autoras citadas acima, seria de uma obra narrativa que empurra os limites da imaginação. Se trata de um tipo de ficção que leva ao pensamento crítico, ao oferecer insights sobre a humanidade e ao abrir espaços para questões inquietantes, pois geralmente, coloca pessoas comuns de frente a circunstâncias extraordinárias. No que diz respeito ao termo ficção

¹⁹ Caminhos provisórios abertos na mata para se fazer caçada, em locais que podem ser adequados à tais fins. Podem ser reutilizados caso as caçadas sejam boas, ou abandonados, caso contrário, em definitivo ou temporariamente.

²⁰ “A blasfêmia sempre exigiu levar as coisas a sério. Não conheço, dentre as tradições seculares-religiosas e evangélicas da política dos Estados Unidos, incluindo a política do feminismo socialista, nenhuma posição melhor a adotar do que essa. A blasfêmia nos protege da maioria moral interna, ao mesmo tempo em que insiste na necessidade da comunidade. Blasfêmia não é apostasia” (HARAWAY, p. 35, 2000).

²¹ Se trata de um experimento audiovisual, dirigido por Linn da Quebrada com codireção de Marcelo Caetano. Mistura diferentes formas de expressão artística e traz em seu enredo a potência de mulheridades, ou seja, da diversidade do feminino, de cada um desses corpos, em seu contexto. Quando Linn da Quebrada nos afirma sobre o preterimento do feminino, e que blasfêmea se trata também de disputa de poder através do próprio corpo, apoiado em redes de afeto - apoio físico, psicológico, financeiro, sexual, mantendo-se vivas com e nas outras -, nos permite lembrar que na linguagem binária da Modernidade, o feminino se trata de mulheres/mulheridades - no plural, como ato de blasfêmear -, que é também natureza - rios, florestas, bichos, bactérias, companheiros terranes - que é também corpos que não estão no padrão homem-cis-branco-cristão-classe-média, é também a subjetividade - preterida em detrimento da objetividade. É em todos esses sentidos que tomo de empréstimo blasfêmea de Linn da Quebrada, com afeto, como verbo.

especulativa, foi usado pela primeira vez por Edward Bellamy, na *Lippincott's Monthly Magazine*, outubro de 1899, na resenha de M. F. Egan de *Looking Backwards, 2000-1887* (1888). Como gênero, seu uso é atribuído, primeiro, ao escritor de ficção científica Robert. A. Heinlein, no final da década de 1940, com isso, ele buscava separar obras consistentes de ficção científica da “ficção científica (*sci-fi*)” popularizado, em sua época, que tendia à fantasia. Heinlein pretendia fazer uso da ficção especulativa como sinônimo de ficção científica, os termos e suas definições caminharam lado a lado no início, no entanto, a ficção especulativa passou a ter aplicação tão ampla que a ficção científica se tornou um de seus subgêneros, ao lado de fantasia, terror e outros.

Conforme Araújo e Gomes (2021), não há uma clara delimitação sobre o gênero da ficção especulativa, mas as linhas borradas que a cercam abrangem obras que trazem a tona discussões sobre diversas questões “como gênero, ética, crenças, preconceito, ecologia, tecnologia, sociedade, metafísica, cibernética etc. É a literatura da liberdade – liberdade para escapar do pensamento convencional e retratar questões antigas de uma perspectiva totalmente nova” (ARAÚJO; GOMES, 2021, p. 27). Entendo desse modo, que aí reside o potencial transformador da ficção especulativa, pois além de colocar para discussão questões inquietantes e doloridas, cujo silêncio a respeito não passa de outra tecnologia de violência, também possibilita empurrar o horizonte, empurrar o céu contando mais uma história (KRENAK, 2021), histórias plurais, coloridas; não necessariamente, e ainda que sim, não só, felizes. E quanto mais seres puderem contar histórias, mas encontraremos alternativas para lidar, e/ou amenizar, antropocenos, tanto quanto ainda for possível. Ou ao menos velar seus/nossos mortos, mantê-los na memória, em nossos cotidianos.

No que concerne à ficção científica, segundo Araújo e Gomes (2021), também houveram inúmeras tentativas para sua delimitação. Uma dessas tentativas é atribuída a Suvin (1979), que a coloca como uma busca pelo conhecimento racional, ponda-a desse modo, em contraposição ao mito. Este relaciona a ficção científica a um estranhamento cognitivo ligado ao mundo natural - tal como é compreendido ocidentalmente -, que é passível de reconhecimento, ao mesmo tempo em que é pouco familiar. Em contraposição à tentativa de delimitação de Suvin (1979), Araújo e Gomes (2021) afirmam que na ficção especulativa, o mito é um elemento vital, pois evoca possibilidades, e que muitas narrativas de ficção científica combinam perspectivas modernas e mitológicas, assim abrem diferentes possibilidades para o futuro, e/ou pontos de vistas diferentes sobre o presente e o passado. A partir do artigo de Araújo e Gomes (2021), entendo que a ficção científica está estritamente ligada às noções ocidentais

do mundo, desde a humanidade, natureza, à ideia de conhecimento, progresso, avanços tecnológicos, ainda que hajam contrapontos. Entretanto, vale lembrar que essas mesmas noções de mundo não são “puras”, tampouco poderiam sê-las, uma vez que as culturas são dinâmicas, desse modo, a depender de quem escreve a ficção científica, interseccionalmente (AKOTIRENE, 2019) falando, as desenvolvuras “futurísticas”, ganham narrativas que partem de outras perspectivas, ligadas a outras experiências de mundo e assim sendo, outras possibilidades de trans-forma-ção.

Uma outra narrativa que faz parte do “guarda-chuva” da ficção especulativa – mas não só, como veremos -, é o Afrofuturismo. Segundo Luiza Brasil, no site “Portal Geledés”:

Imagine uma viagem ao futuro, com elementos *hi-tech*, mas ao mesmo tempo com toques de ancestralidade. Assim podemos entender o **Afrofuturismo**, movimento pluridisciplinar que utiliza a música, as artes plásticas, a moda, entre “outras coisas más”, e que estabelece o **encontro entre a história, o resgate da mitologia e cosmologias africanas com a tecnologia, a ciência, o novo e inexplorado**²² (BRASIL, 2015).

Segundo Brasil (2015), o Afrofuturismo surgiu na década de 60, em paralelo ao borbulhar da cultura “*Beatnik*”, que era, aparentemente, entusiasta de ritmos afro-americanos. O compositor de Jazz, poeta e “filósofo cósmico”, Sun Ra – pseudônimo usado por Herman Poole Blount -, foi um dos pioneiros do movimento Afrofuturista. Ele pontua em seu pseudônimo “um dos principais tópicos do movimento: a **conexão com o passado**, com o **místico e primitivo**. Afinal, o “Sun” nada mais é do que o regente, o poder, a luz e “Rá” é o Deus da mitologia egípcia que representa o astro-rei” (BRASIL, 2015). Entretanto, foi em 1994, apenas, que o Afrofuturismo tornou-se de fato um movimento cultural, ainda segundo Brasil (2015), quando o escritor americano Mary Dery, publicou um ensaio intitulado “*Black to the future: ficção científica e cybercultura do século XX a serviço de uma apropriação imaginária da experiência e da identidade negra*”, definição estética futurista afro.

Segundo Priscilla Frank (2016), em seu ensaio Mary Dery indagava a respeito do pequeno número de pessoas negras escrevendo ficção científica, uma vez que está inextricavelmente relacionada com o “outro” e com a vida marginal, “‘É possível para uma comunidade cujo passado foi deliberadamente apagado e cujas energias foram posteriormente consumidas pela busca de traços legíveis de sua história, imaginar futuros possíveis?’”, Dery pergunta no texto” (FRANK, 2016).

No que diz respeito ao Afrofuturismo no guarda-chuva da literatura de ficção especulativa, em seu subgênero, a ficção científica – entretanto, sobre um viés que se distancia

²² Grifo da autora.

da hegemonia ocidental, mas entrelaçada a este, por questões historicamente conhecidas -, é impossível não falar de Octavia E. Butler. De acordo com Aline Valek (2016), Octavia Butler foi a primeira autora negra de ficção científica a ser mundialmente reconhecida, ou ainda, em seu título arrepiante: “Octavia Butler: a mulher com o poder de escrever o futuro” (VALEK, 2016). Até a data em que o artigo de Valek (2016), fora publicado, apesar da inegável importância de Butler na literatura e de seu reconhecimento mundial, não haviam livros dela traduzidos e publicados no Brasil, informa a autora. Esse cenário só veio mudar em 2017, quando a editora Morro Branco trouxe a primeira publicação no Brasil, de um livro de Octavia Butler: “*Kindred*: laços de sangue”.

Sendo assim, o Afrotuturismo é um movimento cultural, do qual fazem parte literatura e cinema, porém também outros movimentos artísticos, educacional, de empoderamento, de fortalecimento das populações negras, mas também de outras populações não-hegemônicas.

Sobre “O Conceito de Ficção”, Juan José Saer (2012) esboça a discussão acerca da pretensa objetividade dos gêneros biográfico, autobiográfico e dos gêneros de *non-fiction*, para discutir questões relacionadas à objetividade vs. subjetividade que se propõem alguns gêneros literários, e que relegam, coloquemos assim, outros. Os primeiros, por serem e se considerarem como não-ficção pretendem afirmar-se como verdadeiros, colocando assim a ficção como o contrário de verdade. “A negação escrupulosa do elemento fictício não é um critério de verdade, visto que o próprio conceito de verdade é incerto e sua definição integra elementos díspares e até contraditórios” (SAER, p. 2, 2012). O autor defende que uma proporção por não ser fictícia, não se torna automaticamente verdadeira, e que a ficção não é o contrário de verdade. Apesar da dependência hierárquica entre verdade e ficção, segundo a qual a primeira possuiria uma positividade maior, portanto, estaria esta, no campo da realidade objetiva, já a segunda, por sua vez, encarada como a expressão duvidosa do subjetivo; o autor argumenta que ainda que se aceitasse isso, o problema principal persistiria, qual seja que aquela à qual se cobrará provas de sua veracidade, será à primeira, não à ficção, e tal comprovação é uma obrigação difícil de cumprir. A ficção por sua vez, soube livrar-se dessas correntes, desde cedo.

A quem importa a verdade? E de qual verdade estamos falando? A pretensa objetividade das Ciências, construídas, alimentadas e discursadas, a partir dos centros acadêmicos, e assim, encaradas como verdades, como conhecimento verdadeiro, estão intrinsecamente ligadas ao poder e à autoridade racial, conforme aponta Grada Kilomba (2019). A academia não é um lugar neutro, é um espaço *branco*, onde o privilégio de fala, tem sido

negado àqueles, àquelas, não brancas. Desse modo, entendo, que é a partir desse espaço *branco*, a partir desses discursos – mas não só, bem entendido –, que se procura validar aquilo que se diz objetivo, como Verdade, enquanto coloca a subjetividade – contrária à objetividade, nesses termos; e desse modo podemos entender, também, como aquilo que não pode ser e não é branco –, como contrária à verdade. Contrário ao que pode ser de fato levado à sério, ao que vale a pena ser ouvido, em suma ao que merece existir, em última instância. Aquelas linguagens binaristas constadas na conta da Modernidade: objetivo/subjetivo, universal/específico, neutro/pessoal, racional/emocional etc, “elas possuem uma dimensão de poder que mantém posições hierárquicas e preserva a supremacia *branca*” (KILOMBA, p. 52, 2019). Se trata de uma hierarquia violenta que determina *quem pode falar*²³. Portanto, a objetividade se trata de uma verdade ocidental, uma verdade colonizadora, uma verdade agrotóxica, num sistema de monoculturas, como me ensinou Geni Núñez, parente guarani.

Já vimos que desse lugar da objetividade, da pretensa verdade universal, de sistema de monoculturas, não acessamos o sonhado desenvolvimento, as delícias, por assim dizer, de uma “civilização” plena, um Éden desenvolvido por “nós humanos”, ainda melhor do que qualquer Éden “primitivo” já fora. Pelo contrário. E temos-tivemos-teremos que lidar com as consequências dessa “tentativa”. Aprendi, com Djamila Ribeiro (2017), que essa mesma subjetividade, relegada ao não crível de consideração, se constitui uma forma de autoridade, chamada lugar de fala. E que esse lugar de fala é relacional, como nos ensina Carla Akotirene (2019). Dentro dessas dinâmicas estruturais, que se retroalimentam, já vimos que o centro, ou seja o saber ocidental, colaborou significativamente para o que ficou conhecido como antropoceno, desse modo não podemos conceber que é daí, que se projetarão paraquedas coloridos, para lidarmos com a queda, como nos instiga o parente Krenak (2019), pelo contrário, Ailton nos diz que é a partir das subjetividades, dos sonhos, das nossas conexões com tudo aquilo de que somos partes e que fazem parte da gente. No vivenciar fricções, no ampliar horizontes existenciais. E se “paraquedas coloridos” soar demasiado utópico, uma vez que aqui tratamos de distopias, tampouco acredito que nos entregarmos a um niilismo ajudará. Concordemos.

De volta ao “Conceito de Ficção” de Saer (2012), que, apesar da discussão que levantou, afirma que a ficção não pede para ser crível como verdade. E isso constitui “a condição primeira de sua existência, porque somente sendo aceita como tal é que se

²³ Não se trata simplesmente do ato de falar, mas também de haver escuta, além de haver as condições necessárias para que grupos possam implementar suas próprias vozes, nos informa a autora.

compreenderá que a ficção não é a exposição romanceada de tal ou qual ideologia, e sim um tratamento específico do mundo, inseparável da matéria de que trata” (SAER, 2012, p. 3). Esse tratamento específico e essa inseparabilidade, articula – ou pelo menos, pode, a depender também, das vozes que serão ouvidas e não abafadas com o intuito de matar, mesmo – diferentes vozes-vivências-possibilidades. E por conta desse aspecto do relato ficcional, desse não saber de antemão a que “verdade” se chegará ou a quais verdades, o que se pretende, e das aventuras por entre um saber objetivo e das turbulências da subjetividade, pontua o autor, “podemos definir a ficção, de um modo global, como uma *antropologia especulativa*” (SAER, 2012, p. 6).

Alexandre Nodari (2015), ao discutir Saer (2012), expressa que a crise do Grande Relator, é a encruzilhada, em que se encontram as ciências humanas. Por um lado, acuadas pelos críticos do modelo desenvolvimentista, por outro, pelos partidários do mesmo modelo. Uma vez que as “ciências do homem” sejam também chamadas de “humanidades”, parece sinalizar um ponto de bifurcação, “justamente em um momento em que o mundo parece ter se convertido numa grande encruzilhada” (NODARI, 2015, p. 77). Encruzilhada esta, transparecida na esfera da linguagem, continua o autor. É nessa bifurcação que, sugere Nodari (2015), talvez encontremos uma linha de fuga para as humanidades diante da crise do “Humano”.

A partir de Lévi-Strauss, Nodari (2015) colocará que a subjetividade é a capacidade de diferir de si, de trocar de posição. E por conta da existência do inconsciente – o próprio sujeito diferir de si -, a subjetivação do outro pode escapar à uma mera projeção sobre este, bem como a dessubjetivação de si, do risco de coincidir com a mera identificação com o outro. “A cisão entre sujeito e objeto, como dizíamos, é subjetiva, mas isso porque ela é ontologicamente interior ao sujeito” (NODARI, 2015, p. 79). No entanto, afirma o autor, não se trata de relativismo, mas de perspectivismo, ao citar Danowski e Viveiros de Castro. Ainda seguindo Lévi-Strauss, Nodari continua:

De fato, a ficção literária parece se dar pelo mesmo processo de objetivação e subjetivação de que fala Lévi-Strauss: o autor se objetiva, se obliqua em narrador, em personagens, em heterônimos, etc.; e, por sua vez, o leitor se subjetiva naqueles que, num texto literário, dizem eu (NODARI, 2015, p. 82).

Apesar do “*diferimento absoluto* (o princípio da contradição, o *não ser-idêntico-ao-ser*) como condição ontológica de possibilidade” (NODARI, 2015, p. 82), que a Antropologia compartilha com a Literatura, esta última se diferencia ao passo em que o eu e o mundo descoberto, são não somente possíveis como *inexistentes*. Continua:

A irrealidade característica da ficção e que ela assume, afirma Ortega (1991, p.51), “não existe em nenhum mundo”, habita “o outro mundo, o verdadeiramente outro”, o “Ultramundo”. Portanto, poderíamos dizer que se a antropologia cartografa mundos possíveis, constituindo uma cosmografia comparada das perspectivas do *anthropos*, aquilo que a literatura cartografa são mundos inexistentes, sendo uma cosmografia comparada das perspectivas extra-mundanas (NODARI, p. 82, 2015).

O autor sugere que talvez seja possível postular, para a relação entre literatura e vida, uma relação análoga à colocada por Lévi-Strauss, entre o atual e o possível. O sujeito – eu-atual – como relacional, em meio a um conjunto de eus-possíveis. “Assim, o eu ‘real’, existente, não ficcional, seria também apenas uma posição dentre inúmeros eus inexistentes, egos imaginários e experimentais, cada um existente a seu modo” (Nodari, 2015, p. 82-83). Ainda com a Literatura de ficção, se o terreno da Antropologia é da posição sujeito-objeto, continua o autor, o da Literatura, por sua vez, talvez se trate do subsolo da existência, que a aduba, desrealizando esse mundo e dando consistência a mundos existentes pelo texto. Assim entendo, que ler e escrever ficções, pode ser uma alternativa àquela descrita por Krenak (2019), como a “instituição dos sonhos”. Se não sabemos, não podemos, não passamos pela preparação para sonhar, tal qual xamãs, talvez ler e escrever ficção possibilite alguma transição, algum trânsito entre mundos, talvez possibilite o potencializar das imaginações, talvez o tomar de volta, ou pelo menos o que for possível, da imaginação que foi roubada – assassinada? - por conta da mentalidade ocidental, como fala Lestel (2016), num estilo, também, Donna Haraway e seus Manifestos Ciborgue (2000) e de Espécies Companheiras (2021). Sem desconsiderar, também-portanto, uma leitura e escrita interseccional. Além disso, a desrealização do mundo, como nos fala Nodari (2015), sobre a literatura de ficção, possibilita outras realizações. O estranhamento do mundo enquanto tal, partindo da perspectiva do sujeito-leitor, já que tratamos de literatura, possibilita imaginações sobre outros mundos, e desse modo o trânsito por entre eus-possíveis, e assim entre mundos possíveis.

Assim, conclui Nodari (2015), se o *como se* da ficção, bem como da Antropologia - onde o eu e o outro e *eu como outro*, estão presentes - se reconfiguram mutuamente nesses encontros; designa então, uma via recíproca, uma mão dupla, não uma via única como se costuma pensar. Logo, a Antropologia Especulativa, não torna existentes mundos inexistentes, e sim relações antes inexistentes, mas subsistentes, entre mundos, cujos encontros possibilitam reencontros, mudanças de perspectivas. Ademais, complemento, se encararmos como encruzilhada, podemos conceber que existem aí outros caminhos, outras vias, outras rotas. Aprendi nas aulas da professora Carla Ramos Munzanzu, na disciplina Contrahegemônicas que encruzilhada é abertura de possibilidades.

Ainda em defesa da Literatura de ficção especulativa, colocada como subjetiva, portanto, inferior a trabalhos encarados como objetivos, evoquemos Isabelle Stengers (2013) e o que ela chamou de “gestos especulativos”. O pensamento moderno, ligado diretamente aos estragos da colonização, traz consigo, em si, amarras que se tornaram evidentes por conta da crise generalizada de modos de pensar, guiadas pela bússola do pensamento euro-americano; crise esta, não apenas filosófica. Progresso, racionalidade e universalidade são bases que sustentam a pretensão de uma experiência geral, ciências humanas – cuja cientificidade lhe dá autoridade para imposição e reprodução da ordem estabelecida, protegendo contra o relativismo-subjetividade, “monstro” sempre à espreita – e discursos políticos – ditador da verdade e valores. As formas de pensar que daí derivam, demonstraram indiferença às consequências desencadeadas e em curso. Assim, o termo “especulativo”, segundo a autora, tornou-se o epíteto de uma multiplicidade de movimentos heterogêneos que acreditam, com ou sem razão, encontrar aí, a promessa de alternativas às amarras características do pensamento moderno. A autora evocará três autores centrais, Whitehead, Leibniz e William James.

Stengers (2013) designa gestos especulativos como colocar sob o signo de um compromisso o pensamento. Compromisso esse, que visa ativar possíveis, tornando-os perceptíveis no presente. Em outras palavras, perceber com compromisso as potencialidades pelas quais uma situação em formação – ou seja, no presente – é responsável. Tais gestos implicam não em utopia ou imaginário projetado no presente, mas em engajamento especulativo como pensamento de consequências. Desse modo, gestos especulativos são diferentes de filosofia e de pensamento especulativo.

Todo pensamento pretere outros, é seletivo, importa determinadas experiências de uma maneira, em detrimento de outras maneiras, portanto, ao invés de não importar. Os pensamentos não são possíveis sem abstrações, a autora evoca Whitehead, para quem o trabalho da filosofia seria o de manutenção real, exercício de vigilância permanente sobre as abstrações das quais se faz uso. Ainda seguindo Whitehead, o mundo moderno se esqueceu dessa vigilância e emprestou às abstrações autoridade, que por definição, ninguém pode reivindicar.

No que se refere ao pensamento especulativo, por sua vez, se trata da irredutível pluralidade de formas de fazer importar, podendo, mesmo, pertencer ao “bom senso”, segundo Stengers (2013), caso não esteja preso à “marca do caminho”, isto é, aquilo que pretende definir o que deve importar.

Em Leibniz, segundo Stengers (2013), no que lhe foi atribuído como hiper-realismo, temos que nada é sem razão, entretanto, ninguém tem acesso à verdade de seus

motivos²⁴. Sendo assim, ninguém tem acesso ao porquê ou pode definir seu fim. Desse modo, podemos entender que Leibniz busca dar consistência racional à necessidade de pensar contra as razões que têm como pretensão um juízo geral - sobre os porquês e os fins²⁵. A justificativa de nossos motivos, os dão um poder que eles não têm. Tais motivos são sempre gerais e válidos para uma infinidade de diferentes mundos, no entanto, nada dizem sobre como contribuirão para cada um desses mundos - que tipo ou quais mundos se construirão com ajuda de tal contribuição. Pensar essas contribuições, retirando desses motivos o poder da razão, não garante escolhas melhores, no entanto implica um consentimento, um “sentimento com”, com este mundo, ou ainda, estes mundos, em contraposição àquilo que Nietzsche viria a chamar mais tarde, continua a Stengers (2013), de ressentimento – sentimento de desamparo que nutre o desprezo em relação as razões que fazem esse mundo existir ao invés de outro. A autora encontra aí, gestos especulativos, colocando nossas razões à prova do que ignoram.

William James, por sua vez, segundo Stengers (2013), se revolta contra as teses que esvaziam a vida de sentido, que postulam que a capacidade de fazer diferença é apenas uma ilusão. E reivindica o direito à revolta. Ele defende o conhecimento e poder de saltar em direção a um mundo do que qual esperamos com confiança que encontrem nosso impulso. Conhecimento e poder estes, vetados pelos censores, ou seja, aqueles que ordenam que nos apoiemos às bases comprovadas dos “fatos”. Prováveis guardiões da “marca do caminho”.

Stengers (2013) traz esses três autores para elaborar o que ela chama de “insistência de um possível”. Mais do que reflexividade, continua a autora, se trata da arte de prestar atenção para o aqui, saber sentir e prestar atenção ao que é sentido, ao que é bom ou ruim. A autora chama de “arte do discernimento”, e se o faz, é porque arte se trata de algo que se aprende, pode ser cultivado, regenerado, não se trata de uma questão “puramente filosófica”. Enquadra-se numa época, que pode ser a nossa, continua. Estamos numa paisagem devastada. Esses três autores, talvez, cada um ao seu modo, trouxeram como contribuição o cuidado que devemos ter aos nossos pensamentos, ideias, ao que nos anima, ao que pode nos captar, possuir. Não seria a questão, então, renunciar as amarras, afastarmo-nos, mas antes, o cuidado, a atenção, a arte do discernimento. Não a ameaça em si, mas como reagiremos a ela.

Entretanto, a tensão entre Antropologia e Ficção Científica se faz necessária, segundo Wolf-Meyer (2018). Este autor nos relata que começou sua carreira acadêmica em literatura, especificamente em ficção científica americana pós-Segunda Guerra Mundial. Nos

²⁴ “*dic cur hic? respice finem*” - inglês (Estados Unidos) -: “Diga por que você escolheu fazer isso (ou dizer isso)? Considere o fim” (STENGERS, 2013, p. 6).

²⁵ As consequências podem - precisam - ser medidas, especuladas, independente – e/ou em conjunto - dos motivos.

departamentos de literatura pelos quais passou, a ficção científica não era levada muito à sério, no entanto, quando este se mudou para a antropologia, ficou surpreso ao notar que nestes departamentos, ela era encarada com muita seriedade. O autor especula que a seriedade com a qual se deparava em relação à ficção científica na antropologia, se devia ao projeto desta última e sua insuficiência metodológica para responder às questões que levanta. A ficção científica, “fornece um laboratório natural que há muito tem sido a base do projeto etnográfico intercultural” (WOLF-MEYER, 2018, p. 1). A separação entre uma e outra, continua o autor, se dá pelo fato de que as ficções conjecturais não estão amarradas às condições históricas, tal qual a etnografia. Esta última – e a antropologia em geral – é mais diagnóstica e descritiva, ao passo em que a as ficções conjecturais atuam em três idiomas: extrapolação, intensificação e mutação; Cada um desses idiomas possui poderes específicos em suas abordagens, as quais são utilizadas por escritores dessas ficções, de maneiras muito específicas.

A extrapolação imagina as possíveis consequências de alguma prática, instituição, ação ou mesmo da existência-ação de alguma pessoa, em algum ponto no futuro. Desse modo em conexão ao presente de quem escreve e seus leitores. Também pode se dá de maneira inversa, ao passo em que essa ficção esboça o futuro, cria esboços de projetos tecnológicos a serem desenvolvidos. O autor cita o exemplo do *pocketphone*, “de Robert Heinlein em seu romance *Space Cadet* de 1948, que aparentemente lançou a base para smartphones e tablets como os tricorders de Sally Applin” (WOLF-MEYER, 2018, p. 2).

A intensificação, por sua vez, amplia as forças existentes, presentes, para imaginar seus possíveis efeitos. Como por exemplo, o que acontecerá, como acontecerá, o que se sucederá com o aumento exorbitante da temperatura do planeta nos próximos anos? Se trata de formas de pensamentos conjecturais, principalmente em relação ao contexto de desenvolvimento e implementação de políticas.

Já a mutação, é a forma conjectural mais surpreende, pois busca perturbar de maneira mais radical o que se tem por realidade com um “e se?” nada convencional. O que prevaleceria se algo radical acontecesse? Invasões alienígenas, desastres catastróficos em escala global, reorganizações sociais dramáticas. “Esses estranham o público por meio de sua confiança em realidades profundamente sentidas e em rupturas especulativas, oferecendo assim uma forma de desterritorializar o presente e trazer novos futuros à existência” (WOLF-MEYER, 2018, p. 2).

A problemática, no entanto, para o autor, se dá pelo fato, das pessoas em antropologia, quererem usar a ficção científica como evidências para tais ou quais alternativas.

Desse modo a antropologia deveria ser mais cautelosa em relação a esse querer. Essa questão me fez recordar de uma entrevista com Margaret Atwood ao *El País*, entrevista esta, que me foi apresentada em uma conversa trocada por mensagens no *whatsApp*, com uma amiga de graduação, a qual muito se interessa por distopias. A escritora, entre outras coisas, nos fala sobre os cuidados e a atenção ao lidar com ficções conjecturais, e acredito que pode ser dito também, ao usá-las ou escrevê-las. Atwood exemplifica falando sobre como algumas pessoas estavam planejando encontrar meios de pôr a ditadura teocrática, de seu livro “O conto da Aia”, em prática.

“A especulação pode ser sedutora, pode fornecer diferentes maneiras de ver (como sugere Taylor Nelms), mas os antropólogos nunca devem - mesmo tacitamente - aceitar a ficção como evidência de realidades etnográficas” (WOLF-MEYER, 2018, p. 3), conclui o autor.

Em 2011, Donna Haraway ganhou o prêmio *Pilgrim Award*. Em ocasião de agradecimento Haraway (2013) fala de SF como multiforme prática de fazer mundos – *worldling*. Evoca Marilyn Strathern e seu “Gênero da Dádiva”, que lhe ensinou que importa quais ideias pensam outras ideias e/ou com outras ideias. Importa quais histórias são utilizadas para contar histórias. Que pensamentos estão envolvidos no pensar pensamentos. Que histórias criam mundos, e que mundos criam histórias. Haraway (2013), afirma que Marilyn escreveu sobre aceitar o risco de contingência implacável, pois pensar a antropologia como prática de conhecimento que estuda relações, coloca em xeque relações com outras relações, em outros mundos inesperados.

Para caracterizar o trabalho SF como um todo, a autora evoca, figuras de cama de gato, figuras de cordas, de padrões de dar e receber, de tentativas e também de falhas. De retransmissão de conexões que importam, criar condições de florescimento no mundo terrano. Às vezes algo funciona, talvez até bonito e consequente, que antes não existia. A questão da SF é como ser capaz de responder. Segundo Haraway (2013), as figuras de cordas, certamente são um dos jogos mais antigos da humanidade, embora não seja o mesmo jogo para todos os lugares. Entre os Navajo, continua Haraway (2013), estes jogos, essas figuras são pensadas como práticas pedagógicas, performance cosmológica, práticas de contar histórias, tecelagem contínua. Conclui a autora que, tal como a cama de gato, SF é um jogo de padrões de transmissão, dar e receber e retransmitir, adicionando algo novo, propondo.

Vandana Singh (2008), em seu manifesto especulativo, nos informa sobre as histórias míticas e fantásticas de antigamente. Estavam repletas de animais, plantas, forças da

natureza que pareciam realmente mágicas. Tais histórias testemunhavam as esperanças e temores em relação ao vasto universo que habitavam.

A ficção realista moderna, está em muito, desconectada do mundo físico, como se humanos existissem numa bolha, sem árvores, animais ou rochas, uma visão patologicamente solipsista, que precisa ser superada, provoca Singh (2008). Quanto às ficções especulativas e seus subgêneros de literatura fantástica e *sci-fi*, são relegadas ao âmbito infantil. Quando alcançam outros públicos, não são levadas à sério pela crítica institucional. Além disso, o fato de não serem estimuladas nos ensinos fundamental e médio dificulta que sejam descobertas e apreciadas²⁶. Tais ficções têm potencial revolucionário, são prazerosas, instigantes, excitam a imaginação, possibilitam sonhos, postulam outros caminhos, diferentes convenções sociais e tecnológicas. Antes de realizar, é necessário sonhar. Segundo Krenak (2019), o gozo, o prazer, é um fim compartilhado pelos seres, esse fim foi aos poucos sendo substituído, pelos Humanos, pelo que antes eram técnicas: os bens, as mercadorias, e então a posse. Consequentemente trazem, trouxeram, trarão malefícios, um incidente com consequências desastrosas.

Para além disso, Singh (2008) traz Carl Gustav Jung. O valor simbólico e metafórico, linguagens acionadas pela SF, são linguagens do inconsciente. Desse modo a SF fala, não somente daquilo que ainda não é ou ainda não pode ser, mas também de nós mesmos, o que somos, aqui e agora. Segundo a autora, a SF ainda não realizou seu potencial transgressivo, pois está dominada pela tecnofantasia dos homens brancos. Entretanto, há a luta pela subversão.

Recordo-me de um livro que li na adolescência, uma das personagens parecia ter um apreço por uma frase em questão: “como sair deste labirinto?”²⁷ – há uma grande chance de ela ter se suicidado. Aqui talvez a pergunta seja: como lidar, vivenciar, fazer mundos, com esses labirintos-companheiros-de-viagem embaçados por névoas, em partes, ácida, com toda a sorte de outras companheiras, companheiros, companheiros de viagem? De quais maneiras podemos lidar com estes labirintos? A diversidade de paraquedas coloridos requer diversidade de corpos, vozes, vivências, multiplicidade. A SF pode ser um movimento – imbuído de movimentos de -contra-monocultura. Krenak (2019), nos fala que contar mais uma história, outra história e outra história, levanta um pouco o céu, novamente. Quais histórias e, em quais línguas e linguagens, vamos contar-ouvir-ler-assistir-viver-morrer?

²⁶ A indústria tabagista sabe há bastante tempo que é proveitoso dirigir as propagandas aos públicos mais jovens – comentário venenoso, reconheço.

²⁷ Romance de John Green: Quem é você, Alasca? Originalmente *Looking for Alaska*, publicado pela primeira vez em 2005.

II. Relação humano-planta nos antropocenos

Opto pelo plural de Antropoceno, pois as vivências e sobrevivências, são transpassadas de diversas maneiras, graus e temporalidades, ou seja, não experimentamos o mesmo “fim do mundo”. E como nos apontam as relações humano-planta nos antropocenos, “diversidade” poderia muito bem ser um outro “nome” para “vida”.

No livro “Revolução das Plantas”, Mancuso (2017) nos apresenta informações e reflexões frutíferas, sobre o mundo das plantas e em relação com humanos. Desde seu princípio, quando as plantas optaram por se fixar em vez de movimentar-se, tal como os animais que em situação de perigo, procuram fugir e/ou atacar²⁸. Perpassando pelo último ancestral em comum entre animais e plantas. Além da questão sobre os estudos realizados com plantas que possibilitaram em concomitância, um maior entendimento sobre o mundo de animais, entre eles os seres humanos. Estudos realizados sobre a memória das plantas, também contribuem para maiores entendimentos acerca da memória humana e questões relacionadas - como patologias. E ao adentrarmos no campo da bioinspiração²⁹, se mostram modelos excelentes para projetos tecnológicos, entre eles os de arquitetura e robótica. Até mesmo, modelos excelentes de gestões não centralizadas e hierárquicas. Para além dessas questões, Mancuso (2017) reflete sobre a impressão de que a maioria das pessoas não percebe a real importância das plantas para as mais diversas formas de vida, o quanto aprendemos com elas, e ainda podemos aprender, pois estas, desde tempos imemoriais, encontram as melhores soluções para questões que dizem respeito a vida. O autor lamenta sobre a ideia de complexidade e inteligência como correspondente à vida animal, assim sendo, inconscientemente as plantas são catalogadas como passivas, negando-lhes habilidades do movimento à cognição. O autor enfatiza que a inteligência é inerente à vida, seja cerebral ou não, não é fruto do trabalho de um único órgão.

As plantas estiveram aqui antes dos seres humanos e é muito provável que ainda estejam após estes. Apesar da maior parte da biomassa na Terra ser vegetal, elas não foram-são as maiores responsáveis, por assim dizer, dos impactos destrutivos que estão transformando as vidas no planeta; tais como seres humanos, por exemplo.

²⁸ As plantas tanto podem, como também procuram fugir e/ou atacar, no entanto, de maneiras e em um espaço de tempo diferente, daquele dos animais.

²⁹ No que diz respeito às plantas, pois o termo é comumente utilizado para se referir a inspiração advinda de animais e insetos.

Em seu artigo sobre o definhamento da vida compartilhada na perda da biodiversidade, Lestel (2013) afirma que esta crise ecológica, não é a consequência da tendência tecnológica das sociedades ocidentais, “mas, ao contrário, a consequência da natureza da cultura ocidental, desde o início – sua mentalidade tecnológica sendo, em última análise, apenas um dos componentes” (LESTEL, 2013, p. 308). Segundo o autor, o Ocidente perdeu muito da sua capacidade imaginativa, por sua aversão ao mundo animal, não apenas se distanciando deste, ao se locomover para as cidades, como se declarando um ser único, em sua complexidade e inteligência, afirmando-se, assim, como não mais animal. Desse modo, diria, entendeu-se como esse ser a sós no mundo, o único peixe grande em um lago chamando Terra, o próprio Deus, o próprio juiz, o dono e construtor - e único capacitado para tal -, da bússola moral.

Lestel (2013) afirma que uma *pathological imagination* nubla a percepção de ocidentais sobre seres vivos, de modo que sequer conseguem, mesmo especialistas, explicar de maneira que faça governos entenderem a gravidade da situação, e assim possam buscar saídas possíveis. Muitos desses especialistas sequer conseguem compreender a gravidade para além da perda utilitária, da biodiversidade; segundo o autor, em sentidos semióticos, ontológicos, psicológicos, existenciais. “A imaginação é uma atividade coletiva que repousa, em grande parte, no espaço de possíveis revelados a nós pelas espécies com as quais compartilhamos nossas vidas” (LESTEL, 2013, p. 311). A imaginação não é um trunfo ocidental, ou das humanidades, cada ser é uma mensagem para outro ser, os seres estabelecem relações com o mundo, organizam suas vidas, estabelecem espaços de sentidos. É também importante ressaltar, que populações não-hegemônicas continuam sendo animalizadas – ou “naturalizadas”, colocadas como parte dessa natureza contra a qual, por sua aversão, o Ocidente declarou/declara guerra -, nesse sentido de corpos que podem-devem-são usados e descartados, mortos.

Lestel (2013) critica a ecologia que só consegue visualizar ecossistemas como hierarquias, trocas de energia e reprodução; propõe a urgência de mudanças. Nesse sentido, a imaginação é crucial para que possamos nutrir, tecer, inter/transespecificamente, múltiplos horizontes, em que relações mais saudáveis, nas possibilidades que ainda podem florescer - e que contra muitas probabilidades, se efetivam em alguns corpos-territórios, seres-coletivos -, possam ser possíveis e celebradas. Para isso, a diversidade é fundamental. E quanto a isso, acredito que as artes possam, significativamente, atuar como chuva, como vento, como sol, como sementes e micorrizas – também como fungos patológicos (TSING, 2019), não podemos negar. Devemos concordar que basta de monoculturas, quanto mais propostas, ações, quanto mais colorido, tanto melhor.

Falar sobre Antropocenos é, inevitavelmente, falar sobre as mais variadas formas de violências que atravessam os mais variados corpos e existências. É inevitavelmente falar de Necropolítica, que em sua conclusão, nos afirma Mbembe (2018, p. 71), são “as formas contemporâneas que subjagam a vida ao poder da morte”. Em seu ensaio, o autor demonstra que a noção foucaultiana de biopoder não é suficiente para dar conta de tal questão, no que diz respeito às realidades de corpos que podem ser – e são – considerados “descartáveis”. E aqui, vou além de corpos humanos – ainda que tenham suas humanidades negadas no processo colonial -, em direção aos corpos de diversos seres com os quais vivemos no planeta, assim como às várias entidades existentes para diversos povos. Nesse sentido, falar de Necropolítica, é também falar de epistemicídio, integracionismo, etnocídio³⁰, embora Mbembe (2018) não fale nesses termos.

Segundo Mbembe (2018), já se argumentou que o Estado nazista possui exclusividade na fusão completa de guerra e política – racismo, homicídio e suicídio. Entretanto, a ligação entre a modernidade e o terror advém de várias fontes e podem ser identificadas desde o Antigo Regime. Surgem as inovações nas tecnologias de assassinato, que não só buscam “civilizar” as maneiras, como possibilitar o maior número de mortes, em menos tempo. Gradualmente se desloca o “povo”, de categoria política da realidade concreta, à uma figura retórica. Ainda, conforme o autor, para falar sobre o surgimento do terror moderno é necessário tratar da escravidão. “O que se testemunha na Segunda Guerra Mundial é a extensão dos métodos anteriormente reservado aos “selvagens” aos povos “civilizados” da Europa” (MBEMBE, 2018, p. 32). O autor perpassa pela colonização desde o sistema de *plantation*, ao contexto de ocupação colonial contemporânea, até as guerras contemporâneas, onde as operações militares e o exercício do direito de matar deixaram de ser uma exclusividade do Estado.

A crítica política contemporânea articulou uma certa ideia de política, comunidade e sujeito, pautado numa distinção entre razão e desrazão (MBEMBE, 2018). Portanto, o conceito de razão se mostra um dos elementos mais importante tanto no que diz respeito ao projeto de Modernidade, quanto do território da Soberania. Ainda:

Em última instância, o terror não está ligado exclusivamente à utópica crença no poder irrestrito da razão. Também está claramente relacionado a várias narrativas sobre dominação e emancipação, apoiadas majoritariamente em concepções sobre verdade e erro, o “real” e o simbólico herdados do iluminismo (MBEMBE, 2018, p. 24).

³⁰ A colonização não acabou, continua, atualizada. De acordo com Geni Nuñez, o etnocídio “em breves palavras, pode ser entendido como (uma tentativa de) extermínio político, cultural, simbólico e espiritual de nossas existências” (NÚÑEZ, 2021, p. 66).

A deslegitimação de verdades que não ocidentais, da realidade de outros povos e seres, impondo de maneira brutal a monocultura pautada no Iluminismo, em síntese a expansão da Modernidade, é em si a expansão do terror, da morte, da violência, de antropocenos. E nesses termos, o borbulhar de resistências brotando, rompendo concretos, granitos, buscando ar, água, nutrientes, vida. E não por coincidência, emaranhado nesses embates, reações e contra-reações³¹. No meio do caos, com medo, feridas, cicatrizes recentes ou de longa data, é sempre possível que extravasemos essa violência sedimentada em nossos músculos, entre nós³² (FANON, 1961).

No que diz respeito às nomenclaturas utilizadas em referência ao desenrolar dos eventos que estamos vivenciando no/com este planeta, Haraway (2016) discute as implicações de nomeações tais como Antropoceno, Plantationoceno ou Capitaloceno. Segundo a autora, não resta dúvida de que processos antrópicos surtiram efeitos em nível planetário, desde que seres humanos passaram a se reconhecer como espécie e desde que passaram a investir numa agricultura em larga escala, em inter/intra-ação com outras espécies e processos. Essas nomeações não dão conta dos processos que vão além das ações das pessoas, em si, abarcando outros arranjos, uma vez que nenhuma espécie age sozinha e tais processos envolvem uma miríade de espécies orgânicas e atores abióticos. Muito além de “mudanças climáticas”, trata-se também, do envenenamento e esgotamento de solos, das águas, abaixo ou acima do solo, da simplificação de ecossistemas, do genocídio em larga escala de pessoas e outros seres etc., ligados entre si, que desencadeiam repetidos colapsos do sistema.

Haraway (2016) propõe Chthuluceno, que se refere às dinâmicas de forças e poderes de toda a terra, numa miríade de seres, entidades, temporalidades e espacialidades. A autora propõe a ação de fazer parentes – não bebês -, com intenso compromisso e colaborações entre terranos³³, em todos os sentidos imagináveis, ou seja, com multiplicidade, diversidade de seres, sejam de pessoas, sejam de outros seres orgânicos e abióticos, buscando cultivar épocas por vir, que possam possibilitar reconstituir refúgios. Também é indispensável incluir o luto pelas perdas irreversíveis. Tais épocas não podem ser construídas sobre um mito de imortalidade, ou do fracasso de sermos também extintos. Está ocorrendo uma imensa destruição irreversível, e não apenas para as 11 bilhões ou mais de pessoas que estarão aqui – contanto que a taxa de natalidade permaneça baixa -, perto do final do século XXI, como também para uma

³¹ Aqui utilizo o termo contra-reações – em referência ao conceito de “contra-violência” de Fanon (1961) - para esboçar as violências praticadas-sofridas por-nesses corpos, entre os mesmos, como consequência da violência advinda da monocultura ocidental.

³² Em referência às populações não-hegemônicas.

³³ Termo latouriano. Ver: Latour (2014).

miríade de outros seres. Aqui, gostaria de enfatizar este último ponto, pois uma vez que busquemos fazer parentes, buscando com diversidade construir épocas em que a reconstituição de refúgios seja possível, sem pretensão a imortalidade humana, ou medo do fracasso de estarmos entre os seres extintos, pessoas comprometidas na luta contra racismos, individualismos, especismos, e outros ismos e preconceitos, compreendendo que as coisas vão além de nós, por todas as partes, englobando o planeta inteiro e os mais diversos mundos; se isso acontecer, talvez não utilizaremos³⁴ da gravidade da situação como justificativa para mais e mais genocídios, assassinatos em massa. Outras saídas são possíveis e mais uma vez, para isso a diversidade é indispensável.

Mas e quando as ciências estão sob ataques anticientíficos, pautados falaciosamente, em questões levantadas pelas humanidades? Como lidar com questões que dizem respeito às condições de vidas terranas, no que tange mudanças climáticas, pandemias planetárias, perda da diversidade biológica e social, sem inibir a autonomia ontológica de diferentes povos? Almeida (2021), enfatiza a necessidade de uma virada pragmática na antropologia. Se por um lado o naturalismo científico afirma a existências de fenômenos globais, por outro o Relativismo Cultural passou a ser utilizado como justificativa de que *Fake News* e verdade são visões igualmente sustentáveis, negando haver critérios que possam distinguir uma da outra.

Para Almeida (2021), tanto o Relativismo Naturalista, quanto o Relativismo Cultural, bloqueiam a aliança política entre diferentes povos. Entretanto, é possível à antropologia aderir ao consenso científico sobre a origem antrópica da catástrofe climática, sem que para isso seja necessário ferir a autonomia ontológica de povos. A solução consiste na separação entre metafísicas e encontros pragmáticos:

Há uma resposta a esse dilema, que se baseia na distinção entre verdades metafísicas – afirmações que se dirigem a domínios que estão além de qualquer experiência possível – e verdade pragmáticas, que dizem respeito a experiências possíveis. Em segundo lugar, apoia-se na ideia segundo a qual um mesmo núcleo de verdade pragmáticas é compatível com múltiplas verdades metafísicas. Essa distinção significa que múltiplos mundos metafísicos são compatíveis com as mesmas verdades pragmáticas – isto é, com a experiência (ALMEIDA, 2021, p. 12).

Ainda, o relativismo antropológico paradoxalmente se relaciona com o empirismo científico, pois se por um lado, o argumento principal deste último, é também a atitude do primeiro: a impossibilidade de eleger uma ontologia verdadeira, isto é, a compatibilidade, pela experiência, de múltiplas ontologias ou muitos mundos possíveis. Por outro, diferem na conclusão retirada dessa constatação. O empirismo busca se ater aos dados, pois não pode a

³⁴ Por assim dizer, uma vez que tal poder se encontra, majoritariamente, em mãos hegemônicas.

partir destes determinar como o mundo realmente é. A atitude antropológica, por seu turno, conclui que múltiplas ontologias são compatíveis com os mesmos encontros pragmáticos. O autor chama de “verdades pragmáticas”, o chão comum entre ontologias diferentes. Sendo assim, são o critério para diferenciar “pseudoverdades (mentiras e *Fake News*) e pseudoargumentos (falácias), preservando ao mesmo tempo, a validade de múltiplas ontologias e de diferentes lógicas” (ALMEIDA, 2021, p. 22). Existem critérios da experiência que são válidos em diferentes visões de mundo, como critérios de vida e morte, dor e prazer. E assim como pode haver concordância entre ontologias diferentes, também ocorrem conflitos ontológicos, cuja extensão é a guerra de aniquilação, que segundo Almeida (2021), são a continuação de guerras materiais.

O antropoceno, como ficou conhecido por um seletivo número de pessoas, segundo Krenak (2019), é o desastre de nossa época e foi embrulhado por nossos antepassados recentes, assim como estamos embrulhando mundos para as futuras gerações. Já houveram muitos fins do mundo. O autor ora fala “nós” se referindo a uma humanidade abstrata e homogênea, imposta pela colonização, ora fala como “sub-humanidade”, que se recusa a entrar nessa abstração civilizatória, nesse clube da humanidade antropocêntrica.

Segundo o intelectual, essa humanidade abstrata foi inaugurada quando um povo decidiu que, uma vez esclarecido, deveria levar esse esclarecimento, sobre como se deveria viver, sua concepção de verdade, a outros povos que para este, não eram esclarecidos. Uma abstração civilizatória. Passou a se impor, a suprimir subjetividades, negar pluralidades das formas de vidas, de existências, de hábitos. Tal humanidade foi se descolando da Terra, de forma que passou a se ver em separado dela, despersonalizando rios, montanhas, todas as outras formas de vida, transformando-as em mercadorias. O consumo tomou conta do que antes era cidadania. Criou-se ausências de sentidos existenciais. Soltos num cosmos vazio de sentido e de responsabilidade, portanto. Numa postura de negação da vida.

Krenak (2019) propõe uma postura inversa, de negação da vida para compromisso com a vida: “O fim do mundo talvez seja uma breve interrupção de prazer extasiante que a gente não quer perder. Parece que todos os artifícios que foram buscados por nossos ancestrais têm a ver com essa sensação” (KRENAK, 2019, p. 60). O gozo, o prazer, como fim, foram substituídos pela mercadoria, que era um meio e passou a ser um fim. A desestabilização dessa construção do imaginário coletivo talvez provoque uma espécie de ruptura, como se caíssemos num abismo, nos informa o autor, no entanto, já caímos em tantas escalas e lugares. Em vez de excluirmos a queda, devemos nos ater a produção de paraquedas coloridos, a viver e fortalecer

nossas subjetividades, a nos encontrarmos e vivenciarmos fricções, ampliar o horizonte existencial, abandonar essa humanidade homogênea e separada da natureza, que “pensamos ser”. Implodir o casulo do humano e nos abriremos a visões não limitadas da vida. “Devíamos admitir a natureza como uma imensa multidão de formas, incluindo cada pedaço de nós, que somos parte de tudo: 70% água e um monte de outros materiais que nos compõem” (KRENAK, 2019, p. 69). Devíamos encarar a queda, dispensar uma volta à “normalidade” pós-pandêmica – e/ou pós-apocalíptica -, parar de vender o amanhã, como nos instiga Krenak (2020), e nos responsabilizarmos pelos mundos que estamos empacotando para as próximas gerações. Krenak (2019), faz uma provocação, falando que não está falando do filme *Avatar*, que muitas pessoas, aquelas que insistem em ficar coladas na terra, vivenciam essas experiências, embora há mais de 500 anos estejam sendo pressionadas a aceitar essa roubada de uma humanidade homogênea. O autor faz uma provocação às(aos) antropólogas(os), questiona quantas(os) perceberam que essas estratégias, só tinham como propósito adiar o fim do mundo.

Percebemos, portanto, que lidar com antropocenos, para além, ou melhor, antes-durante-depois da proposta do pós-humanismo – que busca romper/negar a abstração do antropocentrismo, que teve e têm consequências inegáveis - é necessário enfrentarmos, nos comprometermos frente as consequências dessa ideia de humanidade, os binarismos impostos, as monoculturas, é necessário combater a colonialidade³⁵. Pois, como nos aponta Nuñez (2021):

Um dos objetivos do racismo é o de homogeneizar as singularidades e diversidades étnicas, colonizando os diferentes povos à sua própria perspectiva religiosa, política e econômica. Tenho nomeado essa conjuntura de sistema de monoculturas (monocultura da fé, no monoteísmo cristão; monocultura da sexualidade, monossexismo heterocisnormativo; monocultura dos afetos, na monogamia e assim por diante). É nesse contexto que o racismo e o etnocídio se imbricam como parte do mesmo projeto colonial (p. 67).

Temos visto como o projeto colonial está imbricado aos antropocenos. Não se pode buscar erradicar um malefício num dado organismo, sem buscar curar o que já foi desencadeado. Uma vez ferroadado por uma arraia, ainda que esta seja morta, ou fuja, se não cuidar do ferimento, das consequências dessa ferroadada, os desastres que se seguem a partir disso podem ser fatais, independente de quanta dor já se tenha suportado por conta dessa ferroadada, e/ou essa arraia ter sido morta, ou ter fugido, enfim, independente de ela estar ou não, ainda lá – e dessa forma, tampouco importa se ela existiu de fato. É necessário tratar. Do mesmo modo, para encarar os antropocenos se faz necessário, de fato, uma postura de enfrentamento sobre todas as formas de violências que atravessam os mais diversos corpos, sejam eles humanos,

³⁵ “Aos processos de atualização da violência colonial, chamamos colonialidade (QUIJANO, 2005)” (NUÑEZ, 2021, p. 65).

sub-humanos (KRENAK, 2019) e suas vivências - o que inclui etnias, genótipos, fenótipos, gêneros, sexualidades, pessoas com deficiência, credo, idade, lugar geográfico e político etc. - , sejam os mais variados corpos e vivências de não-humanos. Afinal, como mais uma vez Núñez, nos afirma:

A violência colonial tem atingido múltiplas esferas da vida, desde a exploração das terras, matança dos rios, extinção de múltiplas espécies até à exploração do território-corpo que somos. Há nessas relações agrotóxicas uma interconexão e interdependência. Da mesma forma que essas violências incidem sobre nós de maneira conjunta, o enfrentamento a elas também deve acompanhar a complexidade que essa tarefa nos traz (NÚÑEZ, 2021, p. 1).

Que saíamos de uma postura de negação da vida, para uma postura de compromisso com a vida, como nos instiga Krenak (2019). Que não nos iludamos ou hajamos de má fé, pois se numa sociedade racista não basta não ser racista, é preciso ser antirracista, como nos ensina Angela Davis, em mundos antropocêntricos, não basta o diagnóstico, a retirada do tumor, é necessário tratar o que foi desencadeado com seriedade, coragem e ousadia. Que possamos embrulhar às próximas gerações mundos onde subjetividades, diversidades, multiplicidades, multiversos, sejam possíveis, sejam celebrados.

CAPÍTULO 2 – ANTROPOLOGIA E LITERATURA DE FICÇÃO ESPECULATIVA – ENSAIOS

2.1 A Curva do Sonho - Título Original *The Lathe Of Heaven* (1971)

Edição de 2019, da editora Morro Branco, da autora Ursula Kroeber Le Guin, escritora, ficcionista, poetisa, ensaísta e editora literária estadunidense, autora de primeira linha, seu papel de embaixadora dos gêneros do fantástico, começou em 1968; nascida em Berkley em 21 de outubro de 1929, falecida em 22 de janeiro de 2018 em Portland (CLUTE, 2018). No início dos anos 70, nos informa Chabon (2019), Le Guin escreveu vários ensaios defendendo uma das grandes tradições literárias, a fantasia, embora para ela, a distinção entre esta e a de ficção científica, fosse trivial. Tais ensaios, estão entre as principais leituras de outros fantasistas modernos, que se viam obrigados a defender seus trabalhos, dos ditadores do pragmatismo, que viam na fantasia pouca ou nenhuma utilidade, tampouco a possibilidade de levá-la a sério. Esta era vista como uma forma de escapismo, e levar as pessoas a cogitarem a possibilidade de escapar das realidades em que se encontravam, levá-las a desejarem tal coisa, era considerado tolice, indesejável, imoral, na pior das hipóteses, criminoso. Ao que Le Guin responde como sendo o principal alvo, não a fantasia, mas a faculdade da imaginação. Ela

contra-atacou, argumentando que a realidade que ali se dava como fato material, a qual defendiam contra o tal escapismo tolo, imoral, indesejável etc, se tratava de uma máquina projetada para subjugar mulheres, para suprimir e suplantando outras culturas, para mercantilizar a experiência humana e automatizar o comportamento humano (CHABON, 2019). O escapismo então se revela como potência transformadora, a imaginação se revela como possibilidade de construir saídas contra o duro e fatal padrão imposto. Por isso o amplo interesse na postura contra a fantasia e a ficção científica.

Chabon (2019), continua, relata que quarenta anos depois, Le Guin continuava a defender a imaginação. Para esta, não eram apenas os gêneros de fantasia e ficção científica a serem atacados, mas toda a literatura. Inclusive a alfabetização, para além da capacidade de ler, como um meio de treinar a imaginação. Isso me lembrou uma frase que vi grafitada num muro certa vez, algo como: “o sistema não investe em educação, porque a educação subverte o sistema”; nesse caso creio que a educação colocada ali, se refere para além da capacidade de ler, mas também de entender, de fazer correlações, de treinar a imaginação, das possibilidades de criação de outras realidades; de subversão. Subversão a qual Ursula K Le Guin nos convida abertamente, e esse livro que apresentarei e comentarei é um desses chamados a subversão e é, também, a própria subversão em si; assim me veio.

O desenrolar da história se passa no final do século XX, para o início do XXI, com inúmeras precariedades para existências em planeta Terra - uma intensificação (WOLF-MEYER, 2018) das problemáticas, que começavam a ganhar endosso, na década de setenta, quando o livro tem sua primeira edição publicada. Tais questões são intensificadas, ampliadas a níveis drástico, catastróficos. Questões como efeito estufa, derretimento de calotas, enchentes e transbordamentos, racionamentos de comida, medicamentos - o que deixa subentendido o colapso da biodiversidade -; crise de superpopulação, guerras, epidemia, uma seguida da outra; mortes por inanição. Pessoas de baixa renda que recebem auxílio do governo, mas não há alimentos nutritivos para serem comprados.

Em “A Vida Não é Útil”, Krenak (2020, p. 7), nos chama atenção a um fato tão óbvio, que parece passar despercebido. “Ninguém come dinheiro”. O Brasil é um grande exportador de alimentos - é interessante perceber como usar o nome de um país se referindo a uma população, faz tão pouco jus aos desdobramentos existentes. Em março de 2021, a exportação do Agronegócio bateu US\$ 11, 57 bilhões³⁶. No mesmo mês em que o país

³⁶ Os dados são do site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

ultrapassou a marca de 300 mil mortes³⁷, 300 mil pessoas levadas pela covid-19, num governo precário; os leitos de “Unidade de Terapia Intensiva (UTI’s)” são insuficientes. Os índices de insegurança alimentar já estavam em alta em dezembro de 2020, período da última parcela do auxílio emergencial que viria a voltar somente em abril de 2021; com diminuição tanto do número de famílias a receber, quanto do valor monetário³⁸. De acordo com a “Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Penssan)”, é considerado insegurança alimentar, quando não se tem acesso pleno e permanente a alimentos. Ainda de acordo com a Penssan, em meio a pandemia mais da metade da população brasileira se encontra em meio a insegurança alimentar, em variados graus: leve, moderado, grave. O Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19³⁹ foi realizado, em 2.180 domicílios nas cinco regiões do país, em áreas urbanas e rurais, entre 5 e 24 de dezembro de 2020. Durante o período de abrangência da pesquisa, 116, 8 milhões de pessoas não tinham acesso “pleno e permanente” a alimentação; desses, 43,5 milhões não tinham alimento suficiente (insegurança alimentar moderada ou grave), e 19,1 milhões, estavam passando fome (insegurança alimentar grave). Segundo o Inquérito as desigualdades regionais seguem acentuadas, sendo as regiões norte e nordeste, as mais afetadas.

Apesar de estarmos em meio a uma pandemia, o que significa que, teoricamente, qualquer pessoa possa ser contaminada e vir óbito. E também do Brasil se encontrar em instabilidade econômica por conta da situação pandêmica que impôs uma diminuição no ritmo da produção⁴⁰. Tanto o vírus e a mortandade, quanto a fome - que conseqüentemente se soma a gravidade do vírus -, afetam em maior grau populações mais vulneráveis devido ao sistema de distribuição de renda e recursos básicos à sobrevivência. Mesmo em contextos urbanos de alta densidade, a covid-19 não afeta de forma democrática as populações (TORRES e LINKE; 2020), vários fatores se somam facilitando ou dificultando a disseminação e suas conseqüências. O dinheiro, a riqueza, a posse, são ilusões com as quais a maioria das pessoas apenas podem sonhar; e vira e mexe, comer se torna também apenas um sonho; um sonho tão necessário e também tão fugidio, sonho que não se efetiva.

³⁷ Ver mais em: https://susanalitico.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html

³⁸ Mais detalhes no site: <https://www.gov.br/gsi/pt-br/assuntos/noticias/2021/auxilio-emergencial-2021>

³⁹ O inquérito foi conduzido pela rede Penssan, e contou com o apoio do Instituto Ibirapitanga e parceria de ActionAid Brasil, FES-Brasil e Oxfam Brasil. Os dados se encontram no site da Penssan, na aba “olhe para a fome”.

⁴⁰ Ao mesmo tempo em que o agronegócio continua a todo vapor, com suas exportações de alimentos e saldos mensais, vale mencionar.

Voltando ao livro, George Orr é morador de Portland por escolha e também por não acreditar que a vida poderia ser melhor em qualquer outro lugar, devido as condições planetárias. Uma das suas características mais memoráveis, é o fato de este, ter sonhos *efetivos*⁴¹ que alteram realidades. Geralmente ocorrem quando está sob muito estresse, mas passam a ocorrer cada vez mais. O peso de tais alterações e a recorrência de tais sonhos, passam a lhe causar tamanha perturbação, que se vê obrigado a tomar medicamentos exageradamente para evitá-los. No entanto, há limite de automedicação para as pessoas, isso o leva a pegar cartões farmacêuticos emprestados, ou seja, de forma ilícita. Em uma dessas noites, George Orr é encontrado no corredor passando mal, por conta do exagero no uso de medicamentos - ou por conta do sonho anterior que este vivenciou. Isso o envolve numa série de burocracias, tendo que se obrigar ao “Tratamento Terapêutico Voluntário (TTV)”, a menos que quisesse ser preso e obrigado ao “Tratamento Terapêutico Obrigatório (TTO)”. E assim foi encaminhado ao consultório do Dr. William Haber, psiquiatra especializado em terapia de sono/sonhos.

O consultório do psiquiatra era mediano, sem janela, com uma fotografia do monte *Hood*, em uma de suas paredes, de antes do efeito estufa ter acabado com toda a neve e o céu azul. Haber, ouve George e se convence de uma certa inteligência do paciente, mas não de sua sanidade e/ou força, ele o considera fraco, passivo, “uma medusa moral” (LE GUIN, 2019, p. 101). Em um dos diálogos com Orr, Haber verbaliza suas impressões: “– Você tem uma perspectiva estranhamente passiva para um homem criado no ocidente judaico-cristão-racionalista. Uma espécie de budista por natureza. Já estudou misticismo orientais, George? – A pergunta [...] era de franco desdém” (LE GUIN, 2019, p. 59). O próprio status de Haber como psiquiatra, doutor, e de George como paciente, coloca Orr em uma posição, ou ainda, numa sub posição, pois tal homem está em condição legal de vulnerabilidade. Haber é um homem grande e robusto de barbas ruivas, Orr um homem franzino de barbas loiras e cabelos castanhos, ambos brancos.

A primeira vez que George Orr se lembra de ter tido um sonho efetivo, tinha lá seus 17 anos, sua tia o importunava, relata. Nessa noite ele sonhou que ela morria em um acidente de carro; ao acordar, percebeu que a realidade tinha mudado, e agora sua tia tinha morrido há umas três semanas, no dito acidente de carro, e somente ele lembrava que até o dia anterior ela ainda estava viva. Ele acredita que as outras pessoas só lembram de uma das realidades, porque

⁴¹ Nomenclatura utilizada pelo próprio personagem, para se referir aos seus sonhos que alteram, retroativamente, as realidades.

somente ele estava ali no sonho, presenciando o sonho, no momento em que ele altera retroativamente os acontecimentos.

Na abertura do livro acompanhamos uma escrita suave-densa, soando despreziosa, mas profunda, uma metáfora talvez, uma leve abertura, uma pequena janela na imensidão, para o espaço semiótico das águas-vivas; elas flutuam, oscilam, pulsam; diante da imensidão do mar, das ondas, das criaturas, da lua e a rotação da Terra, a água-viva “está à deriva nas profundezas marinhas” (LE GUIN, 2019, p. 6). George não tem controle sobre seus sonhos *efetivos*.

Haber estava desenvolvendo uma máquina, que nomeou de Ampliador, a qual já funcionava, embora ainda não estivesse terminada. A máquina servia para monitorar impulsos elétricos do cérebro, funcionando como um “eletroencefalograma (EEG)”, porém, além disso, o psiquiatra ambicionava seu uso para a ampliação dos comandos neurais, responsáveis pela qualidade do sono, ou seja, a ampliação da ação do pesquisador sobre a região responsável pelo sono, e conseqüente sobre os ciclos do sono. Segundo Haber, com a ajuda da máquina, o tempo demandado para chegar a um sono saudável, seria menor. Ele explica quatro estágios do sono, sendo eles Vigília, Transe, estado S, estado D. O estado D, é aquele em que os sonhos mais realistas acontecem, demorando geralmente em torno de 15 minutos, acontecendo entre 4 e 5 vezes durante o sono, numa noite; o mais importante para a qualidade do sono. A máquina seria usada em Orr, para o ajudar a dormir e sonhar sem medo; afinal ele tinha sido encaminhado até o psiquiatra por estar tendo problemas com o sono – e seus sonhos -; assim teria uma espécie de sono/sonho dirigido.

Depois de colocar o capacete para EEG, o paciente deve ser hipnotizado, e então induzido a sonhar. George Orr é induzido a sonhar com um cavalo, entre outros detalhes. Ao acordar, ele notou que o desenho na parede, que antes era o monte *Hood*, agora era um cavalo enorme de pelos ruivos. Perguntou ao médico se ele se lembrava do desenho anterior, este por um instante ficou reflexivo, mas logo disse que o cavalo sempre esteve ali; embora em seus pensamentos lamentasse a falta de janelas e vista.

Pouco depois, ao perceber que os sonhos de seu paciente de fato alteram a realidade, mesmo um tanto incrédulo, Haber começa a utilizá-los para melhorar o mundo para o ser humano – qual ser humano? -, segundo suas convicções; assim também melhora seu próprio status como cientista e seu consultório, sua marca.

O antropoceno, ou, os antropocenos, têm sua acentuação no fato de algumas pessoas decidiram que o mundo estava aí para ser desbravado, dobrado às suas vontades –

antropocentrismo. Quando Haber decide melhorar o mundo para o ser humano – ao utilizar no singular não resta dúvida da universalização do termo -, é nesse humano que ele está pensando, no humano hegemônico, nesse humano que se automeiou, discutiu a humanidade de outros povos, e negou humanidade a esses outros; e humanidade aqui se refere ao direito efetivo de ser, viver, existir, reproduzir, saber. Haber toma para si o direito e capacidade de decidir e pôr em prática o melhor para o ser humano – como um dado -, não para humanidades, tampouco leva em considerações outros seres que não humanos.

De volta ao livro, George não tem certeza se seu psiquiatra acredita nele, e se ele acredita, não entende porque não lhe disse nada ainda a respeito, e age ora como se acreditasse, ora como se não; embora mais tarde o paciente chegue à conclusão de que o psiquiatra dividiu a própria consciência, para melhor lidar com as realidades que se sobrepõem a cada novo sonho efetivo - um tanto comandado pelo próprio psiquiatra⁴² -; e para lidar melhor com seus próprios valores.

George sentindo-se usado, procura uma saída; contata a advogada srta. Lelach, a qual se dispôs a ajudá-lo, pois ele a convenceu de que precisava de ajuda, embora ela não soubesse se de fato poderia ajudar, como advogada. Ela faz uma visita ao consultório de Haber, no dia da terapia de Orr, sem que ambos demonstrassem ter tido qualquer conhecimento anterior um do outro. Ela vai como agente do governo, apenas cumprindo formalidades por conta da nova máquina, a criação ou aperfeiçoamento ainda em andamento, do Ampliador, de Haber; o que o deixa um tanto desconfortável, mas não o suficiente para se sentir intimidado.

Diante da srta. Lelach, Haber fala de Orr – o qual já havia diagnosticado - como um paciente profundamente desequilibrado, com tendência a distorcer a realidade – diagnóstico dado com três semanas de terapia -; e age naturalmente. Porém, quando o psiquiatra descreve em voz alta o que George deve sonhar; a advogada que já tinha um conhecimento prévio do que o paciente acreditava que acontecia durante o seu sonhar efetivamente, observa pela janela o que acontece lá fora. Haber induz George a sonhar que o problema da crise superpopulacional não existe, isso promove uma alteração na arquitetura da cidade – prédios se diluindo como névoa, sem sobrar sequer vestígios de que um dia existiram ali -, no próprio ar sendo inspirado e expirado – leve melhora na situação climática -, nas lembranças das três pessoas na sala. Ao notar que a agente percebeu a mudança, Haber tenta ao máximo, confirmar à Lelach, sua nova-

⁴² Uma vez que Haber dita os fins à George, mas é o inconsciente - fala do próprio personagem - do paciente, que cria os meios.

velha memória. A saber, a Era da Peste que dizimou 6 bilhões de pessoas. Lelach parece aceitar a nova-velha⁴³ memória e Haber poderia dar prosseguimento aos seus projetos, pensou ele.

Assim, os projetos de Haber, de melhorar o mundo, conforme suas convicções, acabam sempre esbarrando no empecilho de nunca saírem da melhor maneira possível – se poderia haver tal coisa -, pois eram postos em prática pelo inconsciente de George, e pelos comandos do psiquiatra, que ignorando os meios, ditava os fins, e o inconsciente do paciente inventava os meios mais mirabolantes. George era desenhista, para desenhistas os meios importam tanto quanto os fins, ousaria dizer que às vezes até mais que os fins. Haber culpa George, e o próprio George culpa seu inconsciente, pelo fato de as coisas não saírem da maneira mais perfeita possível, da melhor maneira possível, seja lá qual a ideia disso, que ambos tenham. Haber acredita - e afirma – que o paciente é profundamente desequilibrado, com tendência a distorcer a realidade. Depois o aponta como o culpado do mundo não melhorar tanto quanto o psiquiatra almeja, pois, além de George ser um irresponsável social, seus sonhos são desonestos e idiotas.

Para resolver a crise populacional, os sonhos criaram A peste; para acabar com as guerras entre as pessoas, os sonhos trouxeram os alienígenas para a lua, o que acabou matando pessoas que estavam na base lunar, e os países tiveram que se unir e se preparar para o ataque dos alienígenas, que não se sabia quando iam invadir. Sucumbindo ao peso de todas essas alterações, das consequências tanto para a cabeça de George, quanto para as outras pessoas; Orr resolve fugir de Haber e se isola numa cabana que ganhou em um sorteio, numa área de proteção ambiental - realidade que Haber o induziu a sonhar-criar, diga-se de passagem. Lelach procura por ele, pois ela anda confusa e deseja explicações. Após conversarem, Lelach, para ajudar o novo amigo, que anda há tempos sem dormir, decide hipnotizá-lo; tinha algum conhecimento sobre, e experiência. Então ela o guia por um sonho onde os alienígenas já não estão mais na lua, e Haber era um sujeito benevolente. Após isso, acordam ao som de sirenes e explosões; os alienígenas estão pousando na Terra. George se vê obrigado a procurar Haber; na estrada sofre um acidente junto com Lelach, mas chegam juntos ao consultório. Haber parece ter aceitado o fato de os sonhos de George serem efetivos, tinha mandado procurar por ele. Logo prepara a parafernália, e equipa George, para que este sonhe sumindo com os alienígenas. Enquanto a gravação de sua voz está guiando George para o estado E – o estado de sonhos efetivos fora batizado de estado E, pelo psiquiatra -, um alienígena entra pela janela do consultório e conversa

⁴³ Expressão minha. Nova porque acabou de surgir, velha porque os personagens passam a experimentá-la como se a tivessem de fato vivenciado.

com Haber, que está deveras temeroso, tentando proteger o Ampliador. As primeiras palavras do alienígena são “não faça aos outros o que não deseja que façam com você” (LE GUIN, 2019, p. 85), e então, pelo cotovelo esquerdo, usando um dispositivo, pede que informe aos demais que eles são uma espécie não agressiva e não bélica; que as bombas que as pessoas estão usando, as armas, estão ferindo somente elas e aos outros, não eles; olhando George dormindo no divã, o alienígena fala que a pessoa-individual está *iahklu*⁴⁴; o psiquiatra pede explicação ao termo, pedido ao qual o alienígena não pôde atender, devido a pressa para contatar instalações militares. As coisas se acalmam, Haber induz George a sonhar com um pouso mais ameno, dos alienígenas. Portland agora, “era sede do centro Mundial de Planejamento, agência líder da federação dos Povos, supranacional” (LE GUIN, 2019, p. 89). Não satisfeito, Haber o induz a sonhar que não existe preconceito de cor, e logo no mundo só existem pessoas cinzas; Haber agora era o diretor do “Utilidade Humana: Pesquisa e Desenvolvimento (UHPD)”, núcleo vital do Centro Mundial de Planejamento; e Heather Lelach, cuja pele era marrom, como descreve George, nunca havia existido. As diferenças aqui são tidas como a causa de conflitos - o que para Haber, justifica seu extermínio. Mas os maiores e mais sangrentos conflitos existentes, no tempo de vida dos humanos na terra, podem ser entendidos enquanto consequências da construção da diferença como negativa e inferior, ao modelo Universal. Essa construção imposta, é em si conflituosa, gerando mais conflitos, ao mesmo tempo em que reforça a negatização e hierarquia das diferenças. Sendo assim esse “Ser Humano” traz consigo, tanto a Universalização – que visa exterminar as diferenças -; quanto o extermínio dos corpos biológicos, propriamente dito, o ceifar das vidas; e esse Universal é branco, racista; bem, agora, cinza.

De acordo com Kilomba:

No racismo estão presentes, de modo simultâneo, três características: a primeira é a *construção de/da diferença*. A pessoa é vista como “diferente” devido a sua origem racial e/ou pertença religiosa. Aqui, temos de perguntar: quem é “diferente” de quem? É o *sujeito negro* “diferente” do *sujeito branco*, ou o contrário, é o *branco* “diferente” do *negro*? Só se torna “diferente” porque se “difere” de um grupo que tem o poder de se definir como norma – a norma *branca*. Todas/os aquelas/es que não são brancas/os são construídas/os então como “diferente”. A branquitude é construída como ponto de referência a partir da qual todas/os as/os “*Outras/os*” raciais “diferem”. Nesse sentido, não se é “diferente”, torna-se “diferente” por meio do processo de discriminação.

A segunda característica é: essas diferenças construídas *estão inseparavelmente ligadas a valores hierárquicos*. Não só o indivíduo é visto como “diferente”, mas essa diferença também é articulada através do estigma, da desonra e da inferioridade. [...] Esses dois últimos processos – a construção da diferença e sua associação com a hierarquia – formam o que também é chamado de *preconceito*.

⁴⁴ “Incomunicável. Linguagem usada para comunicação com pessoas-individuais não conterà outras formas de relacionamento” (LE GUIN, 2019, p. 105)

Por fim, ambos os processos são acompanhados pelo *poder*: histórico, político, social e econômico. É a combinação do preconceito e do poder que forma o racismo. E, nesse sentido, o *racismo é a supremacia branca*. [...] O racismo, por sua vez, inclui a dimensão do poder e é revelado através de diferenças globais na partilha e no acesso a recursos valorizados, tais como representação política, ações políticas, mídia, emprego, educação, habitação, saúde etc. (1968, p. 75 – 76).

Segundo Krenak (2019), o Antropoceno está centrado na figura humana - justamente esse humano universal, que busca uniformizar tudo -, como o sal da Terra. Que em vez de tentarmos fugir da queda, ou nos livrarmos dela, tal como Haber tentou fazer, devemos nos voltar a construção de paraquedas coloridos, alternativas várias, onde multiversos sejam possíveis, onde suas coexistências sejam possíveis. A política de Haber, o melhoramento do mundo, nas concepções e ações deste, suas aspirações, é uma política de extermínio de corpos, subjetividades; é justamente a “razão” do imaginário Ocidental, como marcador de superioridade, o que permite a produção de corpos descartáveis (MBEMBE, 2018). “Para ele [Haber] ninguém mais, coisa alguma tem existência própria, ele só enxerga o mundo como um meio para seus fins” (LE GUIN, 2019, p. 107). E como diria Krenak (2020, p. 37) “Ou você ouve a voz de todos os outros seres que habitam o planeta com você, ou faz guerra contra a vida na Terra”.

Orr tentou seguir com a vida, enquanto Haber continuava a trabalhar no Ampliador, estava bem perto de entender a maneira como os sonhos de George funcionavam, e ao livrar o paciente dos sonhos efetivos, os pegaria para si. Orr procurou por Lelach, sem sucesso. Um dia entrou numa loja, cujo proprietário era um alienígena - eles haviam se mudado para a Terra e estavam vivendo junto as pessoas, fazendo suas vidas. George conversa com o alienígena Tiua’k Enbe Enbe, tentando saber se ele sabia algo sobre sonhos efetivos, uma vez que o primeiro alienígena que conversou com Haber, mencionou algo a respeito. Porém, este disse ser difícil explicar a pessoas-individuais, o que eles chamavam de *iahklu’*; fica subtendido que a questão de George é entendida por estes, que é algo experienciado por eles, e que o *iahkhu’*, possa ser algo como uma forma de se relacionar, de conexão, de trocas, complicada de explicar a pessoas-individuais. Antes de conversar com Tiua’k Enbe Enbe, George já havia tido uma conversa com um outro alienígena que lhe falou brevemente sobre *iahklu’*. “Antes de seguir instruções que levam a direções erradas, forças auxiliares podem ser convocadas, de maneira imediata: *Er perrehnne!*” (LE GUIN, 2019, p. 97). Ao ser perguntado se havia uma maneira de controlar o *iahklu’*, Tiua’k Enbe Enbe responde: “uma andorinha não faz verão – disse ele. – Muitas mãos tornam o trabalho leve” (LE GUIN, 2019, p. 106). E oferece a George um disco

de vinil, *With a Little Help from My Friends*⁴⁵, ao qual George agradece e ouve depois de tomar um chá, com o síndico Mannie Ahrens e pedir sua vitrola emprestada; acorda com Heather cozinhando; estavam casados há sete meses.

Heather acompanhou George a sua última sessão com Haber; este havia desvendado o esquema dos sonhos de George, de modo que o possibilitaria se autoinduzir, com a ajuda do Ampliador, a chegar no estado E. Assim, Haber o induziu a sonhar que havia pensado poder alterar realidades com seus sonhos, mas isso não era *mais* verdade. Ao acordar, antes que o psiquiatra falasse a palavra-chave, o que causou espanto no psiquiatra, George o recomendou procurar conversar com algum alienígena antes que tentasse sonhar efetivamente, ou que pelo menos falasse *Er perrehnne*, pois ajudaria; ao que Haber respondeu em tom de ironia mesclado à sarcasmos. Após a saída do consultório, George e Heather rumaram a um restaurante, porém começaram a notar coisas estranhas acontecendo, o mundo estava desaparecendo, derretendo, num lugar ou num tempo, vazio, seus pensamentos, sentimentos estavam confusos. Haber estava sonhando efetivamente. Orr pede a Heather que o espere no restaurante, enquanto corre ao consultório de Haber para tentar pará-lo, qualquer coisa que possa fazer em meio ao desespero. Mas Heather o acompanha, ficando apenas para trás quando George entra no vazio, no terrível e ainda assim, nada. Aquilo que antes era o consultório. “É preciso aprender o caminho. Aprender as habilidades, as artes, os limites. Uma mente consciente deve ser parte do todo, intencional e cuidadosamente, como a rocha faz parte do todo sem se dar conta” (LE GUIN, 2019, p. 114). George se vê apoiado apenas em sua vontade, com seu pequeno todo, para atravessar o nada e entrar no olho do pesadelo, o pesadelo efetivo, desconecto e desfazedor de conexões, de Haber. George acredita que é exatamente o que falta em seu psiquiatra: a conexão, a sintonia. Foi essa falta que o fez desbotar o mundo e acinzentar todas as pessoas que sobraram. “Nosso tempo é especialista em criar ausências do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar” (KRENAK, 2019, p. 11). Tateando no nada, George, alcançou o botão do Ampliador e o desligou, agachou-se de olhos fechados, encolhido, dominado pelo medo. Ao abrir os olhos “o mundo reexistiu. Não estava em boas condições, mas estava lá” (LE GUIN, 2019, p. 118).

Essa noite ficou conhecida como *A crise*; Haber, o “urso-xamã-deus”, fora internado, George o visitou, sem ganhar qualquer palavra do velho terapeuta, que estava imerso no vazio, “no mundo erroneamente compreendido pela mente: o pesadelo” (LE GUIN, 2019,

⁴⁵ Trata-se de uma canção de 1967, do grupo inglês *The Beatles*.

p. 122). Haber, para quem os fins eram o que de fato importavam, desconectado do próprio sentido da vida, mergulhando de cabeça em como as coisas deveriam ser, julgando-se sabedor e perfeitamente capaz de ditar o melhor e o pôr em prática; quase some com o mundo, com a vida tal como é. Ele desfez inúmeras conexões, deixando o mundo, as memórias, os corpos, a vida profundamente destoantes de sentidos e conexões anteriores, e por fim acabou desconectado de tudo, com olhos opacos perdidos dentro do que George chamou de não-ser. Houve uma epidemia de problemas mentais, após a noite d'A crise. A confusão das mentes diante das memórias sobrepostas, apagadas parcialmente ou de maneira quase total, faz pensar na violência epistemicida e etnocida, nas consequências do Antropocentrismo. “Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos” (KRENAK, 2019, p. 9). George se perdeu de Heather, e fora trabalhar com um empregador alienígena aldebaraiano, E'nememen Asfah, que não se importa com quando o trabalho será feito, apenas que seja feito. Um dia, Heather aparece na loja, sem memória de que havia casado com George, ele a chama para um café; quem sabe reconquistará a mulher amada?

Quando tinha 18 anos fiquei obcecado por compreender a existência – ambicioso não? -, então após alguns dias sem dormir – eu contei três -, lendo coisas em modo aleatório e buscando a conexão entre elas, descobri algo, que até hoje não lembro do que se tratava; mas no momento seguinte tive um colapso nervoso e fiquei por uns três meses seguidos, tendo ataques de pânico, de modo que para me tirarem do quarto e me levarem para um acompanhamento psiquiátrico, foi um verdadeiro desafio. Após esse episódio torturante e de fato, infeliz, não suportava assistir ou ler qualquer coisa distópica; era demais angustiante e me faziam reviver sentimentos que experimentei durante os meses que se seguiram ao colapso. Alguns meses antes de aparecer essa proposta de Pibic, uma amiga me indicou algumas séries distópicas e mesmo com receio, resolvi dar uma chance; o tom humorístico das séries, apesar das questões abordadas, ajudaram a me tranquilizar mais, diante de tais produções, de modo que agora eu só tenho alguns pesadelos, de “vez em sempre” – sorriam, crianças, sorriam -, mas não é de todo ruim.

Dito isso, não é de surpreender que eu tenha sonhado que meus sonhos alteravam retroativamente, realidades; e que tenha escutado a voz assustada e cansada, de George Orr, em meus sonhos, dizendo “ah não! O que fizemos?”; e tenha acordado cansado e angustiado. E nessa manhã em questão, após o sonho, me peguei questionando, se todos os Aldebaraianos, também *iahklu'*, já que aparenta ser um assunto muito familiar a eles, e se sim, teriam tido eles

a “brilhante ideia” de melhorar o mundo, segundo suas convicções? Tiua’k Ennbe Ennbe nos informa que o que vem é aceitável, embora eu discorde um tanto disso, ainda assim, continua Tiua’k, é possível ir em frente com uma pequena ajuda. Então, os Aldebaraianos, deviam ter algo, como aquela conexão que George nos informa faltar em Haber; e o próprio George parecia ter algo dela, ainda que um tanto debilitada.

A crítica a modernidade nos informa que a base desse pensamento é a separação entre Natureza e Cultura, Humano e Natureza. Assim, com base nessa ideia, uma série de cisões são elaboradas e postas em prática, e o fato de serem uma abstração não as torna menos passíveis de consequências. As diferenças aqui são, não apenas conceituadas, e assim de certa forma criadas, como são hierarquizadas, e o ponto máximo da hierarquia é o modelo base. Outrora Homem, iluminado, civilizado, sapiens, para o qual o mundo foi criado; hoje o desenvolvido; tentando se retirar do centro do universo por conta das consequências que já e que estão se desenrolando, mas com conflitos internos, já que nem todas as pessoas dessa Humanidade desejam essa retirada. A Natureza é compreendida como inferior, à sua disposição, assim como os seres que são associados ou se associam a ela. E o uso da expressão Homem, para se referir a essa humanidade, ainda comum, não é à toa. Os direitos das mulheres – brancas – foram negados por séculos, e das demais mulheres e demais corpos contrahegemônicos, continuam a serem sistematicamente saqueados. Em todo caso, relendo a resenha acima, pensando em como escrever esse minissaio; foi o acinzentamento das pessoas – brancas -, e o extermínio de outros povos, assim como o perpetuar da violência entre as pessoas cinzas, justificada pela a ideia de um bem maior, eugenista; que me ajudou a pensar num ponto de partida; até onde e para onde, iremos já descobrir.

Nesse caso em questão, do acinzentamento e extermínio; as diferenças são pensadas como a causa de conflitos. Aqui, compreendo que o termo utilizado é um eufemismo, pois falamos de violências sistemáticas, até as vias de fato. Mas essas violências são a consequência da construção, manutenção e refinamento de tecnologias de hierarquização e negatização de tudo que se mostra diferente do modelo que se quer e se impõe como universal. O problema aqui então, se explicita, não pelas diferenças, pela diversidade; mas pela maneira como são construídas, encaradas, vivenciadas. O ataque sistemático, sempre em refinamento, se mostra explícito no pensamento base da modernidade: separação e hierarquização.

A fundação Ford, com interesse na exploração comercial da borracha, estabeleceu nos municípios do Pará, grandes plantações de clones de seringueiras *Hevea Brasiliensis*, em 1928; em 1932, efetuou outro plantio em Belterra, introduzindo outras espécies. O projeto era

ambicioso. O resultado foi que a monocultura em larga escala, facilitou a proliferação do fungo *microcyclus uluei*, que causa a doença conhecida como “mal-das-folhas”, dizimando as plantações. O fungo ocorre naturalmente na Amazônia, de forma endêmica, no entanto, por estar de forma dispersa na mata, não causa prejuízos sérios (REIFSCHNIEDER et al., 2014). Segundo Tsing (2012) a catástrofe fúngica mais famosa é a crise da batata, na Irlanda no final do século XIX. A colonização britânica agiu em caça e queima de grãos, desse modo foram os tubérculos que permitiram a sobrevivência da população. Também no estilo de monocultura em larga escala, pouca diversidade, surge em cena o fungo *Phytophthora infestans*. No verão de 1845 todas as plantas da Irlanda estavam infectadas, assim como as batatas armazenadas. A essas ocorrências, somam-se suas teias de relações, até trabalhadores, consumidores, a situação social-política-econômica, e os efeitos podem ser exorbitantes. No caso acima estima-se que um milhão de pessoas passaram fome e talvez dois milhões tenham emigrado para os Estados Unidos.

Para se precaver o máximo possível contra esse tipo de tragédia, as monoculturas extensivas se valem de seus venenos, agrotóxicos, que afetam desde insetos e fungos, “pragas” – que ficam mais resistentes com o passar do tempo, necessitando de venenos novos ou mais fortes ou ambos -, ao solo, lençol freático, consumidores. A isso também se soma o fato de que o solo amazônico é nutritivo, desde que com sua floresta em pé, pois a dinâmica das matas se nutrem entre si; uma vez que a floresta é derrubada, a chuva lava os nutrientes do solo, e assim a terra se torna pouco fértil.

É curioso perceber, que os seres que mais pareciam viver em conexão, viver as conexões, são considerados “primitivos”, por Haber, uma vez que este e seus colegas cientistas, não eram capazes de compreender o que eram ou como eram. Sua linguagem encontra dificuldade na comunicação com pessoas-individuais – me pareceu telepatia, mas tal termo não é usado no livro, nenhum termo é usado para se referir a linguagem dos aldebarianos. Aparentemente também podem *iakluh*, e não fazem, ou fazem de um modo que por estarem em conexão, não acabam piorando tudo. São silenciosos, e nas poucas conversas, presenciadas, é possível sentir leveza, uma aura de sabedoria. São seres não-bélicos, mas bastante resistentes. Mais uma vez o que é diferente do que é considerado e imposto como norma, é desqualificado, e com o tanto de bombas que teve no pouso dos aldebarianos, só não foram exterminados por conta de seus corpos – ou armaduras, não sabemos -, resistentes, impenetráveis pelos métodos que as pessoas usaram. E mesmo se mostrando uma população calma, e como bons cidadãos,

os boatos de que planejam um golpe, estavam no ar. Ou seja, o medo, a apreensão, estavam no ar, colocados como perigosos e/ou primitivos; me soa tão familiar.

Segundo Lestel (2013), o Ocidente nutre um verdadeiro ódio a natureza, buscando não apenas se separar dela, como exterminá-la. E a separação, o afastamento da Natureza possibilitou uma perda na sua capacidade imaginativa, no que se refere às formas de vidas. Desse modo a ecologia clássica, pensa a biodiversidade de forma exclusiva, como uma questão de regulação bioquímica, restrito a cadeia alimentar, reprodução, permeado por uma relação funcional, entre jovens e adultos. Ignora os significados que cada ser vivo tem em si, para demais seres vivo, e para si mesmo, e que daí advém conectividade entre os seres, entre nós seres. Os seres vivos não vivemos em ecossistemas compartilhados, vivemos juntos. Sendo assim, o colapso da biodiversidade não pode ser pensado apenas como a perda de possibilidades de medicamentos e comida, discurso antropocêntrico. O colapso da biodiversidade, é um extermínio, assassinato, precisamos pontuar, mas também representa uma amputação cada vez maior de nossas imaginações – de todos os seres “terranos” -, pois de um ponto alto da perspectiva semiótica, nos informa o autor, a busca por significados é intrínseca a todo ser vivo. Minha vó, quando viva, costumava dizer que as formigas no quintal, e até mesmo as pedras, ensinam lições. Os avanços tecnológicos não são a causa do colapso da biodiversidade, mas o refinamento do projeto de separação, hierarquização e extermínio.

Quando George desligou o Ampliador impedindo Haber de sumir com o mundo e seus significados diversos, pensou em destruir a máquina, mas não o fez, para George o problema não era máquina em si, mas quem a estava manuseando. Haber havia perdido em algum momento, se houvesse tido em algum momento, a conexão entre as coisas, entre os seres, ele só enxergava o fim que queria, e usava o que estava à disposição, se envenenando e envenenando as vidas; mas o fim que queria era um delírio seu, era um delírio de universalização que a vida, as vidas, as experiências históricas, e estudos como os de Lestel (2013), nos informam que não são fins para vidas, são fins para mortes. Ao desligar o Ampliador, a mensagem que recebi de George, foi: a universalização não é saída que possibilita vidas; as tecnologias estão aí, e devemos manusear e construí-las com sabedoria, com conexão, imaginação. E se Haber tivesse pedido uma pequena ajuda? E se tivesse dito “*er perrehnne*”? E a isso, me veio sombreado, como um fim de tarde em tons harmônicos, sentado na ladeira olhando para o rio, com o cenho não mais franzido, como costuma ficar nas horas de maior iluminação; que enquanto lia o livro, em meu *tablet*, pois não adquiri ainda o livro físico, este se mostrou um exemplo de como tecnologias podem ser usadas para possibilitar imaginação,

ou pelo menos fazer um chamado a ela. Normalmente quando leio um livro científico, fico com uma lista ainda maior de livros que quero ler e a cada nova leitura, a lista cresce mais ainda. Seguindo meu vício, esse livro me sugeriu algumas outras leituras, mas tão imerso no desenrolar da história que no final, senti que estava perdendo algo da vida, e que devia fechar os livros algum tempo durante os dias, e olhar para o desenrolar das vidas, buscar enxergar, fortalecer e ampliar minhas conexões, as mais diversas conexões; o devir.

É perigoso estar só no universo, é perigoso ser o centro do universo, é pesado; um peso tão grande esmaga a sensibilidade, a imaginação, a conexão, e assim a possibilidade de outras criações, de outros versos, de outros mundos possíveis; de vidas e da morte como parte da vida, de alternativas à ávida necessidade de nos mantermos vivos mesmo à custa da morte de demais. O que acabará nos exterminando em algum momento, ainda que o objetivo seja driblar a morte. Não tenho uma receita, e acho que aí mora o segredo; convido a desligarmos o Ampliador, e lidarmos com A crise – tal como a noite d’A crise, no livro -; abrir mão de pretensão ao controle, a deriva como uma água-viva, improvisando; que nos permitamos inspirar pela vida, pelas vidas, inspirações que excitem as imaginações, e daí desenrolarmos criações outras, mundos outros, possibilidades multiversais, não normas e receitas unhas. Foi o convite que a mim chegou, de Ursula K Le Guin. E se me fosse perguntado se acredito mesmo que isso seja possível, eu responderia, “bem, lava essa cara e olha em volta” e deixaria de volta, a pergunta no ar. Seja como for... *Er perrehhne!*

2.2 A Parábola do Semeador – Título Original: *Parable Of The Sower* (1993)

Octavia Estelle Butler nasceu em Pasadena em 22 de junho de 1947, em uma comunidade “racialmente integrada”. Veio a falecer em *Lake Forest Park* em 24 de fevereiro de 2006. Foi uma escritora afro-americana de ficção científica feminista, consagrada, abordando questões de raça, gênero e sexualidade. Filha de Octavia Margaret Guy, que trabalhava como empregada doméstica, e Laurice James Butler, que trabalhava como engraxate. Por ser filha única teve que enfrentar situações como estar sempre sozinha, além de ter que lidar com uma grande timidez.

Desde os quatro anos de idade, Butler contava histórias a si mesma para se distrair. Certa vez, enquanto sua mãe estava lhe penteando a percebeu rabiscando algo em um caderno usado. Sua mãe a perguntou do que se tratava, ao que Butler respondeu que estava escrevendo uma história. Sua mãe lhe disse, então, que ela poderia vir a ser uma escritora. Foi a primeira

vez que Butler considerou trabalhar como escritora, e nunca mais parou, apesar de viver em meio a segregação racial dos Estados Unidos.

Aos doze anos, após assistir ao filme *Devil Girl From Mars*⁴⁶, estava convencida de que podia fazer melhor.

Nas obras de Butler encontramos sempre em destaque pessoas negras como protagonistas⁴⁷. A autora recebeu diversos prêmios entre os quais *Nebula Award*, *Hugo Award* e em 2005 foi admitida no Hall internacional da fama de escritores negros. Ela foi a primeira escritora negra a adentrar os espaços da ficção científica e ganhar prestígio. Seu livro *Kindred*, lançado originalmente em 1979, ao atingir a marca de mais de meio milhão de cópias vendidas ao redor do mundo, a levou a ser consagrada como “a primeira dama do sci-fi”.

A *Parábola do Semeador*, originalmente publicado em 1993, traduzido no Brasil e publicado pela editora Morro Branco, pela primeira vez, em 2018; é o primeiro livro de uma duologia de Octavia Butler. Inicialmente tal duologia seria uma trilogia, mas diversos motivos, entre eles o fato de Butler vir a óbito em 2006, interferiram na finalização da obra, fazendo dela uma duologia.

O nome do meio de Lauren – a personagem narradora - é Oya. Na edição da editora Morro Branco, de 2018, após o término da narrativa do livro, há “uma conversa com Octavia E. Butler”, a pessoa que fez a entrevista pergunta à Octavia que tipo de pesquisa ela realizou para escrever “A parábola do Semeador”, ao que ela responde:

Eu li e escutei aulas gravadas que focavam em religiões. Encontrei livros de religiões africanas e me interessei especialmente pelos Orixás do povo Iorubá. O nome do meio de Lauren é Oya porque eu gostei tanto do nome como do Orixá que ele representa. Oya é, entre outras coisas, a divindade do rio Níger. Ela é imprevisível, inteligente e perigosa – uma boa xará para Lauren Oya Olamina (BUTLER [1999], 2018, p. 418 - 419).

Lauren Oya Olamina é oriunda de uma família negra, uma garota que acaba de completar 15 anos. Seu pai é ministro da Igreja Batista, ela tem quatro irmãos mais novos, respectivamente Keith, Marcus, Bennett e Gregory, filhos de sua madrasta Cory, que é mexicana. A mãe de Lauren morreu em seu parto. A história é contada a partir dos relatos escritos nos diários da jovem, entre os anos de 2024 e 2027. Ela mora junto com sua família num bairro murado em Robledo ou no que restou da pequena cidade que se localiza a 32 quilômetros de Los Angeles.

⁴⁶ Sobre o filme, ver: <https://universosesquecidos.wordpress.com/2016/12/01/devil-girl-from-mars-david-macdonald-1954-inglaterra/>

⁴⁷ Sugiro algumas notas do portal Geledés, sobre Octavia Butler: <https://www.geledes.org.br/octavia-butler-primeira-dama-da-ficcao-cientifica-que-reescreveu-o-futuro/>

Há muros nos bairros agora, naqueles em que as pessoas dispõem de materiais para pôr muros, em alguns os muros são feitos de lixos, pedras não cimentadas e pedaços de concreto. Em 2010 ainda não havia muros cercando os bairros e propriedades. Porém, na época de Lauren a existência se tornou muito mais perigosa e além dos muros, se tornou necessário sair em grupo e armados. Estar limpo significa se tornar alvo, dessa forma é preferível estar sujo.

Há racionamento de água, escassez de chuva, alimentos e empregos. Os bairros sem muros são incendiados e não irão desperdiçar água tentando apagar os incêndios. Os órgãos outrora públicos, foram privatizados, incluindo a polícia e o corpo de bombeiros. Poucas pessoas usam carros ou caminhões, gasolina é mais usada para incendiar coisas. Pessoas desabrigadas perambulam pelas ruas, são perigosas, sujas, doentes, e morrem o tempo todo.

As tentativas de colonizar o espaço continuam em curso, uma astronauta morreu na última missão para Marte, desejava ser enterrada em solo marciano, mas o presidente da equipe responsável por essas viagens proibiu e ordenou que a trouxessem de volta à Terra. Uma única parede-janela – tela de TV ou cinema – põem em contato as pessoas do bairro com um pouco do mundo lá fora, a última do bairro acaba de apagar. As notícias chegam pelos rádios. A sra. Sims. Vizinha de Lauren, se suicidou com um tiro, após ter recebido a notícia de que seu filho havia morrido junto a seus cinco filhos e esposa, num incêndio criminoso. Eles viviam em um bairro, uma propriedade sem muros. Moradores de rua, em abandono às suas próprias sortes, veem em pessoas que ainda possuem casas e alguns poucos recursos, alvos, pessoas ricas, em parte culpadas por suas misérias. No entanto, as pessoas que ainda são ricas e abastadas, possuem corpo de segurança em suas propriedades, tornando quase impossível a invasão.

Lauren tem uma condição clínica, síndrome de hiperempatia, o que a faz compartilhar dos sentimentos alheios. Ela sente os sentimentos das pessoas e/ou animais, ou o que acredita que sentem, seja dor ou prazer, embora, como ela afirma, não haja muito prazer por agora. Antes, ela sangrava junto com as pessoas, até seus onze anos; parou aos doze, após sua primeira menstruação. Ela não acredita mais no Deus de seu pai, mas acredita em uma outra coisa, sobre o qual mais cedo ou mais tarde terá que fazer algo a respeito. Algumas pessoas continuam esperando pela volta dos bons tempos, antes do atual caos que predomina.

Eu lembro que em março de 2020 estava em sala de aula e a professora nos informou que ficaríamos sem aula por 15 dias, pelo menos, até que as coisas se acalmassem, e desde então, caminhando para o final do ano de 2021, não pisamos mais na universidade. Naquele momento acreditávamos que não tardaria para que voltássemos às aulas presenciais e

a vida seguiria seu curso; no entanto, já estamos com mais de um ano de pandemia e milhões de pessoas mortas. A mídia fala no novo normal ou em voltar à normalidade, e sabemos que esta, há tempos não é uma coisa tão boa assim, “na qual a absoluta maioria das pessoas é vítima da exploração financeira, Estados nacionais estão sujeitos aos interesses privados de uma seleta elite de investidores e CEOs, e minorias étnico-raciais têm sistematicamente negada para si a possibilidade de uma vida digna” (NETO, 2021).

A espera por uma volta à normalidade é conveniente com a manutenção de privilégios da elite dominante, neoliberal, que aliás é bastante ágil e habilidosa na arte de se camuflar e moldar para se manter e perpetuar, se aproveitando de suas próprias crises. Sabemos do consenso que existe entre intelectuais, quanto aos malefícios que esse sistema econômico e ideológico traz consigo, tanto para o planeta quanto para corpos não hegemônicos. Damásio Neto (2021), nos informa que após décadas das políticas neoliberais, com fracassos gritantes nas esferas social e econômica, tanto no Brasil quanto no resto do mundo, todo o corpo político parece estar comprometido com uma volta ao normal, se retroalimentando de suas próprias crises; redistribui os recursos entre uma pequena elite, que menos precisa e quanto mais fracassam, mas se confirmam, e ao se confirmarem, se sustentam como formas hegemônicas de organização social e gestão dos recursos da sociedade contemporânea.

Os interesses da elite dominante reservam aos moradores das periferias, em sua maioria, pessoas negras, dos espaços mais desprestigiados das cidades, aos pontos de descarte do lixo da sociedade do consumo. Quanto à indígenas e quilombolas, resta a destruição e roubo de seus territórios. A crise econômica dificulta de maneira crescente, que pessoas mais vulneráveis tenham acesso a trabalhos dignos, e eventualmente as levam a acreditar que seus direitos ocasionam recessões e crises estruturais do sistema capitalista. A crise social promove uma não-conscientização de classes e a guerra entre pobres. “A crise do corona-vírus veio agregar-se a essas outras crises, as quais nos lembram que o ‘normal’ incensado pelo discurso simplificador não pode ser o objetivo almejado” (NETO, 2021).

Voltemos à Lauren, a qual auxilia seu pai na igreja, e sua madrasta, ministrando aulas. Ela estuda tudo que consegue acesso, lê de tudo, sempre a ir atrás de mais informações, a refletir sobre as coisas, existências... acredita que seu aprendizado possa servir em algum momento para sobrevivência, e caso não sirva, não fará mal, pelo menos. No bairro de Lauren, quando as crianças fazem 15 anos, começam a ter aulas de tiro com intuito de aprenderem a se proteger. “Meu pai tenta nos proteger do que acontece no mundo, mas não consegue. Sabendo disso, ele também tenta ensinar a nos protegermos” (BUTLER, 2018, p. 50). Podemos observar,

dado os acontecimentos, que seu pai sabia que proteger os seus e suas, era tão importante quanto ensinar e dar a oportunidade de se protegerem. “As nossas armas não são as melhores nem as mais novas no bairro, mas funcionam. Meu pai e Cory as mantêm em boas condições. Preciso ajudar com isso agora. E eles passam o tempo que precisam praticando e gastando dinheiro em munição” (BUTLER, 2018, p. 52). Partindo da fala de Lauren e trazendo como uma metáfora, para nossas vivências, quais armas poderíamos forjar e gastar o tempo necessário praticando e gastando em munição, para nossas sobrevivências enquanto terranos, seres que vivem na, da e com a Terra? Quais métodos de autodefesa podemos investir como sujeitos-coletivos e/ou “pessoas-individuais”⁴⁸? Quais conexões e aprendizados estamos deixando de alcançar seguindo um plano cartesiano, encaixotando o máximo de coisas em separado, camuflando e escondendo de nós mesmos as conexões entre elas?

O irmão de Lauren, Keith de 13 anos, por diversas situações, além de não ter tido paciência para esperar seus 15 anos e então sair para as aulas de tiro com uma arma de fogo, foge do bairro e descobre uma maneira de viver lá fora, sempre trazendo coisas e dinheiro quando vinha visitar a mãe e irmãos. Um dia sua mãe e seu pai precisaram ir ao centro da cidade fazer o reconhecimento de seu corpo. Embora tenha sido em um contexto diferente, isso me acertou como um soco no estômago, enquanto lia, ao lembrar do genocídio da população negra, e conseqüentemente lembrei do genocídio e extermínio de populações não hegemônicas em geral.

A protagonista, mais cedo ou mais tarde terá que sair do bairro murado, pois não acredita que ele sempre irá oferecer segurança. Logo começa a se preparar para caso algo aconteça no bairro e as pessoas precisem sair às pressas. Em uma conversa com sua amiga Joanne, ela fala sobre as possibilidades reais de que algo aconteça em algum momento e obrigue as pessoas a deixarem o bairro. Lauren faz um apelo à amiga, ressaltando que precisam pensar no que fazer quando esse dia chegar, nas preparações, na necessidade de aprender o máximo de coisas possíveis que as ajudassem a sobreviver fora dos muros. “ – Nada vai nos salvar. Se não nos salvarmos, estaremos mortos. Agora, use sua imaginação. Tem alguma coisa nas estantes de sua família que poderia ajudar se você ficasse presa lá fora?” (BUTLER, 2018, p. 77). Lauren sugere que estabeleçam pontos de encontro lá fora, caso precisem se dispersar, ao que a amiga responde que ela está lendo muitos livros de aventura. Isso me lembrou dois pontos, primeiro a formação de quilombos e aldeias mata a dentro, de difícil acesso, mas acessível as pessoas que lá eram bem-vindas, o que dificultava que colonizadores e/ou capitães do mato, as

⁴⁸ Termo tomado de empréstimo dos Aldebaraianos simpáticos de Ursula Le Guin (2019), em *A Curva do Sonho*.

encontrassem. Outro ponto que me veio à mente foi a maneira como a ficção é desprezada e/ou mesmo ridicularizada, por pessoas que as veem como pura fantasia, e por vezes como algo que tem pouco ou nada, a acrescentar. O que me remeteu a fala do personagem *Walter Bishop*, da série *Fringe*⁴⁹, quando ele pergunta ao seu filho algo como “quando você perdeu a sua imaginação, filho?”; minha vó costumava me ensinar sobre a vida e as coisas através de pequenas histórias que suspeito em parte ela criava, em parte trazia de outras gerações, mas devo dizer que só fui perceber a profundidade das histórias que ela me contava, tempos depois de sua morte.

Sigamos com Joanne, a qual aparentemente, ficou assustada com o rumo da conversa com Lauren, e compartilhou com seus pais. O pai de Joanne preocupado com a situação procurou o pai de Lauren dizendo que ela desejava deixar o bairro, e tinha assustado Joanne com essa conversa. Lauren então é chamada para uma conversa séria. “Será que achava que me colocar em apuros faria o perigo ir embora? Não é assim. É só mais uma negação: um joguinho idiota de ‘Se não falarmos sobre as coisas ruins, talvez não aconteçam’” (BUTLER, 2018, p. 80). Seu pai a adverte sobre falar de coisas assustadoras com as pessoas, que é preferível ensiná-las que assustá-las, de preferência de uma maneira divertida que não as force a olhar para o abismo. “Você acabou de notar o abismo – disse ele. – Os adultos nesta comunidade têm se equilibrado à beira dele desde antes de você nascer” (BUTLER, 2018, p. 86). Ele lhe diz para conversar sobre aulas, não sobre o Apocalipse. Que algumas pessoas farão coisas, serão precavidas, outras não farão nada, sempre há as que nada fazem. Isso me fez refletir sobre a complexidade por detrás do negacionismo que estamos acompanhando nesses tempos pandêmicos.

Segundo Karina Toledo (2020), o que antes estava restrito a grupos de interesses religiosos ou econômicos específicos e aos apreciadores de teorias da conspiração, o negacionismo vem se espalhando nos últimos anos por meio das redes sociais. Com a chegada da covid-19, o fenômeno se intensificou, tornando-se em alguns casos, discurso oficial e política de Estado. Ela traz para a discussão, um projeto que vem sendo feito por Renan Leonel da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, em parceria com colegas da *Columbia University* (Estados Unidos) e da *University of Vienna* (Áustria); intitulado *Viral agnotology: COVID-19 denialism amidst the pandemic in Brazil, United Kingdom, and United States* – Agnotologia Viral: negação da COVID-19, em meio a pandemia do Brasil, Reino Unido e Estados Unidos:

⁴⁹ Série televisual de ficção científica, original da *FOX Broadcasting Company*, 2008.

À **Agência FAPESP**, Leonel explicou que o termo agnotologia, cunhado nos Estados Unidos, se refere ao estudo dos fenômenos de produção política e cultural da desinformação. Trata-se de um processo socialmente induzido e que visa a promoção deliberada da ignorância ou da incerteza na opinião pública acerca de determinado tópico (apud TOLEDO, 2020).

Ainda na entrevista concedida por Leonel à “Fundação de Amparo à pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp)”, lhe foi perguntado por que o impacto da desinformação foi maior no Brasil, ao que este respondeu:

O Brasil foi o mais impactado pela produção sistemática de desinformação por ter uma educação para a ciência bem menos consolidada que a britânica e norte-americana, além de uma população com menos anos de estudo em média. Além disso, os instrumentos de comunicação científica, que são necessários para contrabalancear a produção de ignorância e fazer a informação chegar até as pessoas, são mais frágeis no país. Nosso levantamento mostra que os jornais brasileiros não tinham uma abordagem sólida no que se refere às evidências científicas sobre o novo coronavírus. Boa parte da comunicação científica no Brasil foi feita por pessoas de fora dos órgãos oficiais, como youtubers, blogueiros e comentaristas convidados pelos veículos de imprensa. Os Estados Unidos têm meios de comunicação científica bem mais antigos e estruturados, o que se deve ao fato de terem um sistema nacional de ciência e tecnologia bem maior e que recebe muito mais dinheiro. Mas os dois países são semelhantes no que se refere à desconfiança da população na comunicação científica oficial, ou seja, na ciência comunicada pela grande mídia (apud TOLEDO, 2020).

Tal pesquisa nos aponta mecanismos complexos, possibilitados por problemas tanto antigos, que vêm se amontoando, quanto recentes que fizeram transbordar, por detrás do negacionismo, no que se refere a covid-19 no Brasil, assim como em outros países tais como os citados. Isso mostra-se como um lembrete de que as saídas simplistas não são possíveis, tampouco recomendáveis. O ataque sistemático às ciências, coincidentemente, se me permitem a ironia, vem sendo acompanhado por uma tentativa de desmonte da educação pública, como estamos acompanhando no país⁵⁰. Tenho buscado me equilibrar entre assistir, ler jornal e pesquisas, cumprir com minhas obrigações acadêmicas e de zelo por minha própria pessoa e familiares; num cenário tão atroz não é fácil encarar de frente, e muitas vezes o absurdo me faz duvidar de minha própria sanidade. Como me disse meu amigo Bruno outro dia “às vezes a gente até se pergunta se não somos nós que estamos errados mesmo”.

De volta ao livro, uma pequena cidade costeira chamada Olivar foi privatizada, relativamente próxima de Robledo, uma empresa privada faria a segurança e utilizaria dos recursos que ainda restavam ali, para criar trabalhos. Algumas pessoas do bairro de Lauren, passaram por um processo para serem admitidas na pequena cidade e acabaram se mudando. Ela e seu pai acreditavam não ser uma boa ideia e que no futuro as pessoas estariam tão endividadas que teriam que trabalhar até a morte e depois seus/suas filhas e netas. “Quando eu

⁵⁰ Mais informações sobre a questão em: <https://www.apufsc.org.br/2021/05/05/nota-da-diretoria-desmonte-da-educacao-publica/>

era jovem, as pessoas diziam que chegaria a esse ponto. Bem, por que outros países não comprariam o que sobrou de nós se nos colocarmos a venda? Fico tentando imaginar se as pessoas em Olivar sabem o que estão fazendo” (BUTLER, 2018, p. 151). Cory acredita que deveriam tentar uma vaga em Olivar, mas o pai de Lauren acredita ser uma péssima ideia, que se preocupa com as demais pessoas, ao que Cory responde que não está preocupada com elas, que está preocupada com ele, uma vez que ele ainda precisa sair do bairro algumas vezes por semana, para trabalhar na universidade; ele responde que não podem mais pensar assim: “não temos ninguém que nos ajude, além de Deus e uns aos outros. Eu protejo a casa de Moss independentemente do que penso dele, e ele protege a minha, independentemente do que pensa de mim. Todos protegemos uns aos outros” (BUTLER, 2018, p. 98). Isso me traz a mente as lutas coletivas, pensando povos coletivos, mas pensando também a pandemia e os antropocenos. Se faz necessário deixarmos de lado individualidades e focarmos nas lutas coletivas, embora para tal, seja necessária uma reavaliação das nossas próprias ações e pensamentos, como sujeitos dentro de coletivos, ou como sujeitos vivenciando antropocenos, se faz necessário uma postura séria diante das nossas vidas e arranjos, ainda que pareça um trabalho de formiga, já diz o jargão popular que uma andorinha só não faz verão. Sigamos.

Fora do bairro as ruas parecem ficar cada vez mais perigosas, pessoas famintas, sujas e doentes, usuários de drogas, todos sempre às espreitas, prontos para atacar, bem como cães ferozes e igualmente famintos. As notícias de bairros invadidos, saqueados e incendiados se espalham, junto a rumores de drogas que fazem com que as pessoas sintam prazer em ver coisas pegando fogo. Isso deixa as pessoas menos abastadas, que ainda possuem casas, ainda mais apreensivas. Em um desses dias, o pai de Lauren sai para trabalhar e não volta para casa. As pessoas do bairro se juntam para procurar por ele, depois de muitas buscas sem sucesso, encontrando corpos de pessoas mortas ou partes decepadas, mas sem encontrar seu pai, acabam por fazer um funeral simbólico.

Lauren acredita que Deus é mudança, e que Ele existe para ser moldado, que não basta apenas sobreviver de qualquer jeito fazendo as coisas sempre da mesma maneira, enquanto esperam as coisas piorarem cada vez mais, até estarem fracos demais, pobres demais, famintos demais para se defenderem, e então serem eliminados. “Tem que haver mais que possamos fazer, um destino melhor que possamos moldar. Outro lugar. Outro jeito. Alguma coisa!” (BUTLER, 2018, p. 99).

Enquanto eu via notícias sobre a chacina no Jacarezinho, de 27 civis, e 1 policial mortos numa operação ilegal, uma vez que o “Supremo Tribunal Federal (STF)” proibiu

ocupações policiais em favelas cariocas no contexto pandêmico; acompanhava também os ataques de garimpeiros armados a terras indígenas; os absurdos e escândalos da “Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI)”. Estava com tanto desgosto da vida, que mal conseguia encontrar qualquer ânimo para me ater as atividades do dia a dia. Então, encontrei no *twitter* um perfil intitulado *Teia dos Povos*, cuja biografia dizia “Articulação de organizações políticas, territórios, povos, movimentos sociais em luta autônoma por Terra e Território”. Algo dentro de mim transbordou e quase me pus a chorar de emoção. No site da Teia dos povos temos:

A Teia dos Povos é uma articulação de comunidades, territórios, povos e organizações políticas, rurais e urbanas. Extrativistas, ribeirinhos, povos originários, quilombolas, periféricos, sem terra, sem teto e pequenos agricultores se juntam, enquanto núcleos de base e elos, nessa composição com o objetivo de formular os caminhos da emancipação coletiva. Ou seja, construir solidariamente uma Aliança Preta, Indígena e Popular.

Sob o projeto de **Terra e Território pela via da autonomia**, buscamos construir uma aliança de luta desatrelada da política eleitoral e das instituições do Estado. Dar forma à autonomia dos povos e delinear um programa de soberania alimentar são os passos que compreendemos como necessários para uma verdadeira libertação, pois nos está historicamente evidente que só as nossas próprias mãos nos darão as condições de defender as nossas sobrevivências.

A trajetória e elaboração dos elementos essenciais a sua ideia fundadora teve início em 2012, na I Jornada da Agroecologia, realizada no Assentamento Terra Vista. A partir de então veem organizando ações para avançarem. As Jornadas são momentos de reunião dos povos. Na edição de 2019, receberam cerca de 4 mil pessoas nas terras sagradas do povo Payayá, em Utinga-BA. Antes das Jornadas são organizadas pré-jornadas, mutirões pela autonomia, mesas de diálogos afim de se prepararem para o grande dia. Exemplos de atividades feitas nas pré-jornadas, são construções de sistemas agroflorestais, construções de cisternas de captação da água de chuva, organização de rede de sementes. Ainda:

Alguns aspectos da organicidade devem ser pontuados aqui. O primeiro é que compreendemos que a nossa natureza de articulação se deve ao fato que os movimentos sociais e organizações políticas, os povos e território, possuem um vasto histórico de conflitos, traições e desavenças no processo de construir unidade em torno de uma só bandeira. Então compreendemos que ninguém precisa baixar a bandeira de sua luta para constituir uma Aliança. Nosso objetivo não é, portanto, ser um movimento social que englobe os demais. **Queremos caminhar juntos, não produzir uma unidade monolítica.**

Isso me remeteu à fala de Lauren... sim! Tem que haver mais que possamos fazer. Consequentemente me senti fortalecido.

Seguindo com o livro, Lauren que não acreditava mais no Deus de seu pai, descobriu o sistema de crença Deus é Mudança. Ela fala em descoberta, não em invenção, e após muita reflexão e quase desistência, decidiu nomeá-lo como Semente da Terra. Para Lauren

saber o nome das coisas e para o que servem, dá ainda mais noção a respeito delas. “Bem, hoje eu encontrei o nome, encontrei enquanto estava tirando as ervas daninhas do quintal de trás e pensando em como as plantas espalham suas sementes, por meio do vento, dos animais, da água, longe de suas plantas mães” (BUTLER, 2018, p. 100).

Em Lestel (2013), acompanhamos que o colapso da biodiversidade representa uma amputação em nossas capacidades imaginativas, uma vez que cada ser representa em si, uma mensagem para outro ser. A diminuição da capacidade imaginativa, por sua vez, interfere na qualidade de vida que tais seres poderiam usufruir, posto que em grande parte a qualidade depende da riqueza da imaginação. Lestel (2013), fala em espaço de semiosfera, espaço de significados que os seres compartilham com outros seres, sendo uma mensagem em si e para si, indo além de quaisquer papéis que possam desempenhar para os seres humanos, utilitariamente falando. “A imaginação é uma atividade coletiva que repousa em grande parte no espaço dos possíveis revelados a nós pelas espécies com as quais compartilhamos nossa vida” (LESTEL, 2013, p. 311). Quanto maior for a biodiversidade, maior a possibilidade de riqueza imaginativa e assim de criatividade para possibilitar vidas com mais qualidades, indo além do metabolismo, para o sentido semiótico, ontológico, psicológico e existencial.

De volta à Parábola do Semeador, desde que Keith, irmão de Lauren, morreu, houveram sete invasões em seu bairro, em menos de dois meses. Além de tentativas e roubos bens sucedidos, houveram também mortes. Lauren já planejava sair do bairro há algum tempo, mas após o desaparecimento de seu pai, as coisas ficaram mais complicadas e seus planos precisaram ser reavaliados, pois agora não sabia mais ao certo quais eram suas responsabilidades. Se por um lado ir embora poderia significar que seus irmãos teriam uma porção a mais de alimentos e/ou bens, ou na pior das hipóteses, não teriam uma porção a menos. Por outro, significava também deixar sua madrasta lidar sozinha com as demandas familiares. Não podia conceber a ideia de ficar ali, casar e ter filhos, uma vez que as circunstâncias pareciam piorar cada vez mais, e os muros a cada dia pareciam prestes a serem derrubados e invadidos por saqueadores.

Cory ficou responsável por parte do trabalho que seu esposo, pai de Lauren, fazia na universidade. Faria a maior parte do trabalho, de casa, por meio de ligações e e-mails. Seria necessário ir à universidade algumas poucas vezes ao mês e contaria com alguns vizinhos, maiores, para lhe fazerem a segurança, lhes pagando um pequeno valor, já que a maioria estava desempregada. Dois outros vizinhos assumiram o trabalho do pai de Lauren, na igreja. Lauren ficaria responsável pelas aulas no bairro, junto de um outro vizinho e ainda com a ajuda de

Cory. “É assim que sobreviveremos e nos manteremos juntos. Vai dar certo. Não sei quanto tempo vai durar, mas por enquanto, vai dar certo” (BUTLER, 2018, p. 184).

Seis meses após Lauren escrever as palavras acima, seu bairro foi invadido e dessa vez não foi possível conter a invasão antes que fosse tarde demais para os muros e para a maioria das pessoas de seu bairro. Em algum horário da noite entre o dia 30 e a madrugada de 31 de julho, de 2027, Lauren acordou sobressaltada e se afogando pela fumaça, ao som de gritos, tiros e outros diversos barulhos, pegou seu kit de emergência e gritou por Cory. O sino de emergência não havia tocado, o que indicava que os vigilantes do bairro haviam sido mortos antes que pudessem fazê-lo. O portão estava caído, os invasores haviam usado um caminhão antigo, possivelmente o teriam roubado com esse intuito. Na rua, Lauren avistava pessoas e casas em chamas, na noite. Ela correu junto de sua madrasta e seus três irmãos, porta a fora, mas avistou sua vizinha tombar com um tiro que levou metade do seu rosto, o que fez com que Lauren também caísse, presa na morte da vizinha. Ela levou um tempo para se recuperar do tombo e sentindo-se atordoada alcançou sua mala e buscou ir atrás de sua madrasta e seus irmãos, não os encontrou mais. Buscou não prestar atenção no que acontecia ao seu redor. Ela viu o corpo de um de seus vizinhos, pegou a arma dele e continuou correndo. Saiu do bairro e seguiu pelas ruas até encontrar algum lugar para se esconder e esperar a manhã chegar para voltar ao bairro em busca de Cory e seus irmãos. Lamentou não ter levado adiante a ideia de combinar um ponto de encontro lá fora.

Quando amanheceu, Lauren voltou ao bairro, ou às ruínas dele, armada; temendo a polícia, as pessoas usuárias de drogas, desabrigadas e famintas. Encontrou muitos corpos conhecidos estirados pelo chão, meio queimados, machucados, mortos. Mas não encontrou seus irmãos e sua madrasta. Revirou sua casa ou o que restara dela, na companhia de desconhecidos que também a reviravam. Pegou alguns livros e o que havia ainda para pegar. Encontrou dois de seus vizinhos, Zahra Moss e Harry Balter. Ela voltou com eles ao esconderijo que havia pernoitado na noite anterior. Zahra afirma ter visto a família de Lauren ser morta. Lauren parece relutante em aceitar a afirmação, mas não é como se pudesse fazer qualquer coisa em relação a isso.

Lauren decidiu que pegaria a estrada para o norte, em direção ao Canadá. Ela se vestiria de homem para facilitar, ou pelo menos não tornar ainda mais perigosa a sua viagem. Harry e Zahra decidiram ir com ela. Harry é branco, Zahra é negra, assim como Lauren. E lá fora, casal ou grupo inter-racial incomoda as demais pessoas. Zahra havia crescido fora dos muros, conhecia o bastante do mundo lá fora, o que os ajudaria. Pretendiam ajudar uns aos

outros e se protegerem, pretendiam sobreviver. Em 8 de agosto, pegaram a estrada. Se tornaram parte de um mar de gente que caminhava em direção ao oeste, algumas poucas pessoas seguiam em direção ao leste.

Na estrada as coisas são perigosas e assustadoras. Desconfiança e medo pairam no ar. Não é recomendado baixar a guarda nunca. Ainda que pessoas aparentemente inofensivas, crianças ou pessoas idosas, tentem se aproximar com qualquer desculpa que seja, não se pode baixar a guarda. Lauren, Harry e Zahra caminham por horas, e nunca comem na estrada, sempre vão a algum lugar fora dela, minimamente seguro para comer ou beber água. Zahra os ensinou que manter uma semente na boca diminui a sensação de sede, mas não substitui a água. A noite eles montam acampamento ao encontrar um lugar mais adequado possível. Revezam entre eles a guarda do acampamento, em turnos.

Lauren está perdida em pensamentos sobre possibilidades de Harry gostar de Zahra, e que se eles se relacionarem, Zahra poderá ter que carregar duas cargas pesadas em direção ao norte. Lauren sai de seus pensamentos quando Zahra a cutuca, e guia Lauren com o olhar, até os homens. Lauren se levanta com a mão na pistola e os dois homens acabam desistindo de seus anseios.

Quando anoitece, Harry está montando guarda, dois homens invadem o acampamento dos três. Lauren acorda com o barulho e percebe uma briga acontecendo, ao discernir o homem que atacava Harry, acertou o homem em cheio com uma pedra e caiu desmaiada em seguida. Quando acordou percebeu que o homem não estava morto, mas estava inconsciente e provavelmente paralisado da nuca para baixo, ela então o matou, para poupar sofrimento a ele e a ela mesma. Isso levantou desconfianças de Zahra e Harry, a situação toda foi estranha e embaraçosa e Lauren teve que contar a eles sobre seu compartilhamento, sobre a síndrome de hiperempatia. Ela não havia contado antes pelo mesmo motivo que seu pai achou preferível que ela mantivesse isso em segredo das demais pessoas do bairro. É perigoso para Lauren. Ela não pode sequer se defender sem sentir de volta o impacto. Zahra pareceu aceitar melhor que Harry. Este se sentiu traído, enganado. Mas acabou se acalmando. Afinal, um grupo em tais circunstâncias, com pessoas já conhecidas, se mostra uma maior probabilidade de sobrevivência.

Voltemos ao Semente da Terra, Lauren acredita na necessidade de aprender o máximo de coisas que forem possíveis com intuito de sobreviver melhor e de maneira que cause menos danos possíveis a quem e o que estiver ao redor, acredita na possibilidade de outros mundos, de algo melhor, com união e muito trabalho. Ainda assim ela não descarta a

possibilidade de terem que ferir, ou aterrorizar para se defenderem, nada além. “Teremos que tomar cuidado com o modo com que permitiremos que nossas necessidades nos moldem” (BUTLER, 2018, p. 277).

Me parece que a afirmação de Lauren, de que o destino da Semente da Terra é criar raízes entre as estrelas, inventa em si, um futuro possível e talvez melhor, mesmo contra todas as probabilidades. Ao sonhar, arquitetar, lançar mão de estratégias para que esse futuro se efetive como uma possibilidade e para que viesse a existir, de alguma forma faz com que ele já exista. Passado e futuro se encontram no presente de Lauren, se misturam, se embolam. Criar um futuro possível se mostra uma ação necessária para a manutenção do presente, para a continuação da vida no presente, e dessa forma o futuro deixa de ser uma coisa longínqua e se mistura ao presente e ao passado simultaneamente. Pois no próprio passado de ancestrais de Lauren e no seu próprio passado, essa mistura está também presente. Revelando uma vivência de tempo que difere do tempo linear do Ocidente.

Na estrada, apesar de todo o perigo, de todas as desconfianças, Lauren acaba fazendo algumas amizades, pessoas que decidem caminhar junto dela, de Harry e Zahra. Mostrando gentileza e empatia, apesar de todo o caos, os três conseguiram ganhar a confiança de algumas pessoas e conseguiram dar alguma confiança às pessoas que a eles se juntavam. Houveram seus tempos e contratempos, mas acabaram formando um grupo maior.

Algumas das pessoas que se juntaram a Lauren, também eram compartilhadoras, tinham hiperempatia. Entre elas, algumas haviam conseguido fugir da escravidão. Havia muitas empresas – se não, a maioria - onde a escravidão era uma realidade. Pessoas compartilhadoras eram compradas por um preço mais alto, uma vez que suas condições as tornavam ainda mais vulneráveis em situações cruéis. Lauren traz algumas vezes analogias ao período escravocrata e reflexões. Como quando Travis, que havia se juntado ao grupo, contou a Lauren que sua mãe o havia ensinado a ler. O patrão da mãe de Travis, tinha uma grande biblioteca, mas não o deixava chegar perto dos livros, mesmo assim, sua mãe pegava livros às escondidas para que Travis os lessem. “É claro. Escravos faziam isso duzentos anos antes. Eles entravam nos lugares e se informavam da melhor maneira que conseguiam, às vezes sofrendo chibatadas, venda ou mutilação por seus esforços” (BUTLER, 2018, p. 271). Também sobre algumas pessoas que se juntaram ao grupo inicial de Lauren, terem fugido da escravidão, ela faz uma referência a *underground railroad* – “ferrovia subterrânea”, literalmente - que foi uma rede secreta de rotas e esconderijos estabelecida por pessoas escravizadas, norte-americanas,

para escapar em direção aos estados do norte dos Estados Unidos ou para o Canadá, em meados do século XIX (MAMIGONIAN; SIQUEIRA, 2011).

Enquanto Lauren caminhava e explicava sobre o Semente da Terra, sobre a potência da união de forças, de aprenderem sobre e com as coisas e seres, de unirem conhecimentos, ensinando uns aos outros, ajudando uns aos outros. Sobre criar comunidades da Semente da Terra. As atitudes de Lauren mostram que aquilo em que acreditava estava de fato, como ela mesma afirma, ligado à ação, era inseparável da ação. Lauren não reivindica o papel de salvadora ou qualquer coisa do gênero. O que ela reivindica é ajuda mútua. Que cada pessoa ajude como possa, ensine como possa e aprenda o que possa. Sem lesar uns aos outros, pois uma pessoa do grupo enfraquecida, deixa o próprio grupo em estado de vulnerabilidade.

Com base nisso, gostaria de trazer para a reflexão, pautando nos parágrafos anteriores, a Teoria do Empoderamento, mais especificamente partes do livro “Empoderamento” de Joice Berth (2019), da coleção Feminismos Plurais, sob direção de Djamila Ribeiro. Segundo Berth (2019), Empoderamento é um neologismo, que significa grosso modo “dar poder”. Ainda:

Quando assumimos que estamos dando poder, em verdade estamos falando na condução articulada de indivíduos e grupos por diversos estágios de autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e autoconhecimento de si mesmo e de suas mais variadas habilidades humanas, de sua história, e principalmente de um entendimento quanto a sua posição social e política e, por sua vez, um estado psicológico perceptivo do que se passa ao seu redor. Seria estimular, em algum nível, a autoaceitação de características culturais e estéticas herdadas pela ancestralidade que lhe é inerente para que possa, devidamente munido de informações e novas críticas sobre si mesmo e sobre o mundo em volta, e, ainda, de suas habilidades e características próprias, criar ou descobrir em si mesmo ferramentas ou poderes de atuação no meio em que vive e em prol da coletividade (BERTH, 2019, p. 18).

Lauren busca articular seus conhecimentos, sua vivência, em conjunto com os conhecimentos e vivências das demais pessoas no grupo. Busca ainda articular e somar suas forças de modo que o grupo esteja apto as desenvolturas das circunstâncias, partindo do subjetivo, de cada sujeito, para o grupo em si, sem, no entanto, encarar subjetivo e grupo, como algo em separado, mas que caminham juntos, em conjunto, se nutrem. Sem também deixar de lado a heterogeneidade presente no grupo, que por sua vez também é um agente importantíssimo na própria composição e manutenção da força do grupo.

O prefixo “auto”, recorrente na citação direta, ali acima, diz respeito a um processo que começa de dentro para fora, não o contrário. Ou seja, ainda que receba diversos estímulos externos, é uma movimentação interna de tomada de consciência e despertar de diversas potencialidades, como nos afirma Beth (2019), que irão definir as práticas de enfrentamento dos sistemas de dominação. Tal como observamos junto à trajetória de Lauren.

Outro ponto a se considerar, é a afirmação de Lauren de que devem adquirir todo o conhecimento que for possível acessar, que possam ser úteis às sobrevivências, ou que na pior das hipóteses, não a dificultarão. Sejam elas úteis às primeiras necessidades, como território, proteção, alimentação, reprodução etc. Seja, em lançar mão de estratégias para conseguir algum dinheiro vendendo um pouco do que for possível vender, dinheiro esse que serviria ao grupo ou comunidade. Berth (2019), nos traz teóricos e teóricas que demonstram como historicamente a informação foi utilizada como instrumento de manipulação e hierarquia social. Com base nisso demonstra também que a informação como instrumento de libertação é uma das principais dimensões do Empoderamento.

Ainda, as atitudes de gentileza, e empatia de Lauren, com as quais acabou possibilitando que outras pessoas se juntassem ao seu grupo, apesar do perigo potencial, podem ser pensadas junto do que ao discutir bell hooks - que discorre sobre o fato de haver pessoas que embora sejam anti-capitalistas, por vezes agem de maneira que coloca outras pessoas como objetos de consumo, e então aborda o amor como prática de liberdade – Berth afirma:

Destaco essa construção intelectual com base no amor e no afeto verdadeiro por abranger o que estamos discutindo sobre empoderamento, principalmente na rede de soma de subjetividades que constroem um coletivo. Ao passo que as pessoas se tratam com respeito, reconhecendo o valor da humanidade no outro e distante da ideia do uso ou do descartável, com mais fios construirão a teia de um grupo social empoderado (2019, p. 63).

Voltando ao Semente da Terra, Lauren estava ciente de que o que ela estava iniciando sofreria mudanças com o tempo e que ela não poderia prever ou controlar, mas estava disposta a moldar o que a Semente da Terra era, junto com as pessoas, aprender e ensinar a moldar no que deveria ser. Lauren não só estava ciente, como a Semente da Terra é o sistema de crença Deus é Mudança, como ela afirmara outrora. Daí a importância de moldarem em conjunto, de aprenderem e repassarem o conhecimento e de ajudarem e respeitarem uns aos outros. O que nos leva de volta ao Empoderamento, quando, nas considerações finais, enfatiza Berth:

Nesse sentido, inspirados em Freire, hooks, Collins, Davis, Batliwala, partimos daqueles e daquelas que entendem empoderamento como a aliança entre conscientizar-se criticamente e transformar na prática, algo contestador e revolucionário na sua essência. Partimos de quem entende que os oprimidos devem empoderar-se entre si e o que muitos e muitas podem fazer para contribuir para isso é semear o terreno para tornar o empoderamento fértil, tendo consciência, desde já, que, ao fazê-lo, entramos no terreno do inimaginável: o empoderamento tem a contestação e o novo no seu âmago, revelando, quando presente, uma realidade sequer antes imaginada. É, sem dúvidas, uma verdadeira ponte para o futuro (2019, p. 91).

De volta ao livro, uma das pessoas que se juntou ao grupo de Lauren, Harry e Zahra, foi Bankole, oriundo de família negra. Bankole possuía Terras ao norte, para onde caminhava,

e ao ficar íntimo de Laurem a convidou a ir com ele. Esta aceitou sob condição de levar o grupo, a Semente da Terra consigo. A condição foi aceita. Lá dariam início a primeira comunidade da semente da Terra. Iniciaram seu assentamento enterrando seus mortos, embora em um funeral simbólico posto que os corpos haviam ficado para trás, se estivessem de fato mortos.

Em 2017, o ano que entrei para o curso de antropologia da Universidade Federal do Oeste do Pará, houve a votação do Plano Diretor do município de Santarém-PA. Uma professora designou que fôssemos para a votação como parte de uma atividade de aula. Lembro que eu sequer sabia o que era o Plano Diretor, qual sua importância e objetivo. Fiz meu dever de casa fazendo algumas pesquisas antes da ida a campo.

O Plano Diretor municipal é, como se pode supor, um plano que orienta, nesse caso, orienta como deve, o que pode, o que não pode e o que deve ser feito dentro das esferas econômicas, físicas e sociais de um município pelos próximos dez anos, devendo tomar como base interesses coletivos.

A votação ocorreu na quadra esportiva de uma pequena escola municipal de ensino fundamental, no bairro Aeroporto Velho que embora esteja localizado na zona central da cidade, segundo consta no mapeamento de zonas, dispõe de uma frota precária de ônibus. A questão dos ônibus que circulam no bairro e que passam pela rua, ou próximo à rua daquela escola dificultaria e dificultou o acesso das pessoas a tal lugar. Como se a pequena escola com sua quadra esportiva pequena e quente, não fosse o suficiente. De todo modo, o número de pessoas que estiveram no local nos dias de votação foi ridiculamente pequeno, se considerarmos o número de pessoas que habitam a cidade, e mais ainda se considerarmos o número de pessoas que habitam o município. Do número de pessoas ali presentes, pouco menos da metade estavam ali apenas para votar na aprovação da construção de zonas portuárias no Lago do Maicá. Lembro que na época eu fiquei chocado, embora olhando agora, parece-me que eu era apenas muito jovem para entender como e o quanto os absurdos são comuns vivendo entre povos Ocidentais – ou ocidentalizados -, pelo menos é como me soa, olhando daqui. Mesmo assim... acreditam que eu ainda fico chocado?

Graças aos professores que nos convocaram para a votação, estávamos em maior número contra a construção das zonas portuárias, do que àquelas pessoas que as desejavam, pois afinal as beneficiaria graças a quão pop é o agro. Nós vencemos na votação, mas quando o Plano Diretor foi revisado, vereadores passaram por cima do voto da maioria presente no ato da votação, modificando o Plano e aprovando a construção dos portos, que mais tarde foi sancionado pelo prefeito, reeleito para mais quatro anos de mandato em 2020, Nélio Aguiar.

Lembrar essas coisas frequentemente, me faz refletir sobre uma placa que lembro de ter visto muitas vezes e em várias escolas que estudei, durante os ensinamentos fundamental e médio, que dizia que o objetivo de tais instituições era o de formar cidadãos críticos. Me faz pensar sobre quão cidadãos críticos nos tornamos graças à educação pública, de base. E sobre o quão pessoas, aparentemente, comprometidas com a cidadania plenamente desenvolvida, podem reproduzir (cis)temas de opressão e assim somar junto de um projeto epistemicida, etnocida, violento, de saber único, que nega e busca ofuscar, e reprimir violentamente, as diferenças; exigindo uma corrida cada vez mais individualista, em que a violência, seja ela explícita ou velada, é a regra e não a exceção.

Minha avó me ensinou que com uma tala só não se tece um paneiro, não se tece um tipiti. Temos visto ainda mais fortemente nestes períodos pandêmicos, o quão união, engajamento, são necessários, importantes. É necessário estarmos de fato comprometidos com a luta por nossas vidas, por nossos arranjos, pela Terra, por aquilo que nos é caro e inegociável. Afinal, nós, pessoas não-hegemônicas, seguimos sendo alvos de tentativas de extermínios descarados de nossos corpos, nossos valores, nossos saberes. Mas embora corpos hegemônicos possam desfrutar de maiores arsenais de escapatória, por conta de métodos seculares de mil maneiras de dar um jeito de ficar por cima, digamos assim, o cerco está se fechando.

Ouvi relatos de parentes que abandonados pelo poder público, fizeram tudo que estava ao alcance para minimizar os impactos da covid-19, criaram estratégias para diminuir contatos com pessoas de fora da aldeia, de manter um distanciamento social tanto quanto se pôde, bem como lançando mão de conhecimentos medicinais de que dispunham, para salvar vidas. Não podemos nos dar ao luxo de cair no conto do paternalismo governamental, já vimos muito dessa novela e ela nos mata com sorrisos e abraços camuflando atos atrozos contra nossos corpos, territórios, saberes. Parafraseando a personagem Lauren Oya Olamina, ninguém vai nos salvar, devemos buscar meios de fazê-lo com união e muito trabalho.

Berth (2019), discutindo hooks, destaca a construção intelectual com base no amor e no afeto verdadeiro, como abrangente na discussão do Empoderamento. Escrevo como um chamado em direção à diversidade, à biodiversidade, à Terra, a todes terranes, pela valorização e respeito, partindo de nós, de dentro, (trans)bordando. Aprendendo tudo que pudermos, com tudo que pudermos, com todes, todas, todos, tudo.

A Parábola do Semeador me tocou forte e profundamente, busquei em mim-sujeito-terreno, permitir o desabrochar do cultivo e ser terra-jardim-jardineiro-semente-pássaro-vento-água, também.

Se é bem verdade que uma revolução não se faz sem sangue, acredito que muito sangue já foi e segue sendo derramado. Parafraseando Conceição Evaristo (2016), vamos combinar de seguir lutando, de seguirmos vivos, pois eles combinaram de nos matar. Fortaleçamo-nos. Que a imaginação, a força para a atuação esteja conosco, para moldarmos as mudanças de maneira que nos guie para fora dessa estupidez assassina-suicida, desse buraco que a modernidade, esse saber Ocidental nos tem guiado – e forçado violentamente por séculos.

2.3 O Conto da Aia - Título Original: *The Handmaid's Tale* (1985)

Margaret Eleanor Atwood, canadense, nascida em 1939 na cidade de Ottawa, é uma escritora de romance, poesia, contos, ensaios e críticas literárias. Internacionalmente conhecida, ganhou diversos prêmios literários importantes, entre eles a mais alta distinção de seu país, a “Ordem do Canadá”. Em 1976 ajudou a fundar o *Writers' Trust of Canada*, que se trata de uma organização não governamental, cuja atuação visa o apoio à comunidade de escritores canadenses ou que residam no país. Atwood foi incluída na *Canada's Walk Fame* de Toronto, em 2001. Também recebeu o *Prêmio Arthur C. Clarke* (1987) e o *Prêmio Príncipe das Astúrias* (2008), na categoria "letras", com *The Handmaid's Tale*. Em 2000, após ser indicada várias vezes, foi premiada com o *Booker Prize*, pelo romance “O Assassino cego”, também, venceu duas vezes com o *Governor General's Award*.

Atwood, em 1957, estudou no *Victoria College*, em Toronto, época em que publicou poemas e artigos no jornal literário da faculdade. Em 1961, graduou-se em Bacharelado de Arte e Inglês e estudou também filosofia e francês. Nesse mesmo ano ela ganhou a medalha *E.J. Pratt*, por seu livro intitulado *Double Persephone*, e logo começou a estudar, com bolsa de estudos, no *Radcliffe College* de *Harvard*. Em 1962, tornou-se mestre e começou a pós-graduação, pela Universidade de *Harvard*, porém não terminou a dissertação. Foi professora de língua e literatura inglesas na Universidade de *British Columbia* (1965), Universidade *Sir George Williams*, em Montreal (1967–68), Universidade de Alberta (1969–70), Universidade York, em Toronto (1971–72), entre outras. Atwood recebeu diplomas honorários de diversas universidades, entre elas da Universidade Nacional da Irlanda, do *Royal Military College of Canada*, bem como da Universidade de *Oxford*, da Universidade de *Cambridge* e da *Sorbonne*.

Atwood foi incluída em projeto chamado *Future Library*. Neste projeto 100 autores foram selecionados para escreverem livros, compondo uma coleção que deverá ser lançada em

2114. Tal projeto começou em 2014, e Atwood esteve em sua estreia. A autora divulgou como única informação, que o nome de sua obra é *Scribbler Moon*.

Apesar de *The Handmaid's Tale* de Atwood, ter recebido prêmios de ficção científica, tais como em 1987, o *Prêmio Arthur C. Clarke*. Também nomeado em 1986 ao *Nebula Award*, e ao *Prometheus Award* em 1987. A autora nega que tal livro, ou mesmo o *Oryx and Crake*, façam parte da literatura de ficção científica, atribuindo-os à ficção especulativa. Entendemos, que para Atwood, as diferenças entre a ficção científica e a ficção especulativa que ela escreve, se devem ao fato de que para escrever seus livros, pesquisas exaustivas são feitas, ela escreve sobre coisas que poderiam realmente acontecer (POTTS, 2003). Desse modo, poderíamos dizer que segundo Atwood, a ficção especulativa possui os pés mais no chão, que a cabeça nas nuvens – ou no espaço interestelar, com seus monstros e grandiosos avanços tecnológicos –, como é o caso da ficção científica.

Abordarei neste artigo a ficção especulativa “O Conto da Aia”, da autora em questão, originalmente publicado em 1985, com o título *The Handmaid's Tale*. O livro se trata de uma distopia, onde em um futuro próximo, os Estados Unidos tornam-se uma teocracia totalitária, passando a ser chamado de República de *Gilead*. O desenrolar dos eventos que originaram e deram sustentação à tomada de poder desta teocracia é pouco especificado no livro, o que se deve ao fato de este ser narrado por *Offred*, uma das mulheres subjugadas no regime, que desta forma, possui conhecimento limitado sobre os fatos que antecederam e sucederam ao golpe. Suas lembranças pessoais e públicas, se misturam ao presente, e conforme o tempo vai passando, as imagens em suas memórias vão ficando borradas. *Offred* narra de maneira não-linear os acontecimentos aos quais teve e tem acesso – no momento em que narra -, bem como suas reflexões.

A República de *Gilead* foi orquestrada e posta em prática, pelos chamados “Filhos de Jacob”. Tal nomeação é descoberta no final do livro, onde é narrada uma conferência póstuma ao regime. Sendo assim, a narradora já não se trata de *Offred*. Segundo as informações disponíveis no decorrer do livro, as regras e leis dos Filhos de Jacob se baseiam no Deus da Bíblia cristã, embora mais voltado ao Antigo Testamento, ou seja, antes de Cristo.

Segundo o site *Bíblia*, a palavra Gileade é mencionada na bíblia em algumas ocasiões. Referências a Gileade são de uma região montanhosa, ao oriente do Jordão, com ricas florestas e pastagens, nesta região acampou Jacó – que também pode ser traduzido para Jacob -, e a mesma também serviu de refúgio aos israelitas, ao se livrarem dos filisteus; serviu também

aos filhos de Saul, bem como a Davi, quando este fugia de Absalão. Para além de uma região, Gileade é mencionado na bíblia, como sendo um nome de pessoa.

Ao que consta em “O Conto de Aia”, o presidente dos Estados Unidos e os membros do Congresso foram assassinados, evento que foi noticiado como um atentado orquestrado por fanáticos islâmicos. Logo, foi declarado estado de emergência pelo exército, a Constituição foi suspensa com a promessa de que se tratava de uma medida temporária. Em seguida, as mulheres tiveram suas contas congeladas e perderam seus empregos. Tudo aconteceu muito rápido, narra *Offred*, e as pessoas que possuíam mais privilégios estavam alheias aos acontecimentos que se desenrolaram debaixo de seus narizes. Quando compreenderam o que de fato estava acontecendo, se viram de mãos atadas. Houveram manifestações em protesto, no início, as quais foram reprimidas violentamente. No entanto, apesar das repressões e assassinatos, no decorrer do livro nos é dado a entender que uma guerra civil se desenrola, contra os “rebeldes”. Embora, é claro, se trate de notas de noticiários, por onde se acessa as informações de que a República de *Gilead* está sempre a um passo de vencer a guerra, e logo sua população poderá gozar de paz. Esta é uma questão colocada ao leitor, pela personagem narradora.

Também por meio das notas sobre a conferência póstuma ao regime, nos é informado que pessoas judias foram expatriadas. Algumas conseguiram sair do país, outras foram despejadas para morrer no oceano, enquanto elas acreditavam que estavam sendo permitidas partir da República em questão.

Segundo Hannah Arendt (1991), o terror é a essência do totalitarismo e o totalitarismo nunca omite seus objetivos. O movimento totalitário utiliza de propagandas e organização totalitária como instrumentos, que representam duas faces da mesma moeda. No que diz respeito às propagandas totalitárias, estas são dirigidas ao público de fora, ou seja, àquelas pessoas e populações não totalitárias, sejam do próprio país ou de outros países. Com caráter demagógico e enganador, proferem mentiras e utilizam de rumores já existentes, acasos e coincidências que soam envoltas em uma aura de mistério, para dar consistência às suas afirmações. Manipulam e misturam realidade e ficção. Utilizam-se de cientificismo para articular predições infalíveis, que tratarão o quanto antes de fazê-las acontecer. A característica das propagandas totalitárias, mais precisa que ameaças diretas e crimes contra indivíduos, é a utilização de ameaças veladas à todas aquelas que ignorem o que estes ensinam, seguido de assassinato de amontoado de pessoas tanto as “culpadas” quanto as “inocentes”. São movimentos que podemos acompanhar enquanto lemos O Conto da Aia.

No Conto, após as mulheres terem sido demitidas e suas contas terem sido bloqueadas, elas foram informadas pelo noticiário de que suas economias e bens seriam passadas para seus maridos ou o parente mais próximo do “sexo masculino”⁵¹. Tal medida, contribuiu significativamente para que mesmo as mulheres mais privilegiadas, enfrentassem enorme dificuldade de sair do país o quanto antes. O dinheiro físico não era mais usado nessa época, dessa forma o congelamento e passagem do dinheiro dessas mulheres a outrem, foi facilitada. Sendo assim, podemos perceber que tal teocracia totalitária é também patriarcal – incrível como isso soa redundante. Com condições de vida reduzidas e precárias, muitas mulheres cometeram suicídio no decorrer da implantação do regime, nos relata *Offred*.

Offred antes do regime, tinha uma filha pequena com seu parceiro, cujo nome informado em seus relatos, é Luke. Este era divorciado, havia sido casado antes de se relacionar com a personagem, ela que na época possuía outro nome, um nome seu. No livro não nos é revelado o verdadeiro nome da personagem, apenas um dos nomes que recebeu durante o regime: “*Offred*”; nome que designa posse: “*Of*”: de; “*Fred*”: nome do Comandante, dono da casa à qual ela estava a “pertencer”.

Em relação aos dois últimos parágrafos, gostaria de traçar comentários sobre duas questões levantadas. Primeiramente sobre a objetificação de corpos ditos femininos e possivelmente “férteis”. Em segundo, pontuarei sobre a questão do suicídio em condições reduzidas de vida.

No que diz respeito à objetificação do corpo dito feminino, como esse algo que existe unicamente para o trabalho reprodutivo, em outras palavras: limpar, arrumar, cuidar, cozinhar, dar prazer e parir, trarei um pouco de contextualização histórica de como tal ideia-atitude se firmou no cotidiano ocidental, se impregnou e se impôs. Em “*Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*”, no tópico sobre a privatização da terra na Europa, a produção de escassez e separação entre produção e reprodução, Silvia Federici (2017), discorre sobre o processo brutal de privatização de terra por meios extremamente violentos e como isso afetou a vida de homens e mulheres na época e que perduram até os dias atuais. Com o desaparecimento da economia de subsistência, que havia predominado na Europa pré-

⁵¹ No livro nada é dito sobre pessoas transgêneros, que em linhas gerais são pessoas cujo gênero independe dos “corpos biológicos” ou “genitálias” que possuam – ao contrário da cisgeneridade. Porém, fica subentendido que as definições de mulheres e homens dependem de suas genitálias, como são “biologicamente” compreendidos, embora haja situações em que uma pessoa passa a ser considerada “não-mulher”, ainda que possua um corpo tido como “biologicamente feminino”. Abordarei tal questão mais à frente.

capitalista, as mulheres⁵² passaram a encontrar dificuldades maiores que as dos homens, para seus sustentos. Cada vez mais confinadas ao trabalho reprodutivo, no mesmo momento em que este começava, sistematicamente, a cair em desvalorização. A unidade entre produção e reprodução, comum às sociedades baseadas na produção-para-o-uso, chegava ao fim conforme adquiriam outras formas de relações sociais e sexuais. No novo regime monetário, os trabalhos de reprodução não eram vistos como geradores de valor, inclusive deixaram de ser considerados trabalhos, sua importância e sua função na acumulação do capital se tornaram invisíveis, passaram a ser mistificados como uma vocação natural e designados como “trabalho de mulheres”. Somente os trabalhos de produção-para-o-mercado passaram a ser valorizados. Os trabalhos de reprodução continuaram a ser pagos, somente quando fora de casa, ou realizados para os senhores, porém com valores inferiores. Além disso, as mulheres foram excluídas de muitas ocupações assalariadas, e quando conseguiam alguma ocupação, recebiam um valor miserável se comparado com o a remuneração média dos homens assalariados. Tais mudanças históricas tiveram seu auge no século XIX, onde surge a figura da dona de casa em tempo integral, redefinindo desta forma a posição de homens e mulheres na sociedade. Assim, as mulheres não ficaram apenas sujeitas à reprodução em termos gerais, como também à pobreza crônica, à dependência financeira e a invisibilidade como trabalhadoras. Desta forma também se tornaram mais vulneráveis à outras formas de violências de toda sorte.

Voltando-me para a segunda questão que gostaria de comentar, sabemos que condições reduzidas de vida podem tornar a vida um grande martírio, que proporciona dor e desespero a quem assim vive, sendo assim, muitas vezes, pessoas são levadas ao suicídio. O site da Organização Pan-Americana da Saúde relata que a pandemia exacerbou os fatores de riscos associados a comportamentos suicidas. Esses fatores, segundo o site, se tratam de precarização econômica e perda de emprego, assim como traumas e abusos, ainda transtornos mentais e a dificuldade enfrentada no acesso à saúde. O suicídio é uma das principais “causas”⁵³ de morte no mundo, a quarta maior causa de mortes de jovens de 15 a 29 anos. Segundo Arísia Barros (2019), a taxa de desemprego no Brasil atinge majoritariamente a população negra – pret@s e pard@s -, o rendimento médio mensal da população negra é bem inferior à de pessoas brancas, a taxa de analfabetismo de pessoas brancas é menos da metade daquela de pessoas

⁵² Nessa situação em questão, as mulheres e homens aos quais a autora se refere, parece se tratar, estritamente, de pessoas brancas, cisgênero.

⁵³ Compreendo o suicídio não como causa de morte, mas como a consequência de um longo processo violento de, parafraseando Mbembe (2018), fazer ou deixar morrer. O suicídio em si, portanto, se mostra como a consumação final da morte do sujeito. Além dessa compreensão do suicídio, como veremos mais adiante, o suicídio também pode se mostrar como “um ato de tornar-se *sujeito*” (KILOMBA, 2019, p. 189).

negras. 76% das pessoas assassinadas no país, pela polícia, são pretas. Isso apenas para contextualizar as desigualdades sociais, e somando a isso, segundo a autora, a OMS afirma que 6 a cada 10 jovens de 15 a 29 anos que morrem por suicídio, são pret@s. Há uma crítica a esses dados por não serem analisados de maneira interseccional, ou seja, levando em consideração os diversos sistemas de opressões pelos quais os corpos podem ser – e são – atravessados.

Ainda com relação ao suicídio, sabemos que o Brasil é o país que mais mata pessoas Trans⁵⁴ no mundo. No primeiro semestre de 2020, o índice de suicídio da população Trans aumentou em 34% em relação ao primeiro semestre do ano anterior, e isso contando apenas com as ocorrências que a “Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA)” conseguiu obter acesso. Segundo a Antra é muito difícil monitorar o suicídio por diversas questões, em relação a população Trans, entretanto, se reconhece que os processos vivenciados no dia a dia de violação de direitos humanos tais como exclusão social, marginalização, discriminação e estigmatização, assim como tentativas de homicídios, muitas vezes leva ao suicídio. A pandemia acabou por expor pessoas Trans ainda mais à violência doméstica, apresentando um aumento de 45% no primeiro semestre, pois a quarentena exigiu mais tempo dessa população, junto de seus algozes.

Gostaria de fechar essa questão do suicídio com Grada Kilomba (2019) que no capítulo intitulado “Suicídio”, discorre sobre *sujeito negro* e suicídio. A intelectual traz referências de mulheres negras, entrevistadas por ela, que relatam suicídios em suas famílias, também faz referência ao livro “Amada” de Toni Morrison, que é baseado na história verdadeira de Margaret Garner, que após fugir da “plantação”⁵⁵ e ser encontrada por “seu proprietário branco”, tentou matar suas quatro crianças e a ela mesma, para não ser levada de volta; antes de ser pega conseguiu matar uma das crianças, que se tornou a personagem principal do livro de Morrison, a filha chamada Amada. Além disso, Kilomba (2019), também traz relatos e situações do contexto da escravização, onde a comunidade escravizada era punida quando uma das pessoas conseguia consumir o suicídio. Nesse sentido, segundo a intelectual, “o suicídio pode emergir como um ato de tornar-se *sujeito*” (KILOMBA, 2019, p. 189). Acredito ser imprescindível para o que busco esboçar, a escrita da autora, onde ela nos informa que a decisão de “não mais viver sob as condições do senhor *branco* é uma performance final onde o *sujeito negro* reivindica sua subjetividade” (KILOMBA, 2019, p. 186). Tal questão pode ser pensada

⁵⁴ Termo guarda-chuva referente a travestis, transexuais, transgêneros, não-binários e demais corpos não cisgênero. Para mais informações sobre transgeneridade e transfeminismo, sugiro “Transfeminismo” de Leticia Nascimento (2021).

⁵⁵ *Plantation*.

em paralelo com as questões do suicídio em populações contra-hegemônicas, visto que continuamos em um sistema onde a branquitude é hegemônica. Nesse sentido, entendo que o sujeito-contra-hegemônico, reivindica sua subjetividade e o direito sobre sua própria vida e morte, por meio do suicídio, em última instância. Assim como as mulheres que cometeram suicídio na República de *Gilead*. Um outro ponto, é a proibição do suicídio e a tomada de medidas para que isso não viesse a ocorrer, em tal República, bem como o sistema de dupla vigilância, que tornava uma Aia responsável pela outra. Assim como no contexto de escravização que trouxe Kilomba (2019), no caso da punição à comunidade de pessoas escravizadas, quando uma conseguia realizar o suicídio, que segundo a autora, releva além do interesse em não perder “sua propriedade”, um interesse em impedir que tais pessoas se tornem *sujeitos*.

De volta ao Conto de Aia em si, o intuito dos filhos de Jacob, soa como o de salvar os seres humanos da extinção, uma vez que a taxa de natalidade e de bebês que nascem saudáveis decaiu. Além de salvar o mundo da “anarquia” que a “ocidentalização” causou entre as pessoas. Em outros termos, soa como salvar o mundo do pecado, da prostituição – como dizem as pessoas mais puritanas e conservadoras, sobre pessoas “devassas”.

A República de *Gilead* funciona de maneira hierárquica com papéis bem definidos. Apesar de não ser possível termos certeza da completude dos relatos em muitas circunstâncias, o que sabemos dos cargos e/ou papéis, cujas funções são divididas entre masculinas e femininas, se trata respectivamente de: os “Comandantes dos fiéis”: a natureza do cargo não nos é revelada em detalhes, mas se mostram figuras importantes no regime. Temos bons motivos para acreditar que sejam os cargos mais altos, ou seja, que são os que governam. Os “Guardiões” são os designados para servirem aos Comandantes, como motoristas, entre outras tarefas as quais seus superiores os mandarem cumprir, também são usados em policiamento rotineiro e como atendentes de lojas e mercados. Tais Guardiões também podem trabalhar como “Olhos”⁵⁶, que funciona como uma espécie de policiais ou espiões para o regime. Os “Anjos”: são soldados enviados para frentes de batalhas, estes podem subir na hierarquia, caso se saiam bem – e vivos.

Já no que diz respeito aos papéis das mulheres, estas são: “Esposas de Comandantes”: que são literalmente esposas de Comandantes, também cuidam de seus jardins, tricotam. As “Tias”: estas são as responsáveis pela formação das Aias, ou seja, são suas educadoras sobre o dever de desempenhar com o máximo de perfeição e graça – pois busca-se

⁵⁶ Nem todo guardião é um Olho, e pelo que entendemos nunca se sabe quais deles são ou não. O medo e a sensação de estar sempre sob observação, é constante na atmosfera do livro.

que elas sejam mansas e gratas -, seus papéis; tais Tias portam aparelhos elétricos – do tipo usado para dar choque em gado -, com intuito de se fazerem temidas e obedecidas, pelas futuras “Aias”. Nem mesmo as Tias podem utilizar armas de fogo, somente homens, porém elas podem ler e escrever. As Aias: servem para a reprodução, são ditas mulheres férteis, que famílias de alto escalão as levam para suas casas, e delas se utilizam com intuito de procriar. No que diz respeito à procriação é realizado no que é chamado de “noite de Cerimônia”. Tal ritual é assistido e assessorado pelas Esposas de Comandantes. Foram as próprias Esposas que impuseram suas presenças em tal momento. Além disso, as Aias também são as responsáveis por fazer as compras, no entanto, se torna opcional no caso de estarem grávidas. Também é permitido que as Aias sejam agredidas, caso queiram as pessoas donas das casas para as quais essas mulheres irão, porém somente com as mãos. As “Marthas”: são as responsáveis pelos alimentos, limpezas da casa e banhos das Aias, elas são geralmente mulheres mais velhas, inférteis... As “Econoesposas”: são esposas de homens menos abastados; as funções dessas mulheres são as de o máximo de coisas que estas consigam fazer, ou seja, todas as funções que outras mulheres poderiam desempenhar. Diz-se sobre isso, que é uma situação temporária, e logo essas mulheres poderão gozar dos mesmos privilégios que as esposas de Comandantes.

Além desses papéis, existem as não-mulheres, que se trata, aparentemente, de feministas, viúvas, que não possam gerar bebês. Estas são mandadas para colônias, nas quais trabalham com lixos altamente tóxicos, onde morrem em pouco tempo ou se tiverem “mais sorte”, podem ser mandadas para colônias de plantações. Também existem as pessoas que são executadas por “traição de falsidade de gênero” ou “traidoras de gênero”, que são lésbicas e homossexuais; estas também podem ser mandadas para as colônias. Lendo o livro temos motivos para acreditar que se trata de toda e qualquer pessoa, dentro da sigla LGBTQ, é possível que até mesmo pessoas Intersexo. Fiquei me perguntando o que seria de mim, uma pessoa transgênero, na República de *Gilead*. Possivelmente seria mandado - ou mandada, uma vez que não seria lido como homem -, para as colônias, ou talvez fosse assassinado. Seria morto, de qualquer forma. Poderia acabar no muro aberto ao público, com um cartaz púrpura, pendurado no pescoço, e uma saca branca na cabeça, para servir de aviso. *Offred* descreve uma situação assim, sobre um dito traidor de gênero

Com relação ao último parágrafo, trarei para o diálogo outra vez “Calibã e a Bruxa”, dessa vez o tópico “O Grande Calibã: A luta contra o corpo rebelde”. Federici (2017), nos relata que as condições para o desenvolvimento do capitalismo, consistia em transformar as potencialidades de indivíduos em força de trabalho. Mas isso não foi uma tarefa tão fácil, muito

menos bonita e louvável. Graças a filosofia mecanicista de Hobbes e Descartes, principalmente esse último, a agora, chamada natureza, foi considerada uma “Grande Máquina”, e o ser humano uma máquina menor, no nível individual e não por acaso, o social uma máquina um tanto maior que o indivíduo. Ainda segundo a intelectual, nos séculos XVI e XVII, se observa a emergência de um novo conceito de pessoa. A figura mais próxima que autora cita é a de Próspero, que mistura o anjo Ariel com Calibã, o bruto e rebelde, da tragédia “A tempestade” de Shakespeare. Uma batalha que acontece o tempo todo dentro do indivíduo, entre a razão e o estado de natureza; cabe agora aos indivíduos seus próprios ais, não mais relegados ao acaso dos astros, magias, profecias e afins. E se esses últimos, magias e profecias, foram deslegitimados e usurpados de seus poderes – tanto quanto se pôde –, foi porque contrariava os desejos do Estado de obter domínio sobre os corpos – ditando verdades, negando multiplicidades –, de maneira direta, impositiva e violenta, ou de maneira indireta por meio dos próprios indivíduos consigo mesmos e com seus pares, também de maneira violenta. A partir de então, precisava ser imposta uma norma que servisse aos desígnios do Capitalismo, ou seja, que fizesse com que os indivíduos se convertessem em força de trabalho, mais uma peça funcionando para a engrenagem, literalmente um objeto cujo único motivo de ser, existir, é produzir e obedecer por bem ou por mal. Sendo assim, todo e qualquer corpo ou coisa que fosse contrário ou diferente disso, que de alguma forma atrapalhasse ou impedisse tais projetos, sofreria sistematicamente de maneiras diretas ou indiretas, mas em ambos os casos com intuito de dominar e caso isso não fosse possível, exterminar.

De volta a Atwood (2017), no que diz respeito à narradora *Offred*, esta passa a relatar seu cotidiano junto às memórias e reflexões. Ela foi apanhada enquanto tentava sair do país, com seu companheiro Luke e sua filha. Eles usaram passaportes falsos comprados em cima da hora por um alto preço. Não sabemos o que houve com seu companheiro, pois a própria narradora não possui tal conhecimento. Após ser pega, ela foi levada para o que antes era um ginásio esportivo, agora chamado de “Centro Vermelho”. O que podemos chamar de centro de “formação das Aias”. O local é estritamente rígido, onde tais mulheres só têm direito a falas, se questionadas. Sofrem diversos abusos, e - tentativa de - lavagem cerebral. Neste lugar são ensinadas pelas Tias sobre todas as coisas as quais têm o dever de se submeterem. O “uso” das Tias na “educação das Aias”, foi um passo bem pensado e calculado, descobrimos no final do livro. A ideia era de que elas se deixariam levar mais facilmente por “uma delas”, que por alguém de fora.

Em tal época, a infertilidade havia se tornado extrema, uma das desculpas utilizadas para justificar a necessidade de tal regime. No Centro Vermelho, as Aias são ensinadas que não existem homens inférteis, apenas mulheres, e que estas devem ser gratas pela oportunidade de fazer algo tão grandioso como gerar bebês e ajudar na manutenção da existência humana. Elas são treinadas a ferro e fogo sobre como devem se comportar. Suas roupas são uniformizadas – de todas as pessoas em tal república, aliás -, longos vestidos vermelhos, luvas vermelhas e sapatos baixos, vermelhos. Após se formarem como Aias, passam a usar toucas brancas com abas longas, que as impede de olharem com facilidade para qualquer lado, e que outras pessoas possam ver seus rostos. Também são ensinadas que independente do que aconteça com seus corpos, como por exemplo em caso de estupros, a culpa é delas mesmas.

A culpabilização da vítima é algo extremamente recorrente. Inclusive há falas do atual presidente da República do Brasil, Jair Bolsonaro, quando ainda era deputado – 2014 -, afirmando à deputada Maria do Rosário, que não a estupraria porque ela não merece⁵⁷. Deixando subentendido que quando mulheres são estupradas é porque mereceram. Em 2018, em Santa Catarina, houve o que foi chamado de “Caso Mariana Ferrer”, uma jovem de 21 anos, que afirma ter sido estuprada por um empresário durante uma festa em que estava, em sua companhia. Entretanto, advinha? Durante a audiência, encarando uma banca de apenas homens cisgênero, juiz, advogado de defesa e promotor, cenas da influenciadora sendo humilhada, e como afirma a mesma, sendo tratada como acusada em vez de vítima, vieram a público. O tal empresário André Aranha, foi inocentado pelos três. O advogado de defesa chegou a levar fotos de Mariana e outros julgamentos, questionando assim a “credibilidade” da mesma, como vítima. Tal audiência terminou com o caso inédito de “estupro culposo”. A Comissão dos Direitos Humanos da Câmara dos Deputados, a Secretaria da Mulher e a Procuradoria da Mulher, notificaram as autoridades federais, estas últimas pediram além da punição dos envolvidos pela maneira desrespeitosa em que trataram a vítima, a revisão da sentença pelo Tribunal de Justiça. Em outubro de 2021, André Aranha foi absolvido por unanimidade. A menos que eu viva num mundo fora a parte, o que eu não acredito, em algum momento de nossas vidas, ou em vários, já presenciamos culpabilização da vítima, ou mesmo reproduzimos.

De volta à *Offred*, esta não é a primeira Aia na casa deste Comandante, no entanto, ninguém lhe diz qualquer coisa sobre o que houve com aquela que esteve ali antes dela. Também não é a primeira casa em que já esteve, após o regime. Por alguma razão que não temos pleno acesso, ela teve que sair da casa anterior. O Comandante desta nova casa, trabalha

⁵⁷ Alerta de gatilho: o vídeo do ocorrido, contém palavras de baixo calão e pode causar dores e agonia psicológicas.

com pesquisas de mercado e é casado com Serena Joy. Além destas três pessoas, também residem na casa duas Marthas: Cora e Rita. E ainda Nick, um guardião que dorme em um quarto acima da garagem.

O cotidiano das Aias se resume basicamente em café da manhã, caminhada para as compras, almoço, janta e - quando ocorre -, as noites de cerimônia. Elas passam a maior parte do tempo em seus quartos, cujas portas estão sempre abertas, afinal elas não iriam muito longe se tentassem fugir. Seus quartos são arrumados de modo que não escape qualquer meio, por menor que seja, de que estas possam vir a tentar ou realizar suicídio.

Espelhos foram retirados de seus campos de visão, sobrando apenas arremedos destes. As Aias são aconselhadas a esquecerem seus antigos nomes, suas antigas vidas. Que esqueçam suas próprias subjetividades, humanidades. E deste modo, evitar mais sofrimentos, dizem as Tias. São proibidas de tomar café, álcool, chás, e também de fumar. Além de serem proibidas do autocuidado com os corpos, no que diz respeito à hidratantes corporais e perfumes. Maquiagem, batons, biquínis, também estão fora de questão. Quaisquer coisas que possam vir a desviar-lhes de seus verdadeiros propósitos – procriação – estão fora de cogitação. Se faz necessário que elas se atentem o tempo inteiro ao que dizem, ou deixem de dizer, de modo que podem ser consideradas suspeitas há qualquer momento, e isto pode lhes custar o pouco que lhes resta.

Uma noite, algum tempo depois do estabelecimento de *Offred*, na casa, o Comandante, por meio de Nike, a convida ao seu gabinete. Tal atitude vai de encontro às regras da República de *Gilead*, uma vez que o contato dos Comandantes com suas Aias, deve se dar somente na noite da Cerimônia. A personagem fica apreensiva, mas não tem escolha senão ir. No gabinete, estes brincam com jogo de tabuleiro, especificamente um chamado de “mexe-mexe”, que consiste em formar palavras a partir das peças. Desta forma, outra regra é infligida, uma vez que não é permitido que Aias leiam. Além do jogo, *Offred* também pode escolher um livro que queira ler, enquanto estiver ali. O Comandante instrui *Offred* a ficar à vontade - tanto quanto possa, suponho. Somente Nike, *Offred* e o Comandante sabem desses encontros secretos, pelo que nos é dado a perceber. Caso contrário, *Offred* estará em apuros, até mesmo o próprio Comandante, é possível que seja penalizado.

Nos dias em que acontece a Noite de Cerimônia é permitido às Aias, um banho mais apropriado. Uma das Marthas a aguarda à porta do banheiro, que apenas em tal ocasião, possui banheira. Os banheiros, rotineiramente, utilizado pelas Aias não possuem banheiras, uma vez que estas poderiam cometer suicídio nas mesmas. *Offred* narra estranhar sua própria nudez.

Como ao lembrar dos tempos antigos, das roupas, das idas à praia, parecem já lembranças duvidosas, irreais. Deitada na banheira com o cheiro de sabão infiltrando-se por suas narinas, a personagem fecha os olhos e de repente está junto de sua filha, ainda bebê. Suas lembranças a levam para vários momentos, em variados anos e circunstâncias.

Há toda uma ritualização da ordem de entrada na sala, a maneira em que as pessoas ficam postas no aposento à espera do Comandante, que é sempre o último a chegar – e com atraso. Enquanto ele não chega, a Esposa liga a TV por um tempo, depois a desliga. Quando finalmente o Comandante entra a sala, faz leitura da bíblia, sempre a mesma leitura, então há o momento para as preces silenciosas e após isso, exceto Esposa e Aia, os outros estão dispensados.

Uma vez no quarto, a Cerimônia se desenrola sempre da mesma maneira. Offred se deita de barriga para cima, completamente vestida, exceto pelos calções de algodões, entre as pernas de Serena Joy, que também está deitada e completamente vestida. A cabeça da Aia em cima da barriga da Esposa, os braços levantados, enquanto Serena lhe agarra as mãos, cada uma de suas mãos numa das mãos dela. Deve significar, nos narra a personagem, que são uma só carne, um só ser. Sua saia vermelha é puxada para cima na altura dos quadris. Abaixo da saia, o Comandante a está fodendo, narra a personagem, não está fazendo amor, também não está copulando, pois em pressuposto duas pessoas estariam envolvidas, e apenas uma está. Tampouco estupro descreve o ato, diz a personagem, uma vez que ela concordou formalmente em fazer, não havia muita escolha, mas havia alguma e esta foi o que ela escolheu. Ao final do ato, o Comandante fecha o zíper, faz um aceno de cabeça e sai. O Ideal é que a Esposa, a faça descansar por 10 minutos com os pés suspensos com os travesseiros, em vez disso Serena a ordena que saia.

A Aia que acompanha *Offred* nas compras é *Ofglen*. Salvo pelas frases habituais, ensaiadas e decoradas, que são permitidas às Aias, elas não conversam muito, e não é recomendado que o façam. Ainda assim, *Ofglen* arrisca alguma conversa com *Offred* após algumas idas às compras. Mais tarde esta primeira *Ofglen* é substituída por outra. A nova *Ofglen* releva à *Offred*, não sem muita cautela, o que sabe daquilo que aconteceu com a anterior, parece ter cometido suicídio. Os Olhos estavam indo lhe capturar, por suspeita de que ela fizesse parte de um grupo de pessoas contrárias ao regime, que organizavam fugas ou tentativas. A antiga *Ofglen* havia falado à *Offred* sobre uma rede, que para saber quem fazia ou não parte se usava uma senha: *mayday*. Isso faz recordar parte do início do livro, onde *Ofglen* cita o termo em alguma parte de uma conversa sobre o clima, e ainda sem saber que se tratava de uma senha,

Offred reflete sobre o termo, que aprendeu com Luke. *Mayday*, numa dessas guerras que estudamos no colégio, nos informa a narradora, costumava se tratar de um sinal radiotelefônico de pedido de socorro. Luke lhe disse que é francês, *M'aidez*: ajude-me. Esta nova *Ofglen* pede a *Offred* que tente descobrir tudo o que puder sobre O Comandante e o trabalho do mesmo, de “sua” casa. Ela demonstra haver uma rede clandestina de informações.

Numa dessas idas às compras, ainda com a primeira *Ofglen* que conhecemos, na volta do mercado, deram de cara com um grupo de turistas juntos de um guia. As Aias não puderam evitar observar o grupo e acabaram por chamar sua atenção. No grupo haviam algumas mulheres vestindo roupas curtas, sapatos com dedos ao ar livre, batons, maquiagens, justamente o que prendeu a observação das Aias. *Offred* relata a estranheza que sentiu com a aparente nudez das turistas, e estranhou sua própria estranheza, pois há não muito tempo, ela se vestia exatamente assim, também. O grupo se aproxima e pergunta se pode tirar fotos, o que é traduzido às Aias pelo guia. Não há nenhuma fala do guia que as proíba ou que as advirta sobre o que podem ou não falar, mas tudo está subentendido pelas Aias, nunca se sabe quando um intérprete pode ser um Olho, dizem que todos são. Elas baixam a cabeça e o intérprete diz ao grupo que as mulheres neste país são muito reservadas e não gostam que suas imagens sejam expostas. O grupo pergunta se elas são felizes. *Ofglen* não responde nada e *Offred* se vê obrigada a responder algo, pois falar demais pode ser tão perigoso quanto não falar nada. *Offred* responde que sim. Elas se afastam do grupo.

Certo dia, quando *Offred* está voltando das compras matinais, Serena Joy lhe chama. Lhe pergunta sobre já estar ou não grávida, ao que *Offred* responde que não. O tempo da Aia estava se esgotando. Serena diz que talvez o Comandante não possa, o que deixa a Aia insegura sobre responder ou não. Serena sugere que talvez ela deva tentar de outra maneira, outro homem. *Offred* a responde que não pode, pois é contra a lei. Serena diz que oficialmente não pode, mas que mulheres fazem isso frequentemente. Desse modo a Esposa sugere Nick, o Guardião da casa. A Aia responde que é um risco, que é a vida dela em jogo, mas que é onde a vida dela estará mais cedo ou mais tarde, faça ou não. Por fim, ela aceita. Então, porque se comportou bem, nos informa a Aia, Serena lhe diz talvez poder lhe dar algo que ela queira, um retrato de sua filhinha. Com um sorriso, ela coloca um cigarro nas mãos de *Offred*, fechando-as em torno e diz a ela que pode pedir um fósforo à Rita, na cozinha, a mando dela.

É noite de mexe-mexe. *Offred* bate à porta do gabinete do Comandante. Uma vez lá dentro, o Comandante pergunta à Aia se ela está disposta a uma pequena diversão. Em seguida lhe traz uma fantasia cheia de brilhos, dessas que em tese teriam sido varridas de todo

o território da República de *Gilead*. Aparentemente algumas sobreviveram à fogueira. Além das roupas, trouxe também batom, delineador e rímel. O comandante diz que a levará para sair esta noite. Ambos sabem o quão o ato é arriscado para ele, mas especialmente para ela. Ainda assim, ela deseja de qualquer maneira ir. Tomam todos os cuidados necessários para que ela não seja vista pelo caminho, no entanto, ao chegarem ao destino, o Comandante coloca uma espécie de etiqueta no braço da Aia, a instrui a dizer que foi alugada para esta noite, caso alguém a indague. Ela precisou se esconder quando passaram pelo portão, pois usava a capa de Serena Joy; esposas são proibidas de entrar ali, Aias também. Estavam onde antes era um hotel. Agora está cheio de mulheres com todo tipo de trajes festivos coloridos. Há muitos homens circulando entre elas, mas em seus uniformes escuros e ternos. Como uma festa à fantasia, nos diz a personagem narradora, o lugar é chamado de “O clube”, segundo o Comandante. *Offred* diz pensar que tal lugar fosse proibido, ao que o Comandante responde que oficialmente é, mas não se pode burlar a Natureza, afinal os homens precisam de variedades e as mulheres sempre souberam disso, uma vez que na época anterior elas estavam sempre vestindo roupas diferentes para enganá-los – homens cisgêneros, o próprio umbigo do universo. A Aia lhe pergunta quem são aquelas pessoas, ao que o Comandante lhe responde que os homens são oficiais, O Clube é apenas para eles e os funcionários mais graduados, um lugar para conhecer pessoas e fazer negócios, no entanto, *Offred* estava perguntando sobre as mulheres. A maioria delas, segundo o Comandante, eram garotas de programas do tempo de antes, no entanto, haviam mulheres de várias profissões também, preferiam estar ali às outras opções disponíveis. O Comandante sai para buscar um drink. *Offred*, olhando pelo salão, enxerga sua amiga Moira, do tempo de antes, e que também esteve com ela no Centro Vermelho, elas combinam de se encontrar no banheiro onde podem conversar mais à vontade – tanto quanto se possa. Elas conversam sobre como Moira escapou do Centro Vermelho, como se virou após isso, quase conseguiu sair do país e então acabou ali, na “Casa de Jezabel”, que é como os homens chamam aquele lugar, segundo Moira. Ela diz que as Tias desistiram das mulheres que estão em tal casa.

O termo “Casa de Jezabel”, me chamou bastante atenção, fiquei curioso sobre a história de tal figura. Segundo o site *Bíblia*, Jezabel foi uma mulher, que existiu nos anos 800 a.C, vinha de uma família politeísta, que adorava o deus Baal, e ao se casar com Acabe, por meio deste, introduziu o culto ao deus Baal em Israel. Acabe edificou um templo para o deus de sua esposa, e quase toda a Israel estava indo de encontro a Baal. Neste templo em questão, ocorriam encontros para louvar o deus, encontros que foram chamados de idolatria. Nesses encontros os adoradores, também segundo o site *Bíblia*, se envolviam em “uma espécie de

fornicação sagrada”. “Biblicamente aquela união foi um adultério espiritual e uma traição à Deus”, aprofundando a “apostasia” da nação. Em outro site chamado *Respostas Bíblicas*, temos ainda que Jezabel tentou destruir quem era fiel a Deus, mandando matar os profetas dEle. Além disso, também encontramos um tópico chamado “espírito de Jezabel”, segundo o site, no meio cristão é comum se ouvir tal termo, referindo-se a pessoas manipuladoras, idolatras, conspiradoras; embora não haja algo na bíblia como “espírito de Jezabel”, tal termo é utilizado como adjetivo referente a ações “pecaminosas”.

Sobre essas questões colocadas acerca de Jezabel, gostaria de trazer Geni Núñez, João Oliveira e Mara Lago (2021), para discutir dois pontos apontados na conduta dessa personagem, e que convergem entre si. Por um lado, o politeísmo/paganismo que aprofundou a “apostasia” no seio de Israel. Por outro o tipo de louvação atribuída ao deus Baal, que inclui uma espécie de fornicação/adultério/traição. Núñez, Oliveira e Lago (2021), por meio de um referencial teórico terdisciplinar, que contou com as contribuições de historiografias, estudos descoloniais, anticoloniais e relatos orais, afirmam sobre a importância fundamental da imposição da monogamia para a implementação do projeto colonial. A monogamia reifica o binarismo do pensamento colonial. “Na separação mente e corpo, amor estava para alma, para a elevação do espírito, enquanto carne estava para corpo e pecado” (NÚÑEZ; OLIVEIRA; LAGO, 2021, p. 77 - 78). A posituação do cristianismo e da monogamia demandam necessariamente a negatuação de outras espiritualidades e formas de laços afetivos – também compreendo enquanto afetivo-sexual. Aqui, já podemos visualizar nitidamente, a figura de Jezabel, “demonizada”, uma vez que, pelo que se sabe, mantinha outras maneiras de construir seus afetos - e de compreender afetos e sexualidades, posto que em celebração ao deus Baal, ocorria entre os adoradores, práticas sexuais -, e adorava um deus que não era o deus cristão. “Como traço fundante da colonialidade, o cristianismo - como apregoado pelos jesuítas - não admitia concomitância: para provar amor ao Deus cristão era necessário postular que as demais espiritualidades eram do demônio” (NÚÑEZ; OLIVEIRA; LAGO, 2021, p. 79). Daí que as alegações de adultério espiritual e traição ao Deus, advém da mesma lógica “mono”, “podemos perceber que o monoteísmo cristão se organiza através da monogamia com Deus, em que a prova de fé e o amor a ele só podem ser comprovados com a negatuação, descrédito e ódio a outros deuses” (NÚÑEZ; OLIVEIRA; LAGO, 2021, p. 79). Dito isso, Jezabel pode ser compreendida – e celebrada - como um símbolo de resistência, não é bem o que tal “casa de Jezabel”, parece representar em O Conto de Aia, parece mais uma espécie – ao menos para as

mulheres ali – de escolher uma dentre as opções terríveis. Uma espécie de “Qual ala do inferno tu escolhes? Aproveita enquanto pode escolher”.

Serena Joy, como combinado, leva *Offred* para se encontrar com Nick, o Guardiã da casa, para que a Aia possa engravidar, talvez, uma vez que o Comandante aparentemente é estéril. A partir desse dia, *Offred* passa a se esgueirar até o quarto acima da garagem, para se encontrar com Nick, às escondidas, uma vez que Serena havia sugerido que acontecesse apenas uma vez. Em partes ela sentia vergonha ao pensar em Luke, sentia que o estava traindo. Em partes ela precisava daquilo, mesmo aquilo, era alguma coisa.

Serena Joy chama *Offred*, e demonstra saber que ela saiu com o Comandante, mostrando sua capa azul manchada de batom. Manda a Aia para o quarto, onde sem conseguir dormir passa horas remoendo as coisas que podem lhe acontecer. Os Olhos surgem no meio da noite, ela imagina que vieram para buscá-la, antes que consiga pensar no que fazer, Nick aparece e pede para que ela confie nele. Não é como se ela tivesse muita opção, então se permite conduzir pelos Olhos, passando pelos olhos incrédulos e impotentes do Comandante e sua Esposa. Não sabemos o que aconteceu após isso. *Offred* para de narrar os acontecimentos.

Caminhando para a conclusão, não poderíamos deixar de nos debruçar, em certa medida, sobre o livro “Pureza e Perigo”, de Mary Douglas, originalmente publicado em 1966, que discutindo questões levantadas acerca de religiões, com outros autores, toca em alguns pontos pertinentes para analisarmos parte da sistematização da República de *Gilead*, sem deixar de nos aventurar pelos poros, fronteiras, até a “realidade aqui fora”. Em linhas gerais, o livro começa com uma discussão travada em torno da separação, em dois blocos, das religiões, no século XIX. De um lado um bloco formado por religiões primitivas e de outro pelas grandes religiões do mundo. Isso porque as primeiras, possuíam duas peculiaridades que as separavam, primeiro a inspiração pelo medo, e segundo não faziam diferenciação clara entre profanação e higiene. Dessa separação, deu-se que as, outrora, chamadas religiões primitivas, foram relegadas à mitologia – materialistas -, e as segundas, ganharam status de verdadeiras religiões, pois estas estavam firmemente enraizadas nos valores éticos da vida comunitária – espiritual. E seguindo tal lógica, a vida religiosa de Israel era, em suas fundações, mais ética que qualquer uma, dos povos circundantes. Deste modo, tendo em vista que Israel teria aberto, no curso da história, caminho ao Cristianismo, que do catolicismo caminhou para o protestantismo, o movimento evolucionário estava explícito. Assim, Durkheim estudou Robertson Smith, para mostrar que era necessário mais que a teoria utilitária da psicologia do indivíduo, para explicar o desenvolvimento da sociedade. Era necessário “um consenso comum a um conjunto comum

de valores, uma consciência coletiva” (DOUGLAS, 2014, p. 33). Frazer por sua vez, ignora a questão central de Robertson Smith – a religião verdadeira - e agarra-se ao resíduo mágico. Frazer poderia ter dialogado com Durkheim e a escola francesa, o que teria sido mais frutífero para o pensamento inglês do século XIX. “Em vez disso, podou cruamente os pressupostos evolucionários implícitos em Robertson Smith e atribuiu à cultura humana três estágios” (DOUGLAS, 2014, p. 36). Respectivamente, os estágios seriam: magia, religião e ciência. A autora, busca então mostrar que não é sinal de primitivismo a prática mágica, no sentido de efetivo instantaneamente, tampouco religiões desenvolvidas têm como prerrogativa um conteúdo altamente ético. Partindo numa aventura entre sujeiras, anomalias e ambiguidades, como potências e perigo.

Uma vez esboçado em linhas gerais a obra de Douglas (2014), que trouxe para discussão, me atentarei agora, a alguns de seus pormenores que pretendo dialogar com o “Conto da Aia”, borrando as fronteiras entre tal conto e o que sabemos do mundo aqui fora. São justamente as anomalias e ambiguidades como potências e perigo, que me interessam aqui. Vimos a maneira explicitamente violenta, para dizer o mínimo, de implantação e manutenção do sistema da República de *Gilead*. Esse caráter violento se dava em maior ou menor grau a depender do quanto as pessoas se encaixavam nos padrões estabelecidos pelos filhos de Jacob – isso, em certa medida, até entre eles mesmo -, e em caso de inadequação constatada, eram sentenciadas a morte, lenta ou instantânea. Douglas (2014, p. 15), afirma que “ideias sobre separar, purificar, demarcar e punir transgressões, tem como função principal impor sistematização numa experiência inerentemente desordenada”. Ainda segundo a autora, somente exagerando as diferenças, e nesse ponto entre opostos binários, que um semblante de ordem é criado.

Segundo Douglas (2014), qualquer sistema de classificação pode gerar anomalias, bem como ambiguidades, e os sistemas não podem ignorar tais coisas, pois correm o risco de perder sua confiança. Por isso, supõe a autora, em qualquer cultura se encontra várias providências para lidar com tais situações. As partes e pedaços rejeitados, seja do que for, passam por dois estágios no processo de imposição da ordem, seja na mente ou no mundo exterior. Primeiro, ameaçam a boa ordem, pois estão obviamente fora de lugar, destoam, e assim se mostram extremamente desagradáveis, são então varridas vigorosamente. Há uma ambiguidade nessas coisas, ainda há alguma identidade, e sua semi-identidade as tornam perigosas, pois prejudica a clareza, coerência, da cena na qual se intrometeram. “Mas, um longo processo de pulverização, decomposição e putrefação aguarda qualquer coisa física que

tiver sido conhecida como suja. No fim, qualquer identidade desapareceu” (DOUGLAS, 2014, p. 194). Um lixo não é perigoso, nos afirma a autora, enquanto sua identidade está ausente.

A partir do estabelecimento de uma ordem, entendo então, que todo um mundo, ou melhor, que multiversos de desordem, ficam de fora, nas fronteiras, frestas e fendas. Nesse sentido, a desordem é aquilo que não está de acordo com a ordem que se busca manter, de acordo com a ordem estabelecida e que germinou, por entrar em terreno capaz de lhe possibilitar vida. “Impureza ou sujeira é aquilo que não pode ser incluído, se quiser manter um padrão” (DOUGLAS, 2014, p. 55).

Uma vez que a branquitude ganhou força o suficiente para afirmar-se universal, com o advento das invasões, saqueamento, escravização, extermínio, a chamada globalização, e assim impondo suas práticas de monoculturas sobre a terra, corpos, vidas; multiversos, múltiplas maneiras de organização de sentidos, vivências, foram jogadas, empurradas às margens, fendas, brechas e, pulverizadas tanto quanto foi possível, uma vez que, como afirma Douglas (2014), aí reside tanto perigo, quanto poder que ameaça a estrutura vigente. Nunca fez tanto sentido a insistente e sistemática violência para com corpos-vidas marginalizadas por esse sistema, as tentativas de extermínios, de “assimilação”/“integracionismo”, que é uma tentativa de apagamento e também de morte. Daí também os assassinatos e demais violências dos filhos de Jacob, na República de *Gilead*: que nunca esconderam ser em nome de um bem maior, daquilo que é certo, que é bom – para a ordem que estes acreditam e prezam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos ao longo deste trabalho, que os antropocenos têm como raiz a imposição do “sistema de monoculturas” ocidental (NÚÑEZ, 2021), ou seja, a expansão devastadora de ideias-atitudes em que a morte aos inimigos - que historicamente, assim, foram forjados - é um incidente, um projeto, não um efeito colateral ou um descuido, como vemos em Mbembe (2018), Krenak (2019) e Lestel (2013). Àquela que fora chamada Natureza, junto de corpos-contra-hegemônicos, buscou-se e busca-se a separação, o afastamento e a morte, de modo que a (com)vivência de outrora, que se buscou negar, como uma mancha vergonhosa, porém contrastante da “glória”, agora, obtida; uma vez partida, afastada, desencadeou perda imaginativa e desse modo perda sensitiva, conectiva, onde o gozo fora substituído pela mercadoria, e trouxe consigo e em si as catástrofes que se seguiram e seguem. A diversidade, pluralidade é inadmissível para o sistema de monoculturas, por outro lado, a monocultura é

incompatível com vidas saudáveis, tão longas e duradouras quanto seja possível dentro dos ciclos espiralares da vida, ou de vidas. Apesar de toda a implacabilidade com que as ideias-atitudes ocidentais vêm lidando com corpos-contrahegemônicos, estes continuam (re)existindo e continuarão. A vida estava aqui, antes do Ocidente, antes do “Ser humano”, e continuará depois deste, não da mesma maneira, sabemos, mas continuará, (re)existirá. Krenak (2021), nos (re)conecta com temporalidades-espacialidades, que o tempo linear e o individualismo não poderiam dar conta, quando nos diz que este mundo que recebemos agora, foi empacotado por gerações anteriores a nós, que achamos que caso fosse a gente, teríamos feito melhor. Eu sempre sorrio nessa parte, um riso emocionado que me deixa úmido, os olhos, e com um nó na garganta, quando ele finaliza perguntando qual mundo estamos empacotando para as próximas gerações. Parte significativa da biodiversidade foi dizimada e não será recuperada. Os antropocenos são uma realidade para os mais diversos seres nesta Terra, de diferentes maneiras, em diferentes graus e temporalidades.

Um vez que, de acordo com Wolf-Meyer (2018) os métodos antropológicos sejam insuficientes para responder às questões que propõem, pois a etnografia é mais diagnóstica e descritiva, ao ponto em que a ficção especulativa, por seu turno, ousa ir além, ousa especular sobre as possibilidades nos/dos desdobramentos do mundo-matéria, de/em seus trabalhos. Esta última se mostra uma maneira de oxigenar, ao abrir brecha à asfixia que os métodos da Antropologia a trouxeram. Isso pode ser perigoso? Pode. Vimos com Margaret Atwood os perigos que a ficção especulativa pode trazer. Presenciamos o perigo das *Fake News*, do negacionismo e discursos anti-científicos, questões sobre as quais Almeida (2021) esboçou caminhos de enfrentamento. Não é sobre escolher entre uma coisa ou outra, mas sobre possibilidades de construção ou ainda de tecer juntas, alternativas, com cuidado, dedicação, responsabilidade. Quanto a isso, a ficção especulativa, ou as possibilidades dentro das ficções especulativas podem contribuir significativamente no cultivo, nas artesanias, no regar de alternativas. Mas para isso será necessário não somente que os mais diversos corpos possam escrever, especular, ser lidos e, no caso de produções cinematográficas, ser assistidos, como também é de igual importância que os mais diversos corpos possam ter acesso à essas produções, ponto a ser aprofundado na pós-graduação.

Sendo assim, dado que os antropocenos têm como raiz a postura de morte à diversidade e, que dentro desta, esteja toda a sorte de seres, corpos, afetos, cores, sabores, vivências contra-hegemônicas e vivências que dentro, mesmo de corpos hegemônicos se busca erradicar, negar, suprimir. Se assenta na construção hierárquica e negativa das diferenças. E,

dado que a ficção especulativa, como demonstrado por Araújo e Gomes (2021), possa ser compreendida como a literatura da liberdade para escapar ao pensamento convencional, qual seja, a imposição da monocultura ocidental. No borrar das fronteiras entre a ficção especulativa e antropocenos, seus mundos-matérias emaranhados em mundos-matérias-outros-possíveis-e-já, pode ser, e é um afronto, uma postura de enfrentamento contra-monocultura. Uma vez que uma doença não pode ser erradicada sem que se elimine a raiz e, mesmo que seja eliminada, os estragos ocasionados podem apenas ser reparados, de modo a restar-persistir cicatrizes e sequelas; é imprescindível na busca por amenizar e reparar as catástrofes de que tratamos, uma postura de contra-monocultura e pró-diversidade, que não são, e que não sejam, “apenas” discursos, que sejam também vivências. Histórias não são ‘apenas’ palavras. Falar é verbo que cria mundos, recria mundos, trans-forma mundos. É ato de transitar entre mundos atuais e possíveis, eus-existentes e inexistentes, na expectativa dessa interação que carrega o poder de desrealizar realidades claustrofóbicas, mortais, tecendo poros, brechas e fendas que nos permita vazar, extra-vazar, trans-bordar, para além da imposição monocultural. Não sou um otimista, mas espero que ainda possamos contar-ouvir-viver diversas histórias e, empurrar o céu; que nos comprometamos com a vida, como sugere Ailton, parente Krenak (2021).

Por fim, não poderia deixar de trazer este poema, maravilhoso, de Geni Núñez:

Vestida estou de minha alegria
 Tenho em mim todas as idades do mundo
 Se a maior parte do meu corpo é água,
 também sou rio
 Se só existo, se respiro, também sou vento
 Os trilhões de microorganismos que convivem em mim, em nós, não me deixam
 reivindicar a
 autoria individual do ser o que somos
 Com quantos milhões de seres se faz nosso sorriso, lágrimas, gozo?
 A cada vez que vejo o pôr do sol, a chuva, festejo a lembrança de saber que também
 sou (parte do)
 sol, da chuva, da terra.
 Toda vez que machucamos a terra é uma autodestruição
 Alguns não indígenas dizem não se preocupar com o "meio ambiente" porque sua vida
 humana é
 limitada a uma certa idade e nem estarão aqui quando as coisas piorarem ainda mais.
 Ainda que não se pense nas gerações seguintes de humanos, há que se lembrar que
 nosso corpo
 vai se transformar em terra, bichinhos, planta, o ciclo da vida não tem começo, meio
 e fim, é
 espiralar.
 Eu aspiro que se em outro momento da minha corporalidade eu for peixe, que eu possa
 nadar fora
 de um aquário, que eu possa viver num rio-universo com milhões de outros parentes,
 sem estar em
 cativeiro, sem viver no veneno.
 Se eu for planta, bicho, não vou querer que minha potência de vida seja esmagada
 pelo
 agrotóxico.

Se for nuvem no céu, meu desejo é que possa chover água potável.
Que em nenhuma das minhas/nossas versões impere a monocultura colonial.
Em todas as versões que eu fui, sou e serei, permaneço indígena, originária e nativa
dessa terra.
Reconstruo minha autoestima amando meus parentes: "puxou a cara do rio, é o mar
escrito, é
igualzinha uma árvore".
Isso que quero ouvir e lembrar, com lágrimas nos olhos, as mesmas que orvalham as
folhas,
recupero e retomo meu direito de estar aqui,
com-vivendo e me (des)envolvendo nos fios que fazem nosso planeta-casa continuar
circulando,
sendo mais um entre muitos, pequeno e imenso ao mesmo tempo.
Abraço o que sou e sigo, sorrindo com os trilhões que me habitam.
Em toda forma e cor que fui sou e serei, sou apenas parte e ser parte é infinito
(NÚÑEZ, 2021)⁵⁸.

⁵⁸ Disponível no canal Sesc Ipiranga, no *YouTube*.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 152 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro). ISBN 978-85-98349-69-5.

ALMEIDA, Mauro W. B. – **Anarquismo e Verdade Ontológica no Antropoceno**. Ilha, Florianópolis, v. 23, n. 1, 2021. p. 10-29.

ANTROPOCENO. **Museu do Amanhã**. [S. l.]. [20--?]. Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/pt-br/antropoceno#:~:text=Antropoceno%20é%20um%20termo%20formulado,hoje%3A%20a%20Época%20dos%20Humanos>. Acesso em: 14 jan. 2022.

APÓS 18 meses de pandemia de COVID-19, OPAS pede prioridade para prevenção ao suicídio. **Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS)**, [S. l.], 09 set. 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/9-9-2021-apos-18-meses-pandemia-covid-19-opas-pede-prioridade-para-prevencao-ao-suicidio>. Acesso em: 20 de out. 2021.

ARAÚJO, Naiara; DINIZ GOMES, L. F. *Speculative fiction: The process of hybridization in Science Fiction and Fantasy Literature*. **Jangada: Crítica | Literatura | Artes**, 2021, p. 25–41. <https://doi.org/10.35921/jangada.v1i18.405>. Acesso em: 03 jan. 2022.

ARENDDT, Hannah. **As origens do totalitarismo**. Anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo. São Paulo: Cia das Letras, 1991. p. 391 – 435.

ASSOCIAÇÃO Nacional de Travesti e Transexuais (ANTRA). Disponível em: <https://antrabrasil.org/>. Acesso em: 02 fev. 2021.

ATWOOD, Margaret. **O Conto da aia**. Tradução de Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

AVATAR. Direção de James Cameron. Produção: James Cameron e John Landau. *Disney*. 2009. (161 min). Disponível em: <https://www.disneyplus.com/pt-br/movies/avatar/2YOnkRN4LwZZ?irclid=1WdUHpXwYxyIRFKxg%3A0%3ADUE2UkDxeITqU0GSS40&irgwc=1&cid=DSS-Affiliate-Impact-Content-JustWatch%20GmbH-705874>. Acesso em: 19 fev. 2019.

BARROS, Arísia. Suicídio de jovens e adolescentes pret@s é 45% maior do que de branc@s. Em Alagoas, o percentual de casos dessa população é de 37,2%. **Portal Geledés**, [S. l.], 05 set. 2019. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/suicidio-de-jovens-e-adolescentes-pret-e-45-maior-do-que-de-brancos-em-alagoas-o-percentual-de-casos-dessa-populacao-e-de-372/>. Acesso em: 23 dez. 2019.

BRASIL, Luiza. Dossiê Afrofuturista: saiba mais sobre o movimento cultural. **Portal Geledés**, [S. l.]. 24 set. 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/dossie-afrofuturismo-saiba-mais-sobre-o-movimento-cultural/>. Acesso em: 14 ago. 2019.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Fundação Nacional Do Índio. Instrução normativa nº 9, abril de 2020. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Judiciário, Brasília, DF, ed. 76, seção 1, p. 32. Disponível em:

<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/instrucao-normativa-n-9-de-16-de-abril-de-2020-253343033>. Acesso em: 10 set. 2020.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 184 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro). ISBN 978-85-98349-75-6.

BRITANNICA, Os Editores da Enciclopédia. "Margaret Atwood". *Enciclopédia Britânica*, 7 de março de 2022, <https://www.britannica.com/biography/Margaret-Atwood>. Acesso em: 28 mai. de 2022.

BUTLER, Octavia Estelle. **A Parábola do Semeador**. Tradução de Carolina Caires Coelho. São Paulo: Editora Morro Branco, 2018.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Acesso em: 09 jun. 2022.

CASO Mariana Ferrer: CNJ abre procedimento para analisar conduta de juiz de SC. **G1, Brasília**, 28 set. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/09/28/caso-mariana-ferrer-cnj-abre-procedimento-para-analisar-conduta-de-juiz-de-sc.ghtml>. Acesso em: 30 dez. 2021.

CERCA de 13% da população mundial já comprou 51% das vacinas em teste contra covid-19. **Mídia Ninja**, 24 set. 2020. Disponível em: <https://midianinja.org/news/cerca-de-13-da-populacao-mundial-ja-comprou-51-das-vacinas-em-teste-contracovid-19/>. Acesso em: 16 mai. 2021.

CIENTISTA grava o som que um girassol emite e o resultado é fascinante. **Jornal Tribuna Livre**, [S. l.], 22 set. 2018. Disponível em: <https://www.jornaltribunalivre.com.br/noticia/?mundo/22/09/2018/cientista-grava-o-som-que-um-girassol-emite-e-o-resultado-e-fascinante&id=40>. Acesso em: 06 fev. 2020.

CHABON, Michael. *Le Guin's Subversive Imagination*. **The Paris Review**. [S. l.], 20 nov. 2019. Disponível em: <https://www.theparisreview.org/blog/2019/11/20/leguins-subversive-imagination/>. Acesso em: 17 mar. 2021.

CLUTE, Jonh. *Science fiction and fantasy writer whose great books include The Hand Of Darkness and A Wizard of Earthsea*. **The Guardian website**, [S. l.], 24 jan. 2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2018/jan/24/obituary-ursula-k-le-guin>. Acesso em: 13 jun. 2021.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo**. “Ensaio sobre as noções de Poluição e Tabu”. Lisboa, Edições 70 (col. Perspectivas do Homem, n.º 39), s.d. (trad. por Sônia Pereira da Silva, 1966).

EP. 10 – O Conto Guarani | Leia Autoras indígenas. 2021. 1 vídeo (18 min). Publicado pelo canal Sesc Ipiranga. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=79sC_C8-pQs&t=6s. Acesso em 10 de junho de 2022.

EVARISTO, Conceição. **Olhos D'água**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

EXPORTAÇÕES do agro em março batem recorde de US\$ 11,57 bilhões. **Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento**, 16 abr. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/noticias/exportacoes-do-agro-em-marco-batem-recorde-de-us-11-57-bilhoes>. Acesso em: 24 mar. 2021.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução de Serafim Ferreira. Lisboa: Editora Ulisseia, 1961.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Tradução de coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FRANK, Pricilla. Realismo mágico, história da África e ficção científica: Conheça o Afrofuturismo. **Portal Geledés**, [S. l.]. 26 mai. 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/realismo-magico-historia-da-africa-e-ficcao-cientifica-conheca-o-afrofuturismo/>. Acesso em: 18 set. 2021.

FUNDAÇÃO nacional do índio. **Ministério da Justiça e Segurança Pública**. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/atuacao/povos-indigenas/quem-sao>. Acesso em: 22 jan. 2022.

GARIMPEIROS tentam invadir comunidade na Terra Yanomami em 10º dia de ataques, dizem indígenas. **G1, Roraima, Boa vista**, 20 mai. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2021/05/20/garimpeiros-tentam-invadir-comunidade-na-terra-yanomami-em-10o-dia-de-ataques-dizem-indigenas.ghtml>. Acesso em: 17 jul. 2021.

GILEADE. In: BIBLIA.com. Disponível em: <https://biblia.com.br/dicionario-biblico/g/gileade/>. Acesso em: 20 mai. 2022.

HARAWAY, Donna. **Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes**. *Clima Com Cultura Científica - pesquisa, jornalismo e arte I Ano 3 - N. 5 / Abril de 2016*.

HARAWAY, Donna. **Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Antropologado ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte, Autêntica, 2000.

HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridades significativas**. Tradução de Pê Moreira; revisão técnica e posfácio Fernando Silva e Silva. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HARAWAY, Donna. SF: Science Fiction, Speculative Fabulation, String Figures, So Far. Tradução de Thiago Mota Cardoso e Luiza Dias Flores. **Ada: A Journal of Gender, New Media, and Technology**, No.3. 2013.

INGOLD, Tim. **The perception of the envirnomental: essays on livelihood, dwelling and skill**. Tradução de Ciméa Barbato Bevillaqua. London and New York: Routledge, 2000.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KILOMBA, Grada. **Quem pode falar?** In: **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. 1. Ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. p. 47 – 69.

KILOMBA, Grada. **Suicídio**. In: **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. 1. Ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. p. 187 – 195.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. 2020. 1 vídeo (59 min). Publicado pelo canal *Le monde Diplomatique* Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KRTJIh1os4w>. Acesso em: 28 jul. 2020.

KRENAK, Ailton. 2020. 1 vídeo (28 min). Publicado no canal Lili Schwarcz. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GIz0hRuRXqc>. Acesso em: 15 set. 2020.

LATOURE, Bruno. Para distinguir amigos e inimigos no tempo do Antropoceno. **Revista De Antropologia**, 57(1), 2014, p. 11 – 31. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2014.87702>. Acesso em: 03 set. 2021.

LINN da Quebrada. blasFêmea. 1 vídeo (3 min). Publicado no canal [melissachannel](https://www.youtube.com/channel/UCmLlSjK2ODrEGl). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ptoK2ODrEGl>. Acesso em: 19 fev. 2022.

LE GUIN, Ursula K. **A Curva do Sonho**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Editora Morro Branco, 2019.

LESTEL, Dominique. *The withering of shared life through the loss of biodiversity*. *Social Science Information*. 2013;52(2): p. 307-325. doi:10.1177/0539018413478325. Acesso em: 20 de fev. 2021.

MAMIGONIAN, Beatriz G.; SIQUEIRA, A. P. P. **A campanha abolicionista e a escravidão no século XIX no Brasil, em Cuba e nos Estados Unidos**. In: Adriana Pereira Campos; Gilvan Ventura da Silva. (Org.). **A Escravidão Atlântica**: do domínio sobre a África aos movimentos abolicionistas. Vitória: GM, 2011, p. 39- 74.

MANCUSO, Cecília. *Speculative or Science fiction? As Margaret Atwood shows, there isn't much distinction*. *The Guardian*. [S. l.], 10 ago. 2016. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2016/aug/10/speculative-or-science-fiction-as-margaret-atwood-shows-there-isnt-much-distinction>. Acesso em: 09 mar. 2021.

MANCUSO, Stefano. **Revolução das plantas**: um novo modelo para o futuro. Tradução de Regina Silva. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

MARGARET Atwood: “As utopias voltarão porque precisamos imaginar como salvar o mundo”. **El País, Barcelona**. 29 mai. 2021. Disponível em: <https://brasil-elpais-com.cdn.ampproject.org/v/s/brasil.elpais.com/cultura/2021-05-29/margaret-atwood-as-utopias-voltarao-porque-precisamos-imaginar-como-salvar-o->

mundo.html?amp_gsa=1&_js_v=a6&outputType=amp&usqp=mq331AQFKAGwASA%3D#ampshare=https%3A%2F%2Fbrasil.elpais.com%2Fcultura%2F2021-05-29%2Fmargaret-atwood-as-utopias-voltarao-porque-precisamos-imaginar-como-salvar-o-mundo.html. Acesso em: 30 set. 2021.

MBEMBE, Achile. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n- 1 edições, 2018.

MOVIMENTO indígena apresenta candidaturas nas eleições 2020. **Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB)**. 15 out. 2020. Disponível em: <https://apiboficial.org/2020/10/15/movimento-indigena-apresenta-candidaturas-nas-eleicoes-2020/>. Acesso em: 19 fev. 2021.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021. p. 192 (Feminismo Plurais/ Coordenação de Djamila Ribeiro).

“NÃO estupro porque você não merece”, diz Bolsonaro à Maria do Rosário. 2020. 1 vídeo (2 min). Publicado pelo canal revistaISTOE. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LD8-b4wvIjc>. Acesso em: 15 ago. 2021.

NETO, Damasio Duval Rodrigues. A questão étnico-racial nos tempos do discurso fácil: uma epidemia? **Portal das Ciências Sociais Brasileiras**, São Paulo. Boletim Especial n. 43., 19 jan. 2021. Disponível em: <http://anpocs.org/index.php/publicacoes-sp-2056165036/boletim-cientistas-sociais/2491-boletim-a-questao-etnico-racial-em-tempos-de-criese-n-43>. Acesso em: 16 mai. 2021

NODARI, A. A. literatura como antropologia especulativa. **Revista Da Anpoll**, 1(38), 2015, p. 75–85. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/836>. Acesso em: 11 set. 2021.

NÚÑEZ, Geni. Da cor da terra: etnocídio e resistência indígena. In: **TECNOLOGIA & CULTURA**. Edição especial em comemoração aos 10 anos do Programa de Pós-graduação em Relações Étnico-Raciais (PPRER) do Cefet/RJ (2021) - Rio de Janeiro: Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2021. p. 65 – 73. Disponível em: <http://www.cefet-rj.br/index.php/revista-tecnologia-cultura>. Acesso em: 07 jan. 2022.

NÚÑEZ, Geni. Monoculturas do pensamento e a importância do reflorestamento do imaginário. **ClimaCom – Diante dos Negacionismos**, Campinas, ano 8, n. 21. novembro 2021. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/monoculturas-do-pensamento/>. Acesso em: 13 jan. 2022.

NÚÑEZ, Geni; OLIVEIRA, J. M; LAGO, M. Monogamia e (anti)colonialidades: uma artefaria narrativa indígena. **Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFJF** v. 16 n. 3. dezembro, 2021, p. 76 – 88. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/25229>. 15 jan. 2022.

OCTAVIA E. Butler, *Part 1: Biography and Them*. **The Voice before the Void**. 21 jun. 2015. Disponível em: <https://www.thevoicebeforethevoid.net/octavia-e-butler-part-1-biography-and-themes/>. 13 out. 2021.

POLÍCIA insiste em criminalização de vítimas de massacre do Jacarezinho, mas recusa sobre 29ª morte. **El País, São Paulo**. 08 mai. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-05-08/mortos-na-chacina-do-jacarezinho-sobem-para-29-e-policia-insiste-na-criminalizacao-de-vitimas-sem-provas.html>. Acesso em: 23 set. 2021.

PORTAL da Teia dos Povos. [S. l.]. [20--?]. Disponível em: <https://teiadospovos.org/sobre/>. Acesso em: 11 mai. 2021.

POTTS, Robert. *Ligth in the wilderness*. **The Guardian**. [S. l.], 26 de abr. 2003. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2003/apr/26/fiction.margaretatwood>. Acesso em: 21 out. 2021.

QUEM era Jezabel na Bíblia? In: RESPOSTAS Bíblicas. Disponível em: <https://www.respostas.com.br/quem-era-jezabel-na-biblia/>. Acesso em: 24 jan. 2022.

REDE Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional. Disponível em: <https://pesquisassan.net.br/>. Acesso em: 10 dez. 2021.

REIFSCHNEIDER, Francisco José Becker; NASS, Luciano Lourenco; HENZ, Gilmar Paulo (Org). **Uma pitada de biodiversidade na mesa dos brasileiros**. Brasília, DF: [s. n.] 2014.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro).

SAER, Juan José. **O conceito de ficção**. São Paulo: *Revista FronteiraZ*, n. 8, julho de 2012.

SEGUNDO a bíblia, quem foi Jezabel? In: BIBLIA.com. Disponível em: <https://biblia.com.br/perguntas-biblicas/segundo-a-biblia-quem-foi-jezabel-e-acabe/>. Acesso em: 09 jan. 2022.

SINGH, Vandana. **Manifesto Especulativo**. Tradução de Luiza Dias Flores e Thiago Mota Cardoso. 2008, UFAM. Disponível em:

SONIA Guajajara entre as 100 personalidades mais influentes do mundo. **Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB)**, 30 out. 2020. Disponível em: <https://apiboficial.org/2020/10/30/sonia-guajajara-entre-as-100-personalidades-mais-influentes-do-mundo/>. Acesso em: 03 mar. 2021.

STENGERS, Isabelle. **“L’insistance du possible”**. In: *Gestes Spéculatifs*. Debaise, Didier; Stengers, Isabelle (Ed). Colloque de Cerisy. Tradução [sem revisão] de Luiza Dias Flores e Thiago Mota Cardoso para o Laboratório de Escritas Etnográficas, 2020, UFAM.

STF retira de pauta julgamento de repercussão geral sobre direitos dos povos indígenas. **Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB)**, 23 out. 2020. Disponível em: <https://apiboficial.org/2020/10/23/stf-retira-de-pauta-julgamento-de-repercussao-geral-sobre-direitos-dos-povos-indigenas/>. Acesso em: 15 ago. 2021.

SUVIN, Darko. **Metamorphoses of Science Fiction: On the Poetics and History of a Literary Genre**. New Haven, CT and London: Yale University Press, 1979.

TOLEDO, Karina. Negacionismo científico: a produção política e cultural de desinformação. Entrevista com Renan Leonel à **Agência FAPESP**, 02 set. 2020. Disponível em: https://agencia.fapesp.br/negacionismo-cientifico-a-producao-politica-e-cultural-de-desinformacao/34028/?fbclid=IwAR1IZrjD351C-pnIsbNokb-r6QoRIP_0ViZ2vfyXf3GTobRU7gBZb_NH5dA. Acesso em: 15 abr. 2021.

TORRES, Pedro Henrique Campello; LINKE, Clarisse. **Covid-19 e a política urbana: a densidade não é a vilã**. *Le Monde Diplomatique Brasil*, 8 mai. 2020. [S. l.] Acervo online. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/covid-19-e-a-politica-urbana-a-densidade-nao-e-a-vila/>. Acesso em: 23 fev. 2021.

TSING, Anna Lowenhaupt. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no antropoceno**. ed. Thiago Mota Cardoso, Rafael Victorino Devos. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

VALEK, Aline. Octavia Butler, a mulher com o poder de escrever o futuro. **Portal Geledés**, [S. l.]. 7 abr. 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/octavia-butler-mulher-com-o-poder-de-escrever-o-futuro/>. Acesso em: 21 mar. 2021.

VEGETAL. In: Dicio: Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/vegetal/>. Acesso em 13 jan. 2022.

WOLF-MEYER, Matthew. “*The Necessary Tension between Science Fiction and Anthropology*.” *Theorizing the Contemporary. Cultural Anthropology website, December 2018*. Disponível em: <https://culanth.org/fieldsights/1618-the-necessary-tension-between-science-fiction-andanthropology> [Tradução de Thiago Cardoso e Luiza Flores]. Acesso em: 17 out. 2019.